



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

FELIPE SANTINO DE ARAUJO SILVA

**BOLSONARISMO DIGITAL:  
DO NEGACIONISMO AO GOLPISMO**

---

Londrina  
2023

FELIPE SANTINO DE ARAUJO SILVA

**BOLSONARISMO DIGITAL:  
DO NEGACIONISMO AO GOLPISMO.**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Rafael Braz da Silva

Londrina  
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Silva, Felipe Santino de Araujo.

Bolsonarismo Digital : do negacionismo ao golpismo / Felipe Santino de Araujo Silva. - Londrina, 2023. 123 f.

Orientador: Rafael Braz Silva.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2023. Inclui bibliografia.

1. bolsonarismo digital - Tese. 2. extremismo digital - Tese. 3. CPI da pandemia - Tese. 4. análise sociológica do discurso - Tese. I. Silva, Rafael Braz. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

CDU 316

FELIPE SANTINO DE ARAUJO SILVA

**BOLSONARISMO DIGITAL:  
DO NEGACIONISMO AO GOLPISMO.**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Orientador: Prof. Dr. Rafael Braz da  
Silva  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dra. Fernanda Forte de Carvalho  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Ronaldo Fabiano do Santos  
Gaspar  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. José Julio Nunes Ferreira  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Prof. Dra. Ângela Maria de Souza Lima  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 27 de março de 2023.

## **AGRADECIMENTOS**

A realização deste trabalho não seria possível sem uma grande rede de apoio, formada por pessoas que talvez não façam ideia do tamanho da força que me deram. Nominalmente, gostaria de agradecer aos meus amigos Anthon Hax e Leiliane de Paula, colegas da graduação que seguem para vida, além de Kawane Abel, Bianca Venturini, Lidiane Bitencourt, Jonatas Nogueira, Isabela Veiga, Mateus Lopes, Maria Conceição, Ana Paula Abreu, Pamela Destacio, João Victor Diniz, Victória Rocha, Jadson Mendes, Nanda Fiorucci, Giovana Quintela, Ygor Oliveira, Mariana Vizani, Giovanna Thomazini, e tantos outros que tornaram possível continuar; meu orientador, Rafael Braz da Silva, por todo auxílio na produção deste texto, além de sugestões e conselhos que tornaram possível toda a confecção deste trabalho; à professora doutora Raquel Kritsch, que sem suas críticas ao projeto inicia esta dissertação seria completamente diferente; agradecer os meus pais, Ricardo e Andrea, por todo suporte fornecido ao longo da minha graduação, mesmo com ambos tendo posições políticas e sociais absolutamente opostas às minhas; e agradecer aos meus amigos Agradeço também à banca do exame de qualificação, formada pelo Prof. Dr. Ronaldo Fabiano do Santos Gaspar e pela Prof. Dra. Fernanda Forte de Carvalho, além da suplente Prof. Dra. Ângela Maria de Souza Lima, que ajudaram a corrigir e acertar os rumos desta pesquisa.

Por fim, agradeço a todo corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, e a toda Universidade Estadual de Londrina, por permitir que esta pesquisa fosse realizada.

## RESUMO

SILVA, Felipe Santino de Araujo. **Bolsonarismo Digital**: do negacionismo ao golpismo. 2023. 124 páginas. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Sociologia) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023.

Com o passar de quase três anos ocupando a cadeira presidencial, o governo Bolsonaro teve sua maior crise, com 53% de reprovação popular, segundo pesquisa Datafolha. Soma-se a isso a grave crise sanitária e o escrutínio às ações governamentais no combate à pandemia por parte de uma CPI instaurada no Senado Federal. Nesse momento de grave crise política, a presente pesquisa busca responder como se comportaram os apoiadores de Bolsonaro durante o período de duração da CPI da Pandemia, do final do mês de Abril até o final de Outubro, além de analisar as ações do próprio presidente, dentro do ambiente digital do *Twitter*. Para isso, coletamos dados das postagens dos perfis de 9 apoiadores, além do perfil do próprio presidente, e utilizaremos a Análise Sociológica do Discurso (ASD) para verificar como o discurso destes agentes políticos reflete na realidade social. O guia teórico deste trabalho se dá em três partes: capitalismo de vigilância e em como a arquitetura das redes sociais digitais permitem o surgimento de discursos radicais; a segunda parte aborda a retórica do ódio, técnica discursiva que busca, entre outras coisas, anular e eliminar o outro; e por fim abordaremos a perda de legitimidade do sistema político representativo, apresentando também um breve histórico das condições políticas e sociais que permitiram a Bolsonaro chegar à presidência. Ao final deste trabalho, verificou-se que a aprovação de Bolsonaro é unânime entre os perfis selecionados, mesmo quando o governo age na direção contrária às pautas de campanha; que os perfis selecionados atuam de maneira majoritariamente independente, mas com discursos e pautas semelhantes; e que o futuro da extrema-direita brasileira é incerto após a derrota de Bolsonaro, não podendo-se descartar Bolsonaro ou atestar sua liderança na política nacional.

**Palavras-chave:** Bolsonarismo Digital; Extremismo Digital; CPI da pandemia; Análise Sociológica do Discurso.

## ABSTRACT

SILVA, Felipe Santino de Araujo. **Digital Bolsonaroism**: from denialism to coupism. 2023. 124 páginas. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Sociologia) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023.

With the passage of almost three years occupying the presidential chair, the Bolsonaro government had its biggest crisis, with 53% of popular disapproval, according to a Datafolha poll. Added to this is the serious health crisis and the scrutiny of government actions in combating the pandemic by a CPI established in the Federal Senate. In this moment of serious political crisis, this research seeks to answer how Bolsonaro's supporters behaved during the duration of the Pandemic CPI, from the end of April to the end of October, in addition to analyzing the actions of the president himself, within Twitter's digital environment. For this, we collected data from the posts of the profiles of 9 supporters, in addition to the profile of the president himself, and we will use Sociological Discourse Analysis to verify how the speech of these political agents reflects on social reality. The theoretical guide for this work is divided into three parts: surveillance capitalism and how the architecture of digital social networks allows the emergence of radical discourses; the second part addresses the rhetoric of hate, a discursive technique that seeks, among other things, to annul and eliminate the other; and finally, we will address the loss of legitimacy of the representative political system, also presenting a brief history of the political and social conditions that allowed Bolsonaro to reach the presidency. At the end of this work, it was verified that Bolsonaro's approval is unanimous among the selected profiles, even when the government acts in the opposite direction to the campaign guidelines; that the selected profiles mostly act independently, but with similar speeches and agendas; and that the future of the Brazilian extreme right is uncertain after Bolsonaro's defeat, and Bolsonaro cannot be ruled out or attested to his leadership in national politics.

**Keywords:** Digital Bolsonaroism; Digital Extremism; Pandemic CPI; Sociological Analysis of Discourse.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>REFERÊNCIAL TEORICO</b> .....	<b>14</b>
2.1	A ARQUITETURA DAS REDES SOCIAIS .....	14
2.1.1	O TWITTER .....	17
2.2	COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI? .....	19
2.3	A RETÓRICA DO ÓDIO E AS REDES SOCIAIS .....	25
2.4	CRISE DE LEGITIMIDADE E POLÍTICA DO MEDO.....	29
2.5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	33
<b>3</b>	<b>RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	<b>38</b>
3.1	ABRIL/MAIO: SEMANA COM MENOS POSTAGENS.....	41
3.2	ABRIL/MAIO: SEMANA COM MAIS POSTAGENS .....	49
3.3	JUNHO: SEMANA COM MAIS POSTAGENS .....	58
3.4	JUNHO: SEMANA COM MENOS POSTAGENS.....	63
3.5	JULHO: SEMANA COM MAIS POSTAGENS .....	67
3.6	JULHO: SEMANA COM MENOS POSTAGENS.....	74
3.7	AGOSTO: SEMANA COM MAIS POSTAGENS .....	79
3.8	AGOSTO: SEMANA COM MENOS POSTAGENS .....	83
3.9	SETEMBRO: SEMANA COM MAIS POSTAGENS.....	88
3.10	SETEMBRO: SEMANA COM MENOS POSTAGENS .....	96
3.11	OUTUBRO: SEMANA COM MAIS POSTAGENS.....	101
3.12	OUTUBRO: SEMANA COM MENOS POSTAGENS.....	105
3.13	UM OLHAR GERAL.....	109
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>118</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>120</b>

## 1 - APRESENTAÇÃO

Estamos em 28 de outubro de 2018: Jair Messias Bolsonaro, na época no PSL, acaba de ser eleito presidente do Brasil, com mais de 27 milhões de votos, ou 55,13% do total de votos válidos. Tal eleição marca o fim de quatro eleições seguidas vencidas pela esquerda, que entre seus quatro mandatos ainda sofreu um impeachment, em 2016. Enquanto parcela da população se lamenta, e outra comemora, o presidente eleito se dirige para seu primeiro pronunciamento à nação, mas não nas tradicionais coletivas de imprensa, e sim através de uma *live* em suas redes sociais digitais. Na mesa em que fala, um detalhe chama a atenção: um livro do escritor conservador Olavo de Carvalho.

Apesar de não ser fato isolado no cenário internacional (pensemos em Trump, nos EUA, Salvini e agora Meloni, na Itália, Orbán, na Hungria, e o referendo sobre o Brexit, no Reino Unido) a eleição de uma figura como Bolsonaro chama a atenção. A breve biografia do presidente eleito apresentada por Rocha (2018, p. 178-179) nos ajuda a entender os motivos: Bolsonaro nunca foi, até 2014, um político de expressão nacional. Entre 1990, quando começou sua vida política após ter sido reformado do exército brasileiro, até 2014, recebeu por volta de 100 mil votos por eleição disputada. Em 2014, como destacado, o então candidato a deputado federal recebeu 464 mil votos. Porém, já a partir de 2011, Bolsonaro muda seu discurso: se antes focava em pautas militares, passou também a adotar à defesa aos “bons costumes”.

Outro fator que chamou atenção para a eleição de Bolsonaro foi o seu intenso uso das redes sociais digitais. Não tendo mais do que segundos de espaço na propaganda eleitoral gratuita de rádio e TV, o ex-capitão apostou nas mídias digitais, assim como Donald Trump fez em 2016<sup>1</sup>. A estratégia parece ter dado certo: o candidato do PSL liderava o ranking de mais seguidores no Facebook, com quase 5 milhões, enquanto Lula, líder nas pesquisas eleitorais da época, possuía apenas 3 milhões (Cioccarì, Persichettu, 2018).<sup>2</sup> Porém, outros pesquisadores (Cesarino, 2019; Mello, 2020) notaram também o uso que os apoiadores do então candidato fizeram das redes digitais. Cesarino (2019b) destaca que após ter sido ferido em um atentado

---

<sup>1</sup> Em agosto de 2020, a edição brasileira do jornal El País já noticiava os estreitos laços da família Bolsonaro com o estrategista de comunicação de Trump, Steve Bannon. Para saber mais: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-20/os-lacos-do-cla-bolsonaro-com-steve-bannon.html>

<sup>2</sup> Como abordaremos mais à frente, a ideia aqui não é atribuir a vitória de Bolsonaro ao uso das redes sociais, mas destacar seu uso por parte dele, enquanto presidente, e de seus apoiadores.

à faca, e impossibilitado de seguir fazendo campanha, os apoiadores digitais de Bolsonaro o fizeram por ele.

Essa nova direita capitaneada por Bolsonaro não surge em 2018, muito menos no que ficou conhecido como “Jornadas de Junho” de 2013. Rocha (2021) retoma as origens desse fenômeno ao início dos anos 90, no pós-ditadura militar. Como abordaremos mais à frente, o autor destaca o papel de Olavo de Carvalho como formador intelectual dessa nova direita, tanto ideologicamente, como nas suas práticas discursivas. Camila Rocha (2018) aponta a aliança formada entre diversos grupos distintos identificados com a direita para possibilitar a eleição de Bolsonaro.

Não se pode menosprezar o ambiente digital como fator fundamental da chegada ao poder de figuras como Bolsonaro e seus pares internacionais. Nesse ponto, destacar a organização interna das mídias digitais é tão importante quando ressaltar o uso que se faz de tais redes sociais. A dataficação da vida, o *Big Data* e aquilo que Zuboff (2018) chamou de *Big Other* exercem papel imprescindível para compreender a ascensão dessa nova direita. Trataremos disso na próxima seção, mas é importante destacar agora que a estrutura interna das plataformas de redes sociais não apenas possibilitam discursos de ódio, *Fake News*, desinformação sobre vacinas, entre diversos outros absurdos, como se beneficiam de tais discursos, sendo até mesmo contra os interesses das *big tech* combaterem tais práticas.

A perda da noção de legitimidade no sistema político representativo atua como o terceiro pilar para compreensão do fenômeno da nova direita. Castells (2018) destaca a função que as crises econômicas, e conseqüentemente sociais, desempenham para gerar crises de legitimidade: “aquilo que era aceito porque não havia outra possibilidade deixa de sê-lo. E aquilo que era um modelo de representação desmorona na subjetividade das pessoas”. Em momentos em que o gerir da sociedade entra em crise, novas formas de governar passam a ser consideradas, ainda mais olhando pelo retrovisor e observando o fracasso do modelo atual.

Apresentado o panorama acima, avancemos no tempo. Estamos agora em 2021. O mundo vive uma crise sanitária sem igual nos últimos 100 anos. No momento em que escrevo estas linhas, quase cinco milhões de pessoas morreram pelo novo vírus e suas complicações, sendo mais de 600 mil brasileiros, segundo dados da universidade John Hopkins<sup>3</sup>. A atuação do governo federal frente à crise sanitária

---

<sup>3</sup> Para mais informações: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>

levou a instauração de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para apurar as falhas e omissões do governo Bolsonaro. Vale destacar que durante os momentos mais graves da pandemia, apoiadores, e às vezes o próprio presidente, espalhavam informações enganosas sobre a doença e medidas de proteção individual:

Enquanto isto, a máquina de propaganda do governo Bolsonaro – o chamado “gabinete do ódio” – propagava nas redes sociais grosseiras falsificações, produzindo uma enorme avalanche de contrainformações que visavam negar a gravidade da pandemia e estimular as pessoas a manter sua rotina normal, atacando e difamando os governadores de estados e prefeitos que tinham decretado medidas de isolamento (muitas das quais parciais e insuficientes). (CALIL, 2020, p. 179).

Observa-se que, ainda no âmbito da pandemia, não apenas a doença era contestada, como também governadores e prefeitos de estados e municípios que contrariavam as orientações do governo Bolsonaro. Isto é, o mero de fato de discordar das medidas propostas por Bolsonaro já era motivo suficiente para render ataques de bolsonaristas, muitos destes realizados dentro da internet e das redes sociais.

A discussão travada não se limitava ao vírus, se estendendo também para os adversários políticos do presidente. Dessa forma, a pandemia tornou-se mais um campo de batalha discursivo, com Bolsonaro e seus apoiadores não apenas menosprezando o vírus, como também reafirmando separação política de eles contra nós, amigos x inimigos. Uma guerra discursiva travada no campo da construção de consensos, da definição de amigos e inimigos, do controle da imagem do líder e na exacerbação dos aspectos emocionais para tomada de decisões políticas.

Após quase 3 anos, o governo Bolsonaro viveu seu pior momento. Em pesquisa divulgada pelo Datafolha<sup>4</sup>, em setembro de 2021, Bolsonaro atingiu sua maior reprovação: 53%. Na defensiva, Bolsonaro e seus apoiadores resolvem apostar suas fichas em uma grande manifestação, ocorrida no feriado 7 de setembro, que teria como objetivo provar o apoio popular do presidente e lhe garantir respaldo para sair das “quatro linhas da constituição”, expressão muito usada por Bolsonaro nesse período.

A presente pesquisa propôs-se a coletar as postagens de nove contas, de apoiadores de Bolsonaro no Twitter e a conta do próprio Bolsonaro, a fim de elucidar como atuaram<sup>5</sup>, dentro do ambiente digital, Bolsonaro e seus apoiadores durante o

---

<sup>4</sup> Pesquisa de 17 de Setembro de 2021: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2021/09/1989340-recorde-reprovacao-a-bolsonaro-atinge-53.shtml>

<sup>5</sup> Atuação aqui no sentido de *qual foi o comportamento* deste grupo de perfis selecionados durante a CPI da Pandemia, isto é, buscamos compreender de que forma agiram no ambiente digital enquanto

momento de maior crise do governo. O foco se dá exatamente em perfis de alta audiência, com elevado número de seguidores. Entendemos tais perfis como os formadores de opiniões que são então reproduzidas por perfis menores, de pessoas comuns, não necessariamente engajadas com a militância digital bolsonarista.

Especificamente, busca-se verificar qual o papel do *Twitter* dentro da lógica de atuação digital dos grupos alinhados ao governo Bolsonaro. Além disso, propõe-se apreender os sentidos do discurso desse grupo político, além de seus valores, anseios e visões de mundo.

A coleta de dados se deu através da plataforma *Tweet Beaver*, site que permite o download da *timeline* de usuários do Twitter. O recorte temporal abrange o período de atuação da CPI da Pandemia, entre 27 de abril de 2021, até o final de outubro do mesmo ano.

Por meio da análise sociológica do discurso a partir dos dados obtidos, podemos verificar de que forma atuam os perfis mais influentes dessa nova direita, podendo observar inclusive se sua atuação se dá de maneira orgânica ou articulada, isto é, se o seu apoio dado ao presidente ocorre de forma espontânea ou se existem forças ocultas coordenando a ação destes apoiadores.

Trabalharemos com a hipótese de que o *Twitter*, sendo um espaço com menor tráfego digital, não tão popular quanto o *Facebook*, o *Whatsapp*, e outras redes sociais digitais<sup>6</sup>, atua no sentido de repasse de posições oficiais, que mais tarde são aderidas pelos adeptos e defensores, de menor expressão, do governo Bolsonaro em outros ambientes ou em seus próprios perfis no site. Isso pode ser verificado ao compararmos as falas *off-line* de Bolsonaro e em como elas repercutem no ambiente digital.

Outra hipótese a ser verificada diz respeito à hegemonia de Bolsonaro nesse círculo de apoiadores. A atuação de Bolsonaro visa manter-se como o representante dessa parcela do eleitorado, ao mesmo tempo que faz movimentos políticos para manter sua governabilidade. A exoneração de ministros “ideológicos”, como Arthur Weintraub, Ernesto Araújo, e Fábio Wajngarten, e o embarque do chamado “Centrão”

---

ocorria a CPI, quais temas foram mais relevantes para tal grupo, se houve ataque a opositores, defesa ao governo e suas figuras, e como se deu esses possíveis ataques e defesas.

<sup>6</sup> Como veremos mais à frente, relatórios internos do próprio Twitter apontam que a rede social digital possui mais de 200 milhões de contas ativas. O Facebook, segundo dados da Forbes, possui quase 3 bilhões de usuários. As informações podem ser vistas aqui: <https://www.forbes.com/sites/roberthart/2022/02/03/facebook-loses-daily-active-users-for-the-first-time--heres-where-theyre-going/?sh=47ed3fcf1e6d>

no governo, representado pela nomeação de Ciro Nogueira, do PP, para Casa Civil, indicam divergências entre Bolsonaro e a parcela radical de seus apoiadores que, como veremos mais à frente, defendem pautas antidemocráticas. Em suma, nossa hipótese é de que a hegemonia de Bolsonaro neste campo ideológico pode ser ameaçada por decisões mais pragmáticas adotadas pelo presidente da república.

O *Twitter* ainda é um ambiente digital pouco explorado pelos pesquisadores das ciências sociais. Enquanto diversos autores focam suas atenções no Facebook (Lerner, 2019; Penteadó, 2012; Araujo, Rios, 2012; para citar alguns), outros analisam o papel do *Whatsapp* (Cesarino, 2020; Machado, Koponacki, 2018; entre outros). Mesmo quando fala-se de *Twitter*, como nas pesquisas de Ruiz (2018) e Viscardi (2020), as atenções voltam-se a um único ator político ou em como os demais usuários recebem as publicações.

Nossa pesquisa propõe-se a analisar a atuação de uma “elite” digital dentro deste espaço, isto é, perfis com altos números de seguidores, analisando o papel que estes agentes políticos desempenham na construção das práticas e dos valores dos demais usuários. Ao descentralizar a análise de um ator principal – Bolsonaro – podemos capturar um maior panorama da atuação deste grupo dentro de um espaço que precisa ser mais explorado, no caso, o *Twitter*.

Soma-se a isso o fato de estarmos observando um período de fragilidade desse campo político, de extrema-direita. A crise sanitária, somada à crise econômica e conseqüentemente política, com a atuação da CPI da Pandemia escrutinando as ações do governo Bolsonaro no enfrentamento ao vírus, apresenta um cenário inédito desde às eleições de 2018, onde Bolsonaro e seus apoiadores atuaram na ofensiva. Em 2021, o cenário apresentava um governo acuado, abrindo concessões à classe política tradicional, o chamado “centrão”, em busca de governabilidade, ao mesmo tempo que buscou retomar a posição ofensiva ao convocar seus seguidores às manifestações do sete de setembro, período que abrange nosso recorte temporal de análise.

Por fim, é de suma importância que o estudo aqui realizado poderá servir como parâmetro comparativo de outros momentos do governo Bolsonaro, podendo-se verificar se ocorrem mudanças na forma de atuação do presidente e de seus apoiadores. Análises comparativas com outras figuras semelhantes a Bolsonaro, no cenário internacional, também serão possíveis de serem realizadas a partir da pesquisa que propomos.

## 2 – REFERÊNCIAL TEORICO

### 2.1 - A ARQUITETURA DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS

O advento da internet, e mais especificamente das redes sociais digitais, fez muito mais do que acelerar o processo de transmissão de informação: a internet descentralizou e tirou o monopólio dos grandes meios (redes de televisão, rádio, jornais) para difusão de informação. As redes sociais digitais surgem e alteram a estrutura estabelecida para propagação de ideias. Dentro do Facebook ou Twitter, um usuário comum, sem qualquer formação técnica ou profissional, pode se tornar um comunicador de grande influência. A descentralização da comunicação é constatada com o fato de que basta a popularização de um *post* para que ele se torne, no mínimo, relevante. No começo da década, essa característica das redes sociais digitais foi entendida como “revolucionária” por diversos autores (Mounk, 2019; Pentead, 2011), quando explodem os protestos populares no Oriente Médio, acontecimento que depois viria a ser chamado de “Primavera Árabe”. Protestos e manifestações promovidas e difundidas pelas redes sociais digitais, fortes ao ponto de derrubar alguns ditadores que estavam há décadas no poder, encheram os olhos dos otimistas com as possibilidades apresentadas pelas redes sociais digitais. O horizonte de um mundo mais democrático, com maior participação popular, parecia se formar.

O céu pintado de azul se acinzentou quando as redes sociais se tornaram protagonistas de campanhas políticas que pouco ou nada fizeram para utilizar a capacidade democratizante da rede mundial de computadores para politizar o debate eleitoral. Ao contrário, tais campanhas apostaram numa politização desvirtuada, no ataque a adversários e se aproveitaram da própria estrutura das redes digitais para propagação de mensagens e ideias extremistas, além de mentirosas, como mostrou a eleição de Donald Trump, a vitória do Brexit no referendo europeu, além da consagração de Jair Bolsonaro como presidente do Brasil.

Sem os filtros dessa esfera pública seletiva, a Internet acolheu desde cedo todas as vozes excluídas, sem nenhuma exceção. [...] a web foi prontamente apropriada por grupos progressistas radicais e foi fundamental na organização e propagação de suas ondas de protesto. Da mesma forma, as demandas extremistas de direita, que também eram silenciadas pelos mecanismos de controle da mídia, encontraram nas redes digitais meio perfeito para fortalecer seu discurso. (LERNER, 2019, p. 42)

Ao mesmo tempo em que as mídias sociais digitais eram apoderadas por extremistas, o processo de digitalização da vida, isto é, levar ao ambiente digital aspectos da vida social, como o trabalho em *home office*, tornou-se obsoleto, abrindo espaço para um novo processo: a dataficação.

Muito além da conversão de objetos analógicos em digitais, a dataficação constitui-se como uma forma de mudança comportamental, de ações e conhecimentos baseada na utilização de dados processados por inúmeros sistemas de inteligência artificial, através dos algoritmos. Por meio de um conjunto de métodos de coleta, processamento e tratamento de dados obtidos no meio virtual, é possível realizar predições através da análise de metadados comportamentais (LEMOS, 2021).

A dataficação é então a transformação em dados de nossas atividades dentro do ambiente digital. Qualquer atividade. Dê ver um vídeo, até curtir uma foto. É possível até mesmo descobrir quanto tempo um usuário leva para digitar um texto. “O conhecimento datafocado marca uma virada epistemológica, pois o mundo transformado em dados tornar-se mais transparente, inteligível e facilmente manipulável” (Lemos, 2021, p. 198).

Através da dataficação da vida, surgem novas formas de acumulação de capital. É o que Shoshana Zuboff chama de “capitalismo de vigilância”. Segundo a autora (2018) essa nova forma de capitalismo de informação busca moldar e prever o comportamento humano, buscando o controle sobre hábitos de consumo com o objetivo final de gerar lucro. Trata-se exatamente de um capitalismo de informação, pois os dados de navegação extraídos dos usuários da internet são transformados em um grande banco de informações, o chamado *Big Data*, onde são depois analisados e revendidos para terceiros e, por fim, retornados para nós em forma de propaganda.

Os dados derivados de transações econômicas mediadas por computadores constituem uma dimensão significativa do *big data*. Existem, entretanto, outras fontes, incluindo fluxos que surgem de uma variedade de sistemas institucionais e transinstitucionais mediados por computador. Podemos incluir junto a estes uma segunda fonte de fluxos mediados por computador, que deverá crescer exponencialmente: dados de bilhões de sensores incorporados em uma ampla gama de objetos, corpos e lugares. [...] Uma terceira fonte de dados flui de bancos de dados governamentais e corporativos, incluindo aqueles associados aos bancos, à intermediação de pagamentos eletrônicos, às agências de avaliação de crédito, às companhias aéreas, aos registros censitários e fiscais, às operações de planos de saúde, aos cartões de crédito, aos seguros, às empresas farmacêuticas e de comunicações, e outros mais.

Uma quarta fonte de big data, que fala sobre seu caráter heterogêneo e transemiótico, flui de câmeras de vigilância públicas e privadas, incluindo qualquer coisa, desde smartphones até satélites, do Google Street View ao

Google Earth. A Google tem estado na linha de frente desse domínio contencioso de dados. (ZUBOFF, 2018, p. 27-28).

Nesse contexto de extração, análise e revenda de dados, o amplo uso da internet é de sumo interesse para as grandes companhias de tecnologia. Como aponta Zuboff (2018), interessa mais a quantidade do que a qualidade de dados extraídos. Ou seja, é irrelevante para o *Twitter* se você usa a plataforma da empresa para publicar mentiras relacionadas à vacinação; o fundamental é o número de postagens que você realiza e que podem ser convertidas em dados que serão revendidos para empresas de publicidade, onde irão transformar suas informações em propagandas personalizadas.

A partir da extração dos dados, é possível criar um perfil digital do usuário das redes sociais, como destacam Kritsch, Okura e Sanches (2020). São exatamente estes perfis que possibilitam uma melhor predição comportamental, ao mesmo tempo, estimulam outros tipos de comportamento, passando a exercer ativamente influência no internauta. Essa extração é realizada sem o conhecimento do usuário.

Os processos extrativos que tornam o big data possível normalmente ocorrem na ausência de diálogo ou de consentimento, apesar de indicarem tanto fatos quanto subjetividades de vidas individuais. Essas subjetividades percorrem caminhos ocultos para agregação e descontextualização, apesar de serem produzidas como íntimas e imediatas, ligadas a projetos e contextos individuais. Na verdade, é o status de tais dados como sinais de subjetividades que os tornam mais valiosos para os anunciantes. [...] As subjetividades são convertidas em objetos que reorientam o subjetivo para a mercantilização. Os sentidos individuais dados pelos usuários não interessam ao Google ou às outras empresas nessa cadeia. Dessa forma, os métodos de produção de big data a partir de small data e as formas pelas quais o big data adquire valor refletem a indiferença formal que caracteriza o relacionamento da empresa com suas populações de “usuários”. As populações são as fontes das quais a extração de dados procede e os alvos finais das ações que esses dados produzem. (ZUBOFF, 2018, p. 34)

Outro ponto de destaque da argumentação de Zuboff se dá quando a autora caracteriza o que chama de *Big Other*, uma espécie de entidade digital onipresente que direciona e conduz o comportamento humano. Uma forma de atuação deste ser virtual, exemplado pela escritora, ocorre quando contratos são obrigados a serem seguidos à risca formal, sem espaço para as incertezas naturais do comportamento humano. Isto se aplica tanto no aluguel de um veículo, como em um contrato trabalhista. A exigência do cumprimento rigoroso destes contratos só é possível pela capacidade de extração e análise de dados e a vigilância conseqüente disto.

Dessa forma, o acúmulo de dados extraídos de indivíduos gera tanto um poder econômico, quanto um poder político, de controle social. A vigilância digital de nossos

comportamentos e subjetividades são fonte de renda e de poder social para as grandes empresas de tecnologia. E talvez o aspecto mais cruel dessa lógica de vigilância seja a necessidade criada como indispensável de usufruir das ferramentas oferecidas por estas grandes companhias.

O Big Other é institucionalizado nas funções automáticas indetectáveis de uma infraestrutura global que é considerada pela maioria das pessoas como essencial para a participação social básica. As ferramentas oferecidas pela Google e outras empresas capitalistas de vigilância respondem às necessidades dos indivíduos sitiados da segunda modernidade – e, assim como o fruto proibido, uma vez que são experimentadas, torna-se impossível viver sem elas. [...] As ferramentas da Google não são objeto de valor de troca. Elas não estabelecem reciprocidades construtivas entre produtores e consumidores. Em vez disso, são as “iscas” que atraem os usuários para as operações extrativistas e transformam a vida comum na renovação diária de um pacto faustiano do século XXI. Essa dependência social está no cerne do projeto de vigilância. (ZUBOFF, 2018, p. 50)

Por fim, Zuboff (2018) ainda expõe que a grande diferença do capitalismo tradicional com este de vigilância é o desinteresse das grandes empresas de informação em relação a valores democráticos e ao bem-estar da população geral. Ainda segundo a autora, se nos primórdios do capitalismo era necessário que os trabalhadores tivesse o mínimo de acesso àquilo que produzia, sendo necessários progressos sociais nesse sentido, no capitalismo de vigilância o principal consumidor não é o usuário comum das redes sociais, e sim os grandes anunciantes e compradores de dados, que mais tarde utilizam os dados extraídos para exibir anúncios aos internautas. Exatamente por isso a qualidade do dado é irrelevante, o fundamental é a quantidade.

“Sob o capitalismo de vigilância, a democracia não funciona mais como um meio para a prosperidade; na verdade, ela ameaça as receitas de vigilância.” (ZUBOFF, 2018, p. 59). O direito básico e universal de privacidade torna-se “artigo de luxo” nas mãos dos detentores desta grande máquina de extração de dados. Kritsch, Okura e Sanches (2020) já destacaram os segredos envoltos no funcionamento dos algoritmos que regem a vida social digital. Não possuímos o conhecimento de como tais ferramentas operam, não entendemos as suas formas de atuação. Tais segredos são fundamentais para perpetuar a ação do capitalismo de vigilância.

### 2.1.1 - O *Twitter*

Antes de avançarmos, uma palavra ou duas são necessárias para tratar da rede social digital que integra esta pesquisa, o *Twitter*. Apresentaremos abaixo uma breve

descrição de suas funcionalidades básicas, uma espécie de guia para como o *Twitter* funciona internamente, para seus não usuários.

Fundado em 2006, hoje a plataforma conta com mais de 210 milhões de contas ativas ao redor do mundo, segundo dados do próprio *Twitter*<sup>7</sup>, que considera como “contas ativas” aquelas sendo expostas à publicidade ao longo de determinado período de tempo. Em termos de comparação, em 2020 o número de usuários ativos era de 192 milhões. Ainda sobre isso, o faturamento da empresa em 2020 chegou aos quase 4 bilhões de dólares.

A característica mais marcante do *Twitter* é a limitação do tamanho da mensagem que pode ser publicada. Num primeiro momento, eram permitidos 140 caracteres por publicação, que depois foi expandido para 280. Além disso, quaisquer contas públicas podem ver as publicações umas das outras, não sendo necessário adicionar determinado usuário em uma lista de amigos, como é o caso do *Facebook*. Para isso, basta clicar no botão “seguir”.

A mecânica de funcionamento do *Twitter* é bastante básica e intuitiva, contando com quatro funções primordiais: postar, responder, compartilhar e curtir. Postar, ou *tuitar*, como também é conhecida tal função, possibilita ao usuário que uma mensagem de texto ou áudio (apenas para dispositivos da *Apple*) seja publicada em seu mural virtual de publicações, a chamada *timeline*. Também é permitido a postagem de vídeos e fotos.

Quando uma conta é pública, qualquer outro usuário pode responder às mensagens dos demais. A resposta, ou *reply*, segue a mesma lógica das publicações, podendo ser realizada por texto, áudio, foto ou vídeo. Uma conta privada só pode receber respostas daqueles que tem autorização para seguir tal conta.

Quando se quer ter a publicação de outro usuário presente em sua própria *timeline* usa-se a função de compartilhamento, ou *retweet*. Um *retweet* pode ser simples, quando a mensagem original de outro usuário é inserida em seu mural, ou comentado, onde o usuário pode tecer seus próprios comentários sobre a postagem desejada.

Por fim, caso o usuário não deseje nem responder e nem compartilhar uma mensagem, ele pode simplesmente deixar uma curtida, ou *like*. Essa função não leva

---

<sup>7</sup> Os dados de 2020 e 2021 podem ser encontrados aqui: <https://investor.twitterinc.com/financial-information/quarterly-results/default.aspx>

a mensagem de terceiros para sua *timeline*, mas sim demonstra que outros usuários aprovaram, de certa forma, a postagem em questão.

Apresentadas as minúcias de funcionamento do *Twitter*, podemos seguir.

## 2.2 - COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI?

Começamos este texto em outubro de 2018, com a eleição de Bolsonaro para presidente da república. Mas como um ex-militar que atuou por quase três décadas como deputado, sem qualquer grande feito de destaque no mundo político, conseguiu alcançar o posto de chefe do executivo? Como chegamos até aqui?

Este capítulo não busca encerrar a discussão sobre as causas da eleição de Bolsonaro, muito menos apresentar os detalhes da conjectura política que permitiu a ascensão do que se passou a denominar de “bolsonarismo”. Tal tipo de pesquisa rende uma tese inteira. Nosso objetivo aqui é apontar fatores-chave para compreender a crise política, tanto no âmbito da legitimidade quanto em seus aspectos institucionais, que tornou viável a vitória de um agente político como Bolsonaro.

É impossível entender o ambiente político de 2018 sem passar pelo processo de impeachment, contra a então presidenta Dilma Rousseff (PT), em 2016. Mas diversos autores, como Leonardo Avritzer (2016), Wanderley Guilherme dos Santos (2017) e Luiz Felipe Miguel (2019) entendem que o golpe parlamentar de 2016 teve como base os próprios governos do PT, além de um combate demagogo à corrupção e a influência midiática. Isto é, para compreendermos a crise de legitimidade que se instaurou no país ao longo da última década precisamos voltar aos governos Lula.

Ao ser eleito, em 2002, o ex-metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva encontrou um congresso cuja maioria de membros não representava a agenda política do Partido dos Trabalhadores. A coligação que elegeu Lula contava com a presença do Partido Liberal, o mesmo PL que hoje é a sigla de Jair Bolsonaro. Naquele momento, a presença de um partido de então centro-direita indicava o caminho que o PT seguiria agora comandando o executivo: o presidencialismo de coalizão, caracterizado pela distribuição do poder político entre diversos agentes e partidos diferentes em troca de governabilidade e aprovação de projetos.

Avritzer (2016) destaca que mesmo tendo gerado estabilidade por um longo período de tempo, o tipo de governabilidade do presidencialismo de coalizão tende a gerar questionamentos sobre a legitimidade e produzir instabilidades no sistema

político. Ou seja, tal maneira de governar gera estabilidade na governabilidade, mas instabilidade no sistema político como um todo, além de questionamentos sobre tal forma de governo.

O problema se agrava quando no segundo mandato, após ter enfrentado a crise do escândalo do mensalão, um esquema de pagamento mensal de propina à parlamentares em troca de apoio político, Lula expandiu o presidencialismo de coalização, entregando mais cargos e ministérios para agentes políticos tradicionais, notavelmente ao então PMDB (hoje, MDB).

No segundo mandato do presidente Lula, começa a se manifestar uma questão que atingirá sua plena configuração a partir de 2013: de que há uma relação entre a forma de governo, no caso o presidencialismo de coalizão, e a incidência da corrupção. (AVRITZER, 2016, p. 48)

Além da relação entre o modo de governo petista e a corrupção, que abordaremos em seguida, uma das condições para o presidencialismo de coalizão era a de enfraquecimento dos movimentos sociais, que forneciam a base de apoio popular aos governos petistas, em detrimento de um apoio da elite política e econômica. Avritzer (2016) observa que os conflitos entre a base ruralista/agrária do governo Dilma e os movimentos sociais, como no caso da construção da usina hidroelétrica na reserva indígena de Belo Monte, afastou, do governo Dilma, movimentos populares. Tal fato ajudou a resultar na perda da hegemonia política da esquerda dos movimentos de rua, como foi visto nas manifestações de julho de 2013, que trataremos mais para frente.

Segundo Miguel (2019, p. 74) “o PT enfraqueceu sua própria base de apoio, como ficou patente na crise que derrubou a presidente Dilma Rousseff e na resposta à perseguição judicial e prisão política do ex-presidente Lula” e que tal movimento representou a “garantia dada ao capital de que a inflexão moderada, pragmática ou conservadora, expressa em documentos como a Carta aos brasileiros da campanha em 2002, não seria letra morta”.

Ao mesmo tempo que a governabilidade alcançada através do presidencialismo de coalização levantava dúvidas sobre a legitimidade do sistema político, tal forma de governo também minava a base popular que ajudou a levar o Partido dos Trabalhadores ao comando do poder executivo. Tal congruência de fatores deixou o PT indefeso frente aos ataques que viria a receber.

A corrupção, fato inegavelmente presente nos governos petistas, foi atribuída única e exclusivamente como responsabilidade do Partido dos Trabalhadores, como se tal prática houvesse surgido na vida pública apenas após a ascensão de Lula ao posto de presidente da república. Miguel (2019) destaca que além da seletividade da indignação com a corrupção, houve também o maniqueísmo no tratar da questão. Segundo o autor, o fator corrupção não foi entendido como um mal do sistema político, mas como fruto de desvios morais individuais. Com isso, a resposta para combater esta prática se tornou mais uma questão de punições rigorosas do que de reformas políticas. Dito em outra maneira, atacou-se o sintoma, não a doença.

Houve, sem dúvida, frustração autêntica gerada pela descoberta que a probidade petista estava muito longe daquilo que o partido alardeava. Mas a narrativa da decadência moral, por relevante que seja, não explica o desdobramento, que é a singularização do PT como único responsável pelos desvios éticos na política brasileira, para não dizer por todos os males do país. Há aí a confluência entre o incômodo com a (pequena) ascensão social dos mais pobres, o discurso propalado pela mídia e a ação da oposição de direita. (MIGUEL, 2019, p. 111)

Avritzer também aborda a questão do incômodo da classe média com as políticas sociais dos governos petistas, e a conseqüente ascensão social dos mais pobres. O autor afirma que “a classe média passa por uma redefinição do seu papel social e dos serviços aos quais tem acesso. É essa redefinição que a tem levado a um reposicionamento em relação ao sistema político existente no país” (2016, p.123). A questão vai muito além de um simples “não gostar de pobre”, com a classe média tradicional vendo seu lugar na pirâmide social mudando. É uma transformação de entendimento de seu lugar no corpo social, por mais abjeto que possa ser esse incômodo com as políticas sociais.

A rejeição ao progresso econômico dos mais pobres é o denominador comum entre os golpistas de 1964 e 2016, segundo Santos (2017). Outra semelhança apontada pelo autor entre o golpe militar de 64 e o impeachment de Dilma, em 2016, é o discurso de combate à corrupção. O autor (2017) discorre que na grande maioria das vezes as denúncias de corrupção ocorrem contra governos de inclinação popular, de esquerda. E de que tal discurso contra a corrupção serve de pretexto para o desmonte das políticas públicas de benefícios aos mais pobres, não havendo o verdadeiro interesse de se combater as práticas de desvios públicos.

A ideia de combate à corrupção como pretexto para atacar governos populares de esquerda se reforça ao olharmos para os dados.

O problema, no entanto, é o processamento seletivo da informação sobre corrupção. O número de prefeitos petistas impedidos por corrupção, por exemplo, é menor do que o de todos os grandes partidos; o número de candidatos do PT bloqueados pela Lei da Ficha Limpa é menor do que o de todos os grandes partidos. Portanto, não parece certo que exista uma correspondência entre governo do PT e aumento da corrupção, tal como se vê nas notícias divulgadas pela grande imprensa. Contudo, as classes médias das regiões Sul e Sudeste detêm essa percepção [...] (AVRITZER, 2016, p. 113)

Mesmo tendo reforçado os órgãos de enfrentamento à corrupção, como a Polícia Federal e a Controladoria Geral da União (CGU), a pecha de corrupto tem caído justamente no colo do PT (Avritzer, 2016). Ou seja, mesmo não sendo o partido mais corrupto em termos de prisões de prefeitos ou de candidatos ficha-suja, e tendo, de fato, criado mecanismos para combater os desvios, o Partido dos Trabalhadores é quem “paga o pato” pela corrupção sistêmica da política brasileira.

Tal comunhão de fatos resultou nos protestos de 2013 que ficaram conhecidos como “Jornadas de Junho”. Inicialmente, eram manifestações que cobravam a redução do valor das passagens do transporte público, mas logo mudaram de caráter, incorporando pautas da classe média conservadora que via seu lugar no estamento social se transformando ao longo dos governos Petistas. Avritzer (2016) destaca que tal movimento só foi possível pelo afastamento do PT com os movimentos sociais, que se deu por conta de conflitos de agenda entre os anos de 2011 e 2013. Pela primeira vez desde 1964, o país assistia à direita tomar as ruas.

Talvez o ponto mais importante dos protestos de 2013 foi avivar na oposição petista os ânimos para ocupar um espaço antes dominado pelo campo da esquerda. Se nesse primeiro momento as manifestações usurpadas pela direita reivindicavam combate à corrupção, melhorias nos serviços públicos e outras pautas difusas, após as eleições de 2014 esse cenário se converteria em uma única pauta: a derrubada de Dilma Rousseff.

Miguel (2019) e Santos (2017) concordam que as sucessivas derrotas eleitorais radicalizam a direita brasileira. Vale lembrar que o resultado final da eleição de 2014 mostrou Dilma Rousseff com 51,64% dos votos válidos, contra 48,36% do candidato da oposição, Aécio Neves (PSDB). Ou seja, a estreita margem já indicava um país dividido. A direita que saiu derrotada das urnas não demorou a radicalizar seu discurso.

Na realidade, como é notória, a decepção do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e associados foi profunda e democraticamente letal. Conduzidos, desde o dia seguinte à apuração dos votos, pelo candidato presidencial derrotado Aécio Neves, eles percorreram o trajeto histórico dos

antigos golpistas: primeiro acusaram os vitoriosos de fraude eleitoral, depois, de corrupção. Reprise da eleição de 1950, de Vargas, e da de JK em 1955. E bandeira gêmea do anticomunismo de 1964. Aécio Neves propôs a flâmula do impedimento, aceita de imediato pelo Partido Popular Socialista (PPS) de Roberto Freire e, gradativamente, pelos demais membros do PSDB e Democratas (DEM), terminando por contaminar todas as frações inconformadas das demais bancadas da Câmara dos Deputados. Quando a esquerda despertou, diante da adoção da derrotada agenda direitista, era tarde. (SANTOS, 2017, p.42)

Os fatos expostos acima dão o contexto da derrubada de Dilma Rousseff, mas também mostram como foi gestada a direita que viria a vencer as eleições de 2018, com Jair Bolsonaro ocupando o posto de representante máximo desse movimento. Aqui é importante falar uma palavra ou duas sobre estes novos protagonistas da vida pública brasileira.

São três as vertentes principais da direita reacionária e conservadora brasileira, identificadas por Miguel (2019). São elas: os ultraliberais, os fundamentalistas religiosos e os anticomunistas.

Os ultraliberais cumprem o papel de fornecer uma base ideológica para essa ascendente força política. Paradoxalmente, estes ultraliberais não possuem o menor pudor em defender pautas conservadoras, como a proibição do aborto e a restrição de direitos civis a pessoas da comunidade LGBTQIA+. É o que passou a se denominar de “liberal na economia, conservador nos costumes”. O que se busca com tal léxico argumentativo é se desassociar por completo das forças progressistas. Ora, o liberalismo clássico defende a autonomia individual, logo questões como o aborto ou a união homoafetiva dizem respeito apenas aos indivíduos, não cabendo ao governo intervir em tais pautas. Com isso, cria-se um antagonismo absoluto com a esquerda.

Já “o fundamentalismo se define pela percepção de que há uma verdade revelada que anula qualquer possibilidade de debate” (Miguel, 2019, p. 102). Aqui reforça-se o antagonismo com o campo progressista, transformando o embate em uma luta do “bem” contra “o mal”. Tal tese parece uma progressão natural da indignação seletiva contra os escândalos de corrupção, atribuindo tal prática como responsabilidade dos governos Petistas.

Por fim, as ideias anticomunistas ganham eco e força com as eleições de diversos líderes populares por toda América Latina. Se antes a ameaça era a longínqua União Soviética, agora os temerários da ameaça vermelha viam o fantasma do comunismo do outro lado da fronteira brasileira. Tanto o “bolivarianismo” venezuelano quanto organizações partidárias da esquerda latino-americana, como o

Foro de São Paulo, assumiram “a feição de uma conspiração para dominar o subcontinente”. (Miguel, 2019, p. 104)

Reis (2020) observou processo semelhante no arco de alianças de Bolsonaro. Segundo o autor, a grande vantagem do então presidente foi conseguir aglutinar em seu apoio forças que não constituíram, ao longo de sua trajetória política, sua base de apoio. Tais forças são constituídas pelos membros do aparato de segurança pública, como a polícia, instituição usada pela ditadura militar na perseguição a opositores de esquerda; as igrejas evangélicas; e, por fim, ao que o autor chama de “o andar de cima”, isto é, a burguesia nacional (REIS, 2020). Se observarmos as análises de Miguel e Reis, veremos que Bolsonaro foi capaz de guiar e representar uma resposta aos anseios da nova direita radical que surge ao longo dos governos petistas.

Em resumo: a ação conjunta contra um inimigo comum levou a direita a um programa *sui generis*, segundo o qual o Estado deve se abster de interferir nas relações econômicas e de prover serviços, mas regular fortemente a vida privada em defesa da família tradicional, contra a homossexualidade e contra os direitos das mulheres. (MIGUEL, 2019, p. 105).

Retomando tudo que foi discutido até aqui, teremos um quadro mais claro de como chegamos a 2018 com a eleição de Bolsonaro. Com a necessidade de manter governabilidade, o Partido dos Trabalhadores aderiu por completo ao presidencialismo de coalizão. Apesar de tal estratégia ter dado certo num primeiro momento, posteriormente acabou por fomentar questionamentos sobre a legitimidade do sistema político brasileiro, e, talvez mais grave, minou o apoio dos movimentos sociais aos governos do PT, sua mais antiga base de apoio.

O auge da crise do presidencialismo de coalizão ocorre em junho de 2013, momento histórico alimentado pela indignação seletiva e maniqueísta que atribuía toda a culpa pela corrupção nos governos de Lula e Dilma. É em 2013 também que dois movimentos ficam claros: a diminuição da base popular de apoio ao Partido dos Trabalhadores, ao mesmo tempo, emergiram ao protagonismo da vida pública forças políticas que estavam adormecidas desde a ditadura militar.

A radicalização da direita após a derrota de 2014 concentrou-se em três vertentes: os ultraliberais, os fundamentalistas e os anticomunistas. Bolsonaro foi quem melhor soube se colocar como representante desta parcela da população, ocupando o espaço que antes pertencia ao PSDB. Com isso, tais forças políticas acabaram por se tornar a base popular que alçou Bolsonaro ao posto de presidente da república.

E foi assim que chegamos aonde chegamos.

### 2.3 - A RETÓRICA DO ÓDIO E AS REDES SOCIAIS

Como vimos anteriormente, as grandes empresas de tecnologia da informação não se preocupam com o tipo de postagem que são feitas em suas plataformas, priorizando a quantidade de publicações. Esse fato abriu a oportunidade para que tais espaços fossem utilizados por grupos extremistas para divulgação de suas ideias. Onde queremos chegar? É exatamente pela arquitetura das redes sociais que é possível que vozes antes excluídas do debate público possam ser impulsionadas ao ponto de ajudarem a eleger presidentes e outros representantes.

Como nos mostra Rocha (2021), Olavo de Carvalho foi um dos personagens que melhor aproveitou a estrutura das redes sociais. O autoproclamado filósofo, não encontrando o reconhecimento dos seus pares, aproveitou a internet para construir seu círculo de influência, em um momento em que o debate político e cultural brasileiro estava – segundo o próprio Olavo de Carvalho – dominado pelo campo da esquerda. Para Rocha (2021, p. 105) “é onipresente, obsessivo até, o recurso retórico ao fantasma da hegemonia cultural da esquerda” e que é esse mantra que “assegura a excitação permanente das massas digitais e sem o qual dificilmente se concebe a coesão discursiva que engessa os militantes bolsonaristas”.

Eis: na percepção da emergente juventude de direita, na década de 1990, o establishment cultural era dominado pela esquerda, assim como, a partir de 2002, o establishment político foi dominado pela conquista da presidência pelo PT. As sucessivas vitórias, legítimas e democráticas, do PT nas eleições presidenciais converteram aquela percepção em retrato fiel da realidade. Nesse espaço de experiência, delimitado pela hegemonia cultural (e agora também política) da esquerda, a esperança de transformação residia na projeção de um horizonte de expectativas no qual aquela hegemonia seria abertamente contestada e, se possível, superada. Em tal contexto, compreende-se que a atuação de Olavo de Carvalho fosse vista como revolucionária; afinal, num ambiente esquerdista, ser de direita era a senha para o reino encantado da transgressão ideológica, com direito inclusive a oxímoros antes inconcebíveis: o conservador-exterminador do “passado-presente vermelho”; o subversivo de direita; o iconoclasta engravatado da missa das 11h; o carola rebelde da revolução permanente pela preservação da família; o cristão que, em lugar de oferecer a outra face, prefere mesmo quebrar a cara dos ímpios; entre tantas encarnações improváveis que dominam a paisagem política nos últimos anos. (ROCHA, 2021, p. 136)

A ascensão dessa nova direita coincide justamente com o surgimento das redes sociais digitais, e suas imensas possibilidades, como já foi dito. Apoderando-se como pode, Olavo de Carvalho usou a internet para alavancar suas visões de mundo. Camila Rocha (2018, p. 19) entende que Olavo de Carvalho foi fundamental na

formação do que a autora chamou de “*contra-públicos*” da internet, isto é, um grupo de indivíduos que se opunham à forma em que a imprensa em geral tratou os governos petistas na era Lula. O discurso de Olavo diferia do “tom impessoal” da grande mídia, e quando era proferido levava ao choque. O teor agressivo da oratória Olavista foi o que lhe afastou do centro do debate político nos anos 2000, e esse distanciamento fortaleceu a ideia de Olavo de Carvalho como uma voz dissonante, que falava o que *eles* (a grande imprensa, dominada pela “hegemonia cultural esquerdista”) não queriam que *você* soubesse.

O crescimento da popularidade de Olavo de Carvalho nos fóruns digitais dos anos 90 resultou não apenas na maior disseminação das suas ideias de uma fantasiosa “hegemonia esquerdista” e uma eminente revolução cultural gramsciana, mas também na adoção, por parte do público que frequentava tais fóruns, do próprio estilo retórico e a forma de linguagem de Olavo, marcada por muitos palavrões e duros ataques contra quem se entendia como inimigo (ROCHA, 2018)

Para entender do que se trata essa “hegemonia esquerdista”, citada por Rocha (2018), é importante voltar-se para as crenças que formam o sistema de pensamento de Olavo de Carvalho, crenças que encontram ecos em atores políticos da nova direita. É assim que João Cezar Rocha sintetiza o sistema de crenças Olavista:

Reúna anticomunismo paranoico com uma ideia mofada de alta cultura, acrescente teorias conspiratórias de dominação mundial com atribuição raivosa de analfabetismo funcional para todo aquele que discorde do “seu mestre mandou”, associe a lógica da refutação ao emprego consciente do mecanismo do bode expiatório, relacione a retórica do ódio com palavras de baixo calão e, se ainda assim houver algum contratempo, o mágico tira da cartola uma arrojada tentativa de tomada do poder [...]. (ROCHA, 2021, p. 88-89)

Guerra cultural, como destacado por Rocha (2021), é um dos pontos centrais no pensamento Olavista. Em resumo, prega-se que a esquerda<sup>8</sup> possui uma hegemonia cultural na sociedade, e isto seria a base de seu poder político. Porém, tal hegemonia foi conquistada de maneira silenciosa, gradualmente, sem alarde. Dessa forma, a esquerda opera como um tipo de inimigo invisível que precisa ser combatido, derrotado, e eliminado. Guerra cultural, com “guerra” sendo empregada no sentido bélico de fato. Como afirma Castelo Branco (2019), o inimigo desta direita não é mais

---

<sup>8</sup> Esquerda aqui compreendida como qualquer um que se oponha ao pensamento dessa nova direita. Segundo Rocha (2018, p. 18), até mesmo o PSDB faria parte desse complô de dominação cultural, segundo os seguidores dessa linha de pensamento.

o Estado, e sim jornalistas, professores e militantes de toda a espécie associados ao pensamento de esquerda.

É bem verdade que tal pensamento não se origina em Olavo de Carvalho. Porém, tal autor “desempenhou, com rara eficácia, o papel de artífice de um sistema de crenças, cujo caráter binário, maniqueísta mesmo, favoreceu a adesão apaixonada, irracional até, de um número sempre crescente de adeptos ao longo de décadas de pregação” (Rocha, 2021, p. 60).

Mas além de indicar um sistema ideológico, a grande contribuição de Carvalho para a nova direita foi fornecer-lhes uma técnica discursiva, denominada por Rocha (2021) como retórica do ódio. Justamente por se tratar de uma técnica, é algo que pode ser passado adiante, sendo apropriado por diferentes atores políticos. Tal técnica, quando empregada pelos seguidores de Olavo de Carvalho, possui um alvo específico: a “esquerda”, ou o que os adeptos de tal método identificam como esquerda. Dentre os procedimentos da retórica do ódio, o autor destaca: a desqualificação nulificadora e a hipérbole descaracterizadora.

A desqualificação nulificadora caracteriza-se pela redução do “adversário ideológico num outro tão absoluto que ele passa a se confundir com um puro nada, um ninguém de lugar nenhum” (Rocha, 2021, p. 154). Busca-se a completa desumanização do outro. Adversários políticos passam a ser apenas “comunistas”, “isentões”, “globalistas”, entre outros. Uma vez tirado o caráter humano dos adversários, pouco resta de qualquer tipo de pudor político.

São três os níveis da desqualificação nulificadora: primeiro, satiriza-se o nome do adversário. São os casos de quando Lula torna-se “Luladrão”, ou Dilma vira “DilmANTA”. Sobrou até para a CPI da Pandemia, que virou “CPI do circo”; o segundo nível é a estigmatização do outro, quando, por exemplo, o ex-juiz e ex-ministro de Bolsonaro e hoje senador, Sérgio Moro (União Brasil), foi taxado de comunista pelos apoiadores do presidente, após debandar do governo e acusar Bolsonaro de interferência na polícia federal; já o terceiro e último nível é revelador: trata-se da “eliminação do outro, pois no âmbito da retórica do ódio, o adversário é sempre e somente um inimigo a ser eliminado” (Rocha, 2021, p. 162). Uma vez desumanizado e satirizado, resta apenas a eliminação do opositor, seja esta simbólica ou literal.

Ao realizar um mapeamento das páginas autodenominadas conservadoras no *Facebook*, Lerner (2019) identificou um padrão semelhante ao caracterizado por Rocha: a definição clara de inimigos.

A tônica mais forte da comunidade Conservadora Política é o rechaço ao outro. Grande parte das páginas de maior centralidade se dedicam a publicar conteúdos contra algum grupo identificado como ameaça: são anti-esquerda, anti-feministas, anti-gays, anti-ateus, etc. Rebatendo essas aversões, é possível concluir se tratarem de páginas de direita, machistas, heterossexuais homofóbicas e tementes a Deus. A dualidade do pensamento em pares opostos desponta desde já como organizadora da mentalidade conservadora. (LERNER, 2019, p. 131)

A estigmatização é fator comum nas páginas conservadoras do *Facebook*. Aqueles tachados como inimigos são definidos como comunistas, gays, ateus, defensores dos direitos humanos, feministas, entre diversos outros adjetivos associados ao campo progressista. Percebe-se a incapacidade de compreender o outro como um ser humano, alguém capaz de mudar suas posições e opiniões. Uma vez compreendido como um “esquerdista”, o indivíduo perde toda sua individualidade, tornando-se parte de um bloco homogêneo maior, os inimigos a serem combatidos (Lerner, 2019). Percebe-se os três níveis da desqualificação nulificadora descrita por Rocha.

Já o segundo procedimento da retórica do ódio, hipérbole descaracterizadora, apresenta-se quase como que um recurso argumentativo.

O cacoete da redundância pretende manipular a consciência do leitor, já que a reiteração sistemática do que se acabou de dizer condiciona a recepção, que, assediada pelo mesmo sentido, uma e de novo outra vez e ainda outra, não pode senão aceitar o argumento inteiro, confundindo reflexão filosófica com experiência iniciática. (ROCHA, 2021, p. 165)

O discurso que adota tal técnica busca a todo momento reafirmar e confirmar suas suposições. Não existe espaço para interpretação, tudo que se pretende fazer entender é reforçado no próprio texto. Nesse sentido, “a hipérbole olavista é descaracterizadora porque suprime deliberadamente as mediações entre os pontos tratados num argumento qualquer” (Rocha, 2021, p. 170).

Por fim, vale destacar que o uso de tais técnicas da retórica do ódio não significam necessariamente a adesão do interlocutor ao campo de pensamento de Bolsonaro ou Olavo de Carvalho. Como foi dito, trata-se de uma técnica e esta pode ser apropriada por diferentes agentes políticos. Porém, ter em mente este conceito nos ajudará em demasiado a compreender como atuaram os defensores do governo durante seu momento de maior crise, ao longo da CPI da Pandemia.

Ao longo desta pesquisa, veremos como a retórica do ódio é empregada pelos bolsonaristas digitais. A escolha de inimigos particulares em momentos específicos evidencia bem como tal tática discursiva é utilizada. Um exemplo disso, que será

apresentado mais à frente, é na escolha do senador e relator da CPI da Pandemia, Renan Calheiros (MDB), como alvo de ataques digitais.

No primeiro momento, buscou-se desqualificar a CPI através da desqualificação do próprio Calheiros. O uso da desqualificação nulificadora fica explícito em publicações que chamam o senador de “vagabundo”, inclusive através de uma *hashtag*. E a repetição destas ofensas reforça a ideia de hipérbole descaracterizadora.

Sendo impossível anular toda uma CPI, a estratégia dos bolsonaristas voltou-se para anular os membros da oposição que integravam a comissão parlamentar. E talvez o dado mais importante, que veremos adiante, seja o fato de que não houve defesa do governo ou de suas ações, mas sim o mero ataque aos adversários, por meio da técnica discursiva da retórica do ódio.

Extrapolando o recorte temporal da pesquisa, é curioso observar como as táticas da retórica do ódio foram usadas nas eleições gerais de 2022, sendo inclusive adotadas pelo campo progressista. Tal fato reforça a ideia de que está artimanha discursiva, identificada por Rocha (2021), não se limita ao uso da extrema-direita.

Mas de onde se originam os sentimentos que alimentam não apenas os usuários da retórica do ódio, mas todos aqueles descrentes com a política tradicional? A seguir, veremos como a crise de legitimidade política originou-se e possibilitou o surgimento desse momento político.

#### 2.4 - CRISE DE LEGITIMIDADE E POLÍTICA DO MEDO

A crise de legitimidade política origina-se em uma crise de representatividade, quando os cidadãos de uma determinada democracia não veem mais seus interesses representados por aqueles eleitos exatamente para levarem à frente suas reivindicações. Rocha (2018, p. 127) observou que os ultraliberais, que viriam a formar a nova direita brasileira, frequentavam as comunidades digitais de Olavo de Carvalho exatamente por não se verem representados nos públicos dominantes, onde a defesa de um pensamento liberal e a oposição ao governo petista era realizada, majoritariamente, por grupos alinhados com o PSDB, partido que já era entendido por Olavo de Carvalho como alinhado ao plano de dominação cultural esquerdista.

Na realidade, a democracia se constrói em torno das relações de poder social que a fundaram e vai se adaptando à evolução dessas relações, mas privilegiando o poder que já está cristalizado nas instituições. Por isso não se

pode afirmar que ela é representativa, a menos que os cidadãos pensem que estão sendo representados. Porque a força e a estabilidade das instituições dependem de sua vigência na mente das pessoas. Se for rompido o vínculo subjetivo entre o que os cidadãos pensam e querem e as ações daqueles a quem elegemos e pagamos, produz-se o que denominamos crise de legitimidade política; a saber, o sentimento majoritário de que os atores do sistema político não nos representam. [...] A política se profissionaliza, e os políticos se tornam um grupo social que defende seus interesses comuns acima dos interesses daqueles que eles dizem representar: forma-se uma classe política, que, com honrosas exceções, transcende ideologias e cuida de seu oligopólio. (CASTELLS, 2018, p. 11)

O que agrava a crise de legitimidade política, segundo Castells (2018), é o fato de que as pessoas ainda defendem um ideal democrático, de forma que o descontentamento acaba sendo maior, como o sentimento de uma traição: exatamente por acreditar e defender valores democráticos é que nos decepcionamos com a maneira com que é conduzida a democracia liberal. O problema então é com a forma de democracia, não com a democracia em si.

Líderes autoritários, como Bolsonaro e Trump, não defendem abertamente valores autoritários. Atacam as instituições diariamente, mas o dizem fazê-lo em defesa da *verdadeira* democracia.

A reconstrução parte de uma afirmação encarnada num líder ou numa causa que surge em contradição com as instituições deslegitimadas. A nova legitimidade funciona por oposição. E se constrói em torno de um discurso que projeta uma rejeição geral ao estado de coisas, prometendo a salvação por meio da ruptura com essa ordem incrustada nas instituições e com essa cultura das elites cosmopolitas, suspeitas de desmantelar as últimas defesas da tribo ante a invasão do desconhecido. (CASTELLS, 2018, p. 33)

O autor ainda aponta a crise econômica de 2008 como um dos fatores da crise de legitimidade do sistema político representativo. Já a crise econômica tem suas raízes na própria crise do capitalismo globalizado. Esse momento de incertezas une-se a uma batalha identitária, em que a ideia de nação torna-se refúgio. Ora, se foi justamente uma economia globalizada que nos levou à crise, por que não retomar o Estado nacional para nós?

Quando a autonomia nacional de gerir a economia e a capacidade de construir um Estado que reflita a identidade de seu povo se vê enfraquecida pelas pressões de um mundo globalizado, uma parte da população que não se vê representada pelos valores cosmopolitas encontra em sua cultura e em suas tradições um espaço de refúgio. “A fratura social se une a fratura cultural. O desprezo das elites pelo medo das pessoas de saírem daquilo que é local sem garantias de proteção se transforma em humilhação. E aí se aninham os germes da xenofobia e da intolerância. (CASTELLS, 2018, p. 17)”.

Aqui é importante destacar o papel central que a nova direita brasileira coloca na noção de Brasil. Suas vestimentas, caracterizadas pela camisa da seleção de futebol, o apego constante à bandeira nacional, as comuns entoações do hino em suas manifestações, tudo remete a uma retomada do país e de seus símbolos. Lerner (2019) destaca que os membros desse campo ideológico identificam-se como os *verdadeiros* brasileiros, e suas reivindicações são justamente as vontades do *povo*. A camiseta que Bolsonaro usava quando sofreu o atentado à faca simboliza bem essa mentalidade, com os dizeres estampadas: meu partido é o Brasil.

É importante destacar também as diferenças da direita internacional com a direita brasileira. De um lado, importamos a fratura cultural da direita estrangeira, toda a ideia de que as elites globais são uma ameaça existencial ao Estado nacional. Do outro lado, tal repulsa à globalização não engloba os aspectos econômicos. A própria escolha de Paulo Guedes como ministro da economia evidência tal fato. Enquanto Trump fortalecia a economia nacional dos EUA, com medidas protecionistas que buscavam gerar empregos locais, Guedes buscou a privatização de empresas públicas e a diminuição do poder econômico Estatal, atendendo a demandas do mercado financeira internacional. Não atoa a frase “liberal na economia, conservador nos costumes” foi tão usada pelos defensores de Bolsonaro para explicar quais são suas filiações políticas. A força econômica das elites globais não incomoda a direita brasileira, apenas sua exportação de valores.

Ainda segundo o autor, nos momentos em que se exigiam sacrifícios por parte da população, como maneira de contornar a crise, a classe política dava o exemplo oposto, quando estouravam escândalos de corrupção. “Se os que devem aplicar as regras de convivência não as seguem, como continuar delegando a eles nossas atribuições e pagando nossos impostos?”, e apesar de que possa-se alegar que tais atos são praticados apenas por algumas maçãs podres, a “corrupção é uma característica sistêmica da política atual” (Castells, 2018, p. 21). Rocha (2018) identificou a “anticorrupção” como um dos fatores fundantes da nova direita brasileira.

Foi a partir das manifestações de junho de 2013 que discursos que mobilizavam os temas da anticorrupção e do antipetismo, que já circulavam nos contra-públicos digitais desde o escândalo do mensalão, passaram a se tornar centrais nos processos de formação da nova direita [...]. (ROCHA, 2018, p. 160)

Mas o próprio sistema político atual é responsável pela crise de legitimidade política. Ao tornar-se um espetáculo midiático, a classe política utiliza todos os meios

de persuasão para garantir votos de eleitores. Com isso, busca-se a maior simplificação possível da mensagem, e “a mensagem mais impactante é uma imagem. E a imagem mais sintética é um rosto humano, no qual nos projetamos a partir de uma relação de identificação que gera confiança” (Castells, 2018, p. 23). O processo de personificação da política facilita a destruição da imagem do adversário que atribui para sua pessoa o valor de suas ideias.

É em torno da liderança possível de alguém que se constrói a confiança na bondade de um projeto. Assim, a forma de luta política mais eficaz é a destruição dessa confiança através da destruição moral e da imagem de quem se postula como líder. As mensagens negativas são cinco vezes mais eficazes em sua influência do que as positivas. Portanto, trata-se de inserir negatividade de conteúdos na imagem da pessoa que se quer destruir, a fim de eliminar o vínculo de confiança com os cidadãos.

[...] Embora os efeitos da política do escândalo sobre políticos específicos sejam indeterminados, tal política gera um efeito secundário que é devastador: o de inspirar o sentimento de desconfiança e reprovação moral sobre o conjunto dos políticos e da política, contribuindo assim para a crise de legitimidade. (CASTELLS, 2018, p. 24)

Crise econômica, que avança em uma crise social e torna-se também política, corrupção e o próprio processo de escolha de representantes são os fatores apontados por Castells para gerar uma crise de legitimidade política. Um dos resultados diretos desse sentimento de ilegitimidade é a política do medo. O medo quando usado pelas elites políticas justifica ações, no mínimo, controversas, sendo o *Patriot Act*<sup>9</sup> talvez o caso mais notável da atualidade. Na mão de grupos *outsiders*, o medo é utilizado por terroristas, mas também por agentes políticos fora das elites.

A sensação de insegurança criada pelas crises de legitimidade política e econômica gerou um sentimento de retorno ao passado, um passado onde as coisas eram melhores, os valores eram respeitados...

Voltar ao Estado como centro da decisão, acima das oligarquias econômicas e das redes globais. Voltar à nação como comunidade cultural da qual são excluídos os que não compartilham valores definidos como originários. Voltar à raça, como fronteira aparente do direito ancestral da etnia majoritária. Voltar, também, à família patriarcal, como instituição primeira de proteção cotidiana diante de um mundo em caos. Voltar a Deus como fundamento. (CASTELLS, 2018, p. 32).

Esse anseio de retorno a um passado ilusório, onde tudo era bom, ajuda a explicar a defesa incontestável de Bolsonaro, e de parte de seus apoiadores, ao período da ditadura militar, mas essa defesa tem limites. Segundo o Rocha (2021), a ditadura é celebrada por olavistas por ter impedido a tomada de poder por parte dos

---

<sup>9</sup> Lei que permitiu um conjunto de ações de combate ao terrorismo e que acabaram convertendo-se a espionagem global, praticada pelos órgãos de inteligência dos Estados Unidos.

comunistas, mas seu modelo não deve ser seguido por ter abandonado o campo cultural, onde a esquerda se instalou e começou sua suposta hegemonia.

Veremos mais adiante nesta pesquisa como a crise de legitimidade política é manipulada pelos bolsonaristas digitais, buscando manter sua base de apoio mobilizada. Instituições fundamentais para o funcionamento de qualquer democracia são atacadas, difamadas, acusadas de usurpar os poderes do presidente da república, entre outros absurdos.

Poderá também ser observado como a crise de legitimidade política serve para justificar possíveis ações inconstitucionais por parte de Bolsonaro, isso combinado com uma ressignificação de valores. A estratégia discursiva dos bolsonaristas é associar Bolsonaro à liberdade, ao Brasil, à vontade popular, enquanto instituições fundamentais para os mecanismos de *checks and balances* estariam agindo contra a vontade popular.

Em outras palavras, a crise de legitimidade política não é uma crise, aos olhos do bolsonarismo, mas sim uma oportunidade para impor sua visão de mundo, defender suas pautas, e manter a base mobilizada.

Por fim, a arquitetura das redes sociais digitais, a retórica do ódio e a crise de legitimidade não devem ser entendidas como etapas lineares para compreensão do fenômeno das novas direitas, e no nosso caso, de Bolsonaro e de seus apoiadores. Trata-se de processos que ocorrem simultaneamente, um permitindo o florescimento do outro. Entendemos que sem estes três elementos seria muito difícil a ascensão de atores políticos como Bolsonaro e seus pares. Estes conceitos serão o nosso guia teórico ao longo desta pesquisa.

## 2.5 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.

Para cobrir as necessidades da pesquisa proposta, iremos realizar uma coleta de dados do perfil no *Twitter* de nove apoiadores, e do próprio Jair Bolsonaro, para, em seguida, realizar uma análise sociológica do discurso destes agentes políticos, no ambiente digital do *Twitter*.

Os perfis selecionados foram separados em três categorias diferentes, com a finalidade de abranger diferentes aspectos do campo de apoiadores do presidente. As categorias propostas foram de 1) Políticos; 2) Influenciadores; e 3) Veículos de Mídia. Os perfis de Flavio Bolsonaro (@FlavioBolsonaro), Carlos Bolsonaro

(@CarlosBolsonaro) e Eduardo Bolsonaro (@BolsonaroSP) integram a categoria dos políticos; Bárbara Zambaldi Destefani (@taoquei1), Adrilles Jorge (@AdrillesRJorge), Leandro Ruschel (@leandroruschel) fazem parte dos influenciadores; e Renova Mídia (@RenovaMídia), Conexão Política (@conexapolitica) e do Portal Terça Livre (@tercalivre) são parte da Mídia. Além destes perfis, como já dito acima, o perfil do próprio Jair Bolsonaro (@JairBolsonaro) completa a coleta de dados.

Aqui é importante ressaltar que a seleção dos perfis se deu por conveniência, mas seguindo alguns critérios para integrarem a pesquisa. Todos os perfis citados acima seguem ou são seguidos por Jair Bolsonaro, ou ao menos um de seus filhos. No momento em que se iniciou a coleta, Bolsonaro apenas não seguia Leandro Ruschel, Adrilles Jorge, Conexão Política e o Portal Terça Livre, mas Eduardo e Flavio Bolsonaro seguiam tais perfis. Além disso, outros perfis foram identificados seguindo tais critérios, como, por exemplo, os perfis do Jornal Brasil Sem medo (@JornalBSM), do economista Paulo Figueiredo Filho (@realpfigueiredo) e de Allan dos Santos (@allanldsantos). Para separar estes perfis dos outros que foram efetivamente selecionados, optou-se pelo critério quantitativo de número de seguidores, de forma a englobar apenas os perfis com maior quantidade de seguidores em cada categoria proposta. Tal critério se dá pela tendência de que, com mais seguidores, mais pessoas são atingidas pelo discurso presente nas mensagens, de forma com que estes perfis tornam-se fundamentais na construção discursiva deste campo político.

Um dos aspectos sobre o uso das redes sociais é com relação à influência exercida por alguns utilizadores sobre outros. No Twitter, essa questão se refere à possibilidade de vários seguidores representarem ou não, para a pessoa ou organização seguida, algum poder de influência sobre outros utilizadores. (SANTOS; CIOCCARI; MORAES, 2020, p. 68)

O recorte temporal proposto abrange o período de instauração da Comissão Parlamentar de Inquérito da pandemia, de 27 de abril de 2021 até seu encerramento. Como afirma Vinhas (2019), a escolha de recorte temporal próximo a eventos de relevância sociopolítica se dá pela tendência de aumento de publicações durante este período. Essa tendência de aumento de publicações é o que nos interessa.

A coleta de dados se realizou através da plataforma tweetbeaver, um site que, entre suas diversas ferramentas, permite o download da *timeline* (linha do tempo) de qualquer perfil público no Twitter. A ferramenta apresenta os 3200 *tweets* mais recentes de determinado usuário. Por isso, a coleta de dados se realizara a cada quinze dias, buscando evitar a perda de qualquer publicação.

Como no trabalho realizado por Ramos (2019), acontecimentos e falas, por parte do presidente Jair Bolsonaro, fora do ambiente digital serão considerados em nossa análise. Por exemplo: um depoimento relevante na CPI da Pandemia pode resultar em maior atividade digital por parte dos apoiadores analisados, ou até mesmo o contrário, quando ocorre o silêncio por conta de um depoimento que seja visto como negativo para a imagem do governo. Esse tipo de informação ajuda a explicar porque houve um número acima da média de postagens em determinado dia, menores em outros, o tipo de postagem, etc.

Após o download, os dados são inseridos em uma planilha do Excel, possuindo informações como a data da postagem, seu conteúdo textual, além do número de *likes* e *retweets*, números que permitem a visualização quantitativa do engajamento, dentro da rede social, acerca de cada publicação. Observar o grau de engajamento das publicações também se mostra fundamental, como mostrado por Baptista (2021). Segundo a autora, em sua pesquisa sobre a campanha eleitoral de 2018, “interessa compreender se os níveis de *engagement* ao longo das várias publicações tem efeito direto na (re)construção da agenda política de Bolsonaro ao longo da campanha.” (Baptista, 2021, 54). Com isso, poderemos observar quais temas são mais relevantes para os seguidores de Bolsonaro e dos apoiadores selecionados. Considerando que um dos critérios de seleção desses perfis foi exatamente o elevado número de seguidores, tal informação se mostra agudamente importante. Será possível, por exemplo, constatar se uma publicação de Bolsonaro com elevado grau de engajamento tende a gerar publicações semelhantes por parte dos seus apoiadores, ou se os temas tratados por apoiadores encontram ecos nas postagens de Bolsonaro.

A análise combinará elementos quantitativos e qualitativos. Com auxílio do software de análise de textos Iramuteq, poderemos tratar da parte quanti dos dados. Um dos serviços oferecidos pela ferramenta é a criação de nuvens de palavra e gráficos de similitude. A soma das postagens coletadas será tratada com tal ferramenta, possibilitando a visualização das palavras mais utilizadas por Bolsonaro e seus apoiadores, além da frequência em que tais termos se encontram, através do gráfico de similitude.

**Imagem 1** - Exemplo de nuvem de palavras



separar o período de sete dias com maior e menor volume. Com isso, cada mês de dados coletados contará com duas semanas de análise. Dessa forma, poderemos observar quais temas e situações levam Bolsonaro e seus apoiadores e intensificarem sua atuação no ambiente digital do *Twitter*, e qual tipo de discurso é presente em tais momentos de maior e menor intensidade.

Utilizaremos a Análise Sociológica do Discurso (ASD) no tratamento quali dos dados. Segundo Godoi, Coelho e Serrano (2014), tal método de análise busca compreender como a realidade social constrói discursos e como os discursos constroem a realidade social. Ruiz (2009) apresenta três etapas da ASD: a análise textual; a análise contextual e a análise sociológica. Em suma, a análise textual trata da estrutura e composição do texto; a de contexto aborda o espaço em que surge o discurso; e a análise sociológica busca justamente estabelecer relações entre o discurso e a realidade social dada.

Dessa forma, nossa análise dissecará as postagens de Bolsonaro e seus apoiadores, visualizando os termos e frases mais utilizados. Em seguida, contextualizaremos tais postagens com o ambiente digital originário, no caso, o *Twitter*, para enfim analisar as relações destes discursos com a realidade social que se apresenta, de crise governamental e de trabalhos da CPI da Pandemia.

### 3 – RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS

Antes de iniciarmos a análise, considero importante falar uma palavra ou duas sobre o caminho e os percalços que nos trouxeram até aqui. Um fato que prejudicou a coleta foi a exclusão de postagens por parte do influenciador Leandro Ruschel. Entre agosto e outubro, todas as publicações de seu perfil foram apagadas periodicamente após um número indeterminado de dias. Dessa forma, quando observado tal comportamento, a coleta de seus dados teve de ser realizada de maneira quase que individual, mas mesmo assim *tweets* de dias inteiros se perderam, mas tantos outros foram salvos.

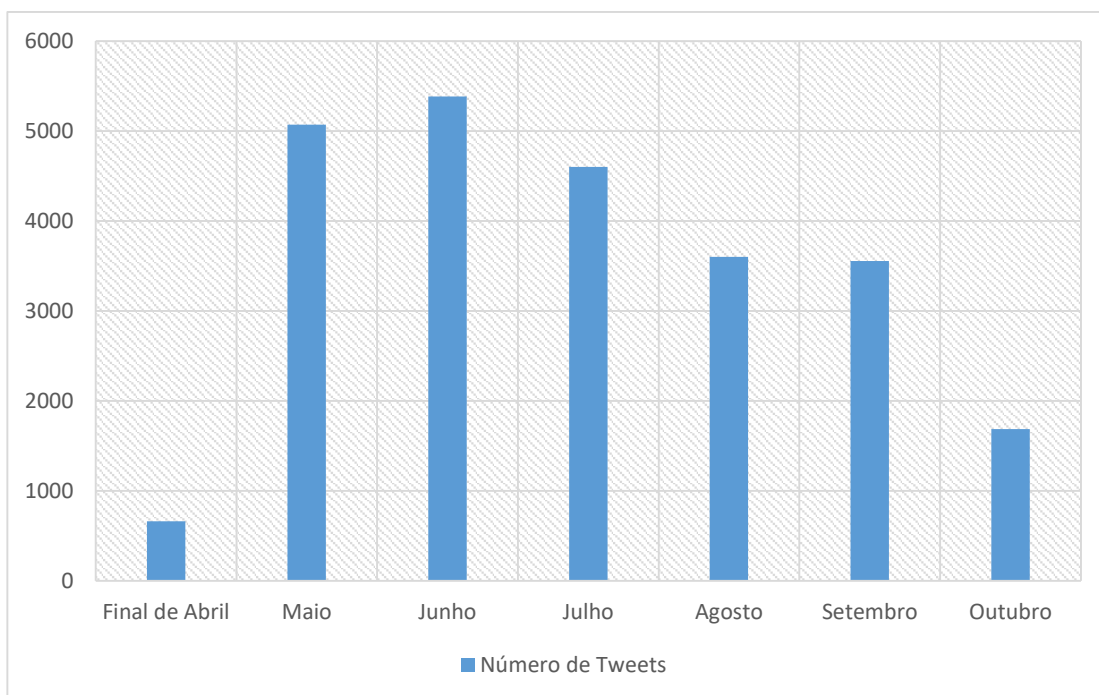
Além disso, em treze de outubro, por conta de uma decisão judicial, o *Twitter* suspendeu todas as contas ligadas ao blogueiro Allan dos Santos, incluindo o perfil *Portal Terça Livre*, integrante de nossa análise. Como a coleta de dados era realizada a cada quinze dias, e a suspensão ocorreu no dia treze, perderam-se as publicações do começo de outubro. Como tal fato se deu no último mês de análise, e milhares de *tweets* já haviam sido coletados do referente perfil, decidiu-se por mantê-lo em nossa análise.

Tendo em vista as dificuldades expostas acima, a manutenção destes perfis em nossa análise não será prejudicial exatamente pelo enorme volume de dados coletados das contas citadas acima. De 10 perfis analisados, Leandro Ruschel e o Portal Terça Livre tiveram, respectivamente, o quarto e quinto maior volume de publicações. A exclusão de *tweets* e suspensão da conta do Terça Livre não aparentam ter prejudicado drasticamente a coleta de dados, exatamente por estarem entre os 5 perfis com maior volume de dados.

Um último fato curioso que merece uma menção é o fato de que o perfil do portal “Renova Mídia” não existir mais. Poucos meses após o fim da coleta de dados, a conta transformou-se em um portal de divulgação de criptomoedas, como a *bitcoin* e semelhantes.

Dito isso, podemos avançar. Neste primeiro momento de análise, serão apresentados dados quantitativos referentes ao recorte total da pesquisa. Em seguida, analisaremos qualitativamente as publicações referentes ao final de abril (a CPI iniciou seus trabalhos no dia 27 deste mês) e mês inteiro de maio, ou seja, os primeiros dias da CPI da Pandemia.

**Tabela 1** - Total de publicações mês a mês.

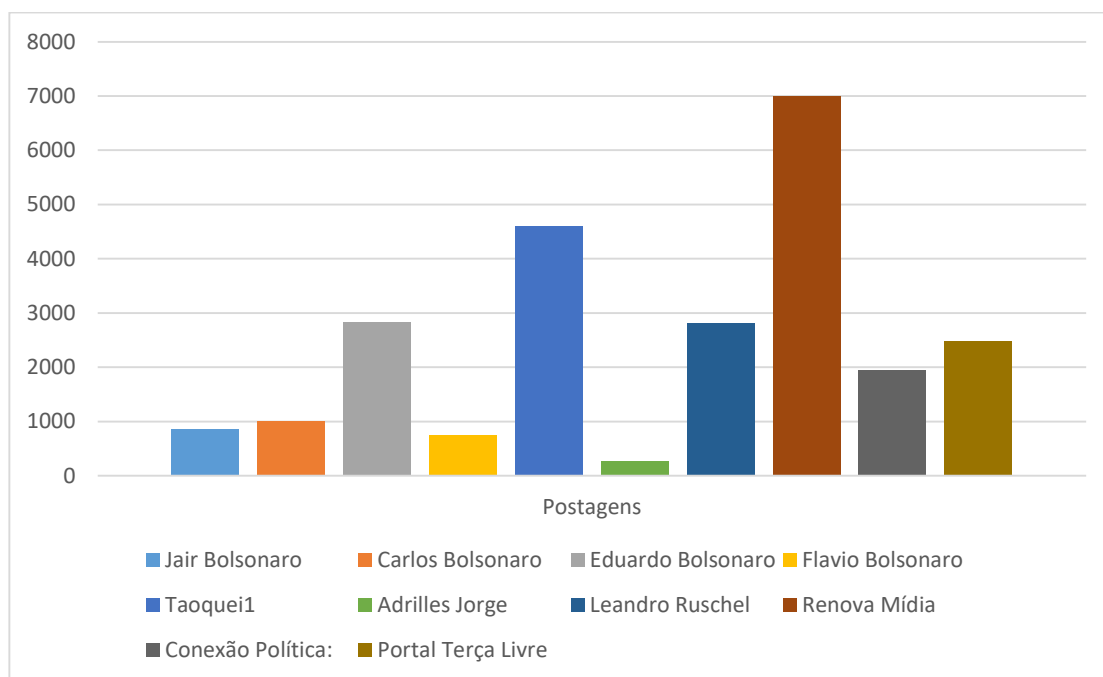


Fonte: Perfis no *Twitter* dos integrantes da pesquisa.

No gráfico exposto acima, podemos observar o volume de publicações, mês a mês, ao longo de nossa coleta. Ao todo, foram 24572 *tweets* registrados com auxílio da ferramenta *tweetbeaver*, já citada acima. Verifica-se que o pico de postagens ocorre em junho, com 5387 *tweets*. Nesse mês de CPI, ocorreu justamente o depoimento dos irmãos Miranda, que levaram à comissão parlamentar denúncias de corrupção dentro do ministério da saúde e de prevaricação por parte do então presidente da república.

Outro fato interessante de se observar é a queda de postagens nos meses seguintes, interrompida em setembro, quando volta a apresentar um patamar semelhante ao mês anterior. Setembro é também o mês em que ocorre o maior número de postagens em um único dia: foram 334 publicações apenas no dia sete, feriado da independência em que Bolsonaro e seus aliados promoveram uma grande manifestação em defesa de seu governo. O aumento de postagens indica um forte interesse desse grupo político para com este dia em específico. Trataremos do sete de setembro mais adiante, mas neste momento vale lembrar que no período em que ocorreu está manifestação, e o recorde de postagens, a rejeição do governo Bolsonaro havia atingido seu ponto mais alto. A centralidade dos atos do feriado da independência estava justamente em tentar demonstrar apoio popular e força política.

Olhando para o quanto cada perfil selecionado postou, temos o gráfico abaixo.

**Tabela 2 - Postagens totais dos perfis selecionados**

Fonte: Perfis no *Twitter* dos integrantes da pesquisa.

A conta que mais se mostrou ativa no período de recorte de análise foi a do portal de notícias Renova Mídia, com 6992 *tweets* ao total. Em seguida, aparece a influenciadora “Taoquei1”, com 4592 *posts*, e Eduardo Bolsonaro com 2838. É interessante observar a baixa quantidade de publicações de Jair Bolsonaro, com apenas 852, superior apenas aos números de seu filho Flávio (751) e do influenciador Adrilles Jorge, o menor número de postagens, com apenas 261. Dos perfis selecionados, o grupo de veículos noticiosos foi o mais ativo, muito impulsionado pela incrível proatividade do *Renova Mídia*, enquanto o de políticos ficou em último lugar.

Olhando mês a mês, observamos que o período entre o final de abril e o mês de maio foi quando Jair Bolsonaro, Carlos Bolsonaro, Flavio Bolsonaro, Taoquei1, Leandro Ruschel e Conexão Política atingiram o maior volume de postagens. Já junho representou o ápice para Eduardo Bolsonaro, e Renova Mídia. Adrilles Jorge teve a maior quantidade de *tweets* em agosto, e o Portal Terça Livre em setembro.

Olhando para os números, Bolsonaro não aparenta ser uma liderança digital para seu grupo de apoiadores. Talvez o papel de presidente da república tenha ocupado o lugar de instigador das massas, visto durante a campanha presidencial de 2018. Surpreendentemente, não é Carlos Bolsonaro, suspeito de controlar os perfis

do pai nas redes sociais<sup>10</sup>, que foi o membro da família mais ativo digitalmente durante o período de recorte, mas sim o seu irmão e deputado federal por São Paulo, Eduardo Bolsonaro.

Porém, apesar de não ser o mais ativo no *Twitter*, Bolsonaro é campeão de compartilhamentos. Dos 150 *tweets* mais *retuitados* desse período, 149 são postagens de Bolsonaro, e apenas uma da influenciadora *Taoquei1*, justamente no último mês de CPI, em outubro. Os números não surpreendem tanto tendo em vista que o presidente da república possui mais de sete milhões de seguidores em seu perfil no *Twitter*, mas é assustador um domínio tão grande no número de compartilhamentos.

Outro detalhe impressionante é o baixo desempenho dos filhos do presidente neste quesito. Os três juntos somavam, no momento de início da coleta de dados, 5,4 milhões de seguidores no *Twitter*. Ainda assim, o único perfil que quebra o *monopólio do compartilhamento* de Bolsonaro é a influenciadora *Taoquel1*, que possuía apenas 450 mil seguidores quando no início da coleta. Os filhos não aparentam ter a capacidade do pai de movimentar sua massa apoiadora, mesmo possuindo maior alcance de suas vozes, fato refletido tanto pelo elevado número de seguidores, quanto pela plataforma pública estatal, já que ambos exercem cargos públicos.

Observados os dados quantitativos, podemos seguir para a análise qualitativa, ou seja, sobre do que falaram Bolsonaro e seus apoiadores durante o período de recorte temporal desta pesquisa. Como dito anteriormente, neste primeiro momento, iremos analisar os primeiros momentos de coleta, isto é, a semana com maior e menor volume de postagem entre o final de abril e o mês de maio. Começamos pela semana deste período com menor volume.

### 3.1 – ABRIL/MAIO: SEMANA COM MENOS POSTAGENS.

É curioso observar que o momento de menor atividade digital deste primeiro recorte ocorra justamente na primeira semana de atuação da CPI da Pandemia, quando não ocorreram depoimentos. Foram 1049 postagens coletadas nesta semana. Na nuvem de palavras abaixo, observamos as 200 palavras mais utilizadas dentro destas postagens.

---

<sup>10</sup> Saiba mais em: [theintercept.com/2019/02/22/carlos-bolsonaro-twitter-jair-bolsonaro-presidente/](https://theintercept.com/2019/02/22/carlos-bolsonaro-twitter-jair-bolsonaro-presidente/)



desqualificação nulificadora, mas parece apontar nesta direção. Utilizar o nome completo de alguém transmite uma ideia de respeito. Utilizar o primeiro nome pode significar tanto quanto intimidade, quanto uma tentativa de diminuição da figura.

Aqui vale relembrar o embate envolvendo justamente o nome de Renan Calheiros nos primeiros momentos da CPI. Alegando conflito de interesses, Carla Zambelli, deputada pelo PSL de São Paulo e apoiadora fiel de Bolsonaro, entrou com um pedido na justiça para impedir que Calheiros fosse nomeado relator da comissão. A justiça federal chegou a acatar o pedido em primeira instância, no dia 26 de abril, proibindo a nomeação. A decisão foi derrubada no dia seguinte, justamente o primeiro dia da CPI e o início de nossa coleta de dados.<sup>11</sup>

Outro fato que merece menção nesta primeira semana foram as manifestações de apoio ao governo Bolsonaro, ocorridas no feriado de primeiro de maio. Ignorando as orientações sanitárias, milhares de apoiadores foram às ruas em defesa de pautas antidemocráticas, como noticiado pelo portal de notícias UOL<sup>12</sup>. Ao topo do gráfico de nuvem, podemos observar a palavra “euautorizopresidente”, *hashtag* criada para supostamente demonstrar que a população, ou seja, aqueles que apoiam Bolsonaro, autorizam a tomada de medidas de mais enérgicas contra o STF, seus ministros, e contra medidas de restrições sanitárias. O filho do presidente, Eduardo Bolsonaro, divulgou a *hashtag* em seu perfil, enquanto Flávio Bolsonaro compartilhou diversas mensagens de apoiando utilizando a *tag*.

### **Imagem 3 - Divulgação da *Hashtag* “Eu Autorizo Presidente”**

---

<sup>11</sup> Para saber mais, veja [www.poder360.com.br/congresso/justica-proibe-nomear-renan-calheiros-relator-da-cpi-da-covid/](http://www.poder360.com.br/congresso/justica-proibe-nomear-renan-calheiros-relator-da-cpi-da-covid/) e [g1.globo.com/politica/noticia/2021/04/27/trf-1-cassa-liminar-que-impedia-indicacao-de-renan-calheiros-para-relator-da-cpi.ghtml](http://g1.globo.com/politica/noticia/2021/04/27/trf-1-cassa-liminar-que-impedia-indicacao-de-renan-calheiros-para-relator-da-cpi.ghtml).

<sup>12</sup> A matéria completa pode ser vista aqui: [noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/05/01/protesto-pro-bolsonaro-brasil-1-de-maio-eu-autorizo.htm](http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/05/01/protesto-pro-bolsonaro-brasil-1-de-maio-eu-autorizo.htm)



Fonte: [Twitter.com/BolsonaroSP](https://twitter.com/BolsonaroSP)

No dia das manifestações, foram realizadas 116 postagens, quase 10% do total de publicações ao longo de sete dias. A grande atividade digital de Bolsonaro e de seus apoiadores em dias de apoio ao governo é um padrão que veremos mais à adiante.

Utilizando da metodologia da análise sociológica do discurso, vemos que os termos utilizados no primeiro de maio buscam atacar opositores e demonstrar apoio popular a Bolsonaro, através da já citada *hashtag*. No ambiente digital, tal escolha discursiva é capaz de atingir e alcançar mais pessoas. Mas qual o propósito e implicações deste discurso? Justamente acirrar a polarização e o enfrentamento político, ao mesmo tempo em que legitima qualquer possível empreitada antidemocrática realizada por Bolsonaro. Como mostrado na publicação acima de

Eduardo Bolsonaro, o discurso consistiu também em ressignificar o dia do trabalhador. A acusação é de que a esquerda não quer trabalhar.

Aqui, vemos dois dos conceitos já apresentados anteriormente sendo empregados. Primeiro, a retórica do ódio. Estigmatiza-se a esquerda como um grupo político de pessoas que não quer trabalhar, que não defende o real interesse dos trabalhadores. Depois, explora-se da crise de legitimidade política. O “eu autorizo” nada mais é do que o chamado por um golpe de Estado contra aqueles que são entendidos pelo bolsonarismo como opositores. E para justificar o possível golpe, precisa-se primeiro demonstrar legitimidade popular, daí a importância das manifestações lotadas e de *hashtags* inundando a rede, e da deslegitimação dos opositores, que é onde entra a utilização da retórica do ódio. Avancemos na análise da semana.

O *tweet* mais compartilhado desta semana de menor atividade digital tratava justamente das manifestações e obteve 14 mil *retweets*. Nele, Bolsonaro postou uma foto da avenida paulista, em São Paulo, tomada por manifestantes e agradeceu: “- O Brasil é verde e amarelo. - Obrigado pela confiança. - Devemos lealdade a vocês”. A influenciadora Taoquei1 teve o terceiro *tweet* mais *retuitado*, com mais de 7 mil compartilhamentos, ao divulgar a manifestação em Belo Horizonte. Já a segunda postagem mais disseminada foi a divulgação do canal no *Telegram* de Bolsonaro.

Uma vez observado as palavras mais citadas, é hora de verificar quantas vezes elas aparecem na mesma frase. Para isso, expomos abaixo o gráfico de similitude.



Em um primeiro momento, é curioso notar que a palavra “liberdade” não aparece ligada às postagens relacionadas as manifestações. Aqui, os atos de primeiro de maio mostram-se conectados entre “Bolsonaro” e a *hashtag* “euautorizopresidente”. Isso é importante, pois demonstra, ao menos no ambiente digital, qual era a verdadeira pauta das manifestações: a defesa de que Bolsonaro deveria agir contra seus opositores políticos. Temas relacionados à pandemia aparecem ligados apenas pelo eixo da CPI, ou seja, a pauta contra medidas restritivas teve muito pouca atenção no ambiente digital.

É notável também o protagonismo de Renan Calheiro neste momento. Seu nome é o eixo mais forte de conexão com a CPI. Como já mencionado acima, o imbróglio jurídico pode explicar o porquê disto, mas tal fato também indica a construção de um inimigo particular, ainda mais se considerarmos que nenhum adversário óbvio apareceu durante a análise desta primeira semana. Nomes como o do Partido dos Trabalhadores, do ex-presidente Lula, e de outras figuras tradicionais da esquerda não apareceram.

Um dos inimigos escolhidos por Bolsonaro e seus apoiadores, o Supremo Tribunal Federal, aparece ligado com governadores, no eixo cuja palavra central é “não”, indicando o tom negativo das postagens sobre tais temas. Adrilles Jorge, em publicação de 28 de abril, conseguiu conectar prefeitos e governadores com o tema da CPI, afirmando que “*Prefeitos e governadores roubaram dinheiro do combate à COVID, trancaram trabalho, destruíram empregos, não salvaram vidas*”, e que “*Renan Calheiros ,que tem 17 inquéritos de corrupção nas costas , é o cara que é genocida por ter entrado na padaria sem máscara*”<sup>13</sup>. No mesmo dia, o perfil RenovaMídia<sup>14</sup> repercutiu fala de Bolsonaro sobre o STF, conectando o supremo também a prefeitos e governadores.

Os ataques ao STF, aos governadores e a CPI ocorrem justamente pois tais agentes atuaram para frear as ações de Bolsonaro. A ofensiva bolsonarista busca corroer a confiança e legitimidade destes atores políticos.

[...] a máquina do ódio vem colocando os brasileiros uns contra os outros, e contra aqueles que têm funcionado como freios e contrapesos para os arroubos autoritários de Bolsonaro. Essa máquina vem corroendo a confiança

---

<sup>13</sup> A grafia e erros de pontuação foram mantidos exatamente como na publicação original, que pode ser encontrada aqui: <https://twitter.com/AdrillesRJorge/status/1387555479958835200>.

<sup>14</sup> Como já foi mencionado acima, o RenovaMídia se transformou em um perfil de criptomoedas após o fim da coleta de dados. Para fins de conferência, o endereço virtual da postagem é [www.twitter.com/RenovaMidia/statuses/1387810782176555012](http://www.twitter.com/RenovaMidia/statuses/1387810782176555012).

das pessoas nas instituições concebidas justamente para protegê-las (MELLO, 2020).

**Imagem 4** - Postagem do perfil RenovaMídia sobre o STF



Fonte: [www.twitter.com/RenovaMidia/statuses/1388840702780575747](https://www.twitter.com/RenovaMidia/statuses/1388840702780575747)

Renan Calheiros, a CPI, o STF e prefeitos e governadores aparecem como os inimigos da vez durante esta primeira semana. É bem verdade que os embates entre Bolsonaro e STF já vinham de antes, sendo o fator realmente novo aqui a comissão parlamentar de inquérito, que desde seus primeiros dias já sofria tentativas de desqualificação, via ataques ao seu relator, Renan Calheiros. Ao longo dos meses analisados, poderemos observar como se desenvolveu tal relação.

A escolha de inimigos da vez é algo corriqueiro entre os bolsonaristas digitais, como veremos mais adiante nesta pesquisa. Para um grupo político que cresceu e se firmou como a negação da política estabelecida, é fundamental que se exista sempre um inimigo a ser combatido. É como se o bolsonarismo fosse sempre a oposição, nunca a situação.

Além disso, é mais difícil utilizar a retórica do ódio contra instituições. Neste primeiro momento, é verdade, os ataques ao STF aparecem como ataques à toda suprema corte. Mas, veremos mais adiante que tal estratégia mudou, passando a focar em ministros individuais, mascarando o caráter de ataque contra um dos três poderes da república.

No mais, podemos observar o tom forte das falas, tanto quanto Renan Calheiros, quanto contra o STF e os prefeitos e governadores. Novamente, o discurso bolsonarista é incapaz de defender suas próprias posições, sobrando apenas a

ofensiva contra quem se coloca contrário a qualquer posição adotada por este grupo político. A grande consequência social deste tipo de artimanha retórica é lançar sobre a população ainda mais desconfiança, ainda mais deslegitimidade política, contra as instituições que garantem a democracia no país. Quando um presidente afirma categoricamente que a suprema corte de justiça está “estuprando” a constituição, existe um peso muito forte nessa afirmação, o peso da fala da maior autoridade do país.

Quais seriam as intenções do bolsonarismo em aumentar o clima de deslegitimidade política? Apenas manter sua base de apoio mobilizada ou de fato atentar contra a democracia, uma vez que suas instituições estejam fragilizadas? Adianto que não temos uma resposta para essa pergunta com base no que foi coletado e analisado nesta pesquisa, mas os atos ocorridos em 8 de janeiro de 2023 talvez ajudem a elucidar a questão.

Avançaremos agora para a semana com maior volume de postagens, abrangendo o período de 11 até 18 de maio. O total de postagens dessa semana foi de 1238.

### 3.2 – ABRIL/MAIO: SEMANA COM MAIS POSTAGENS.

Dois depoimentos marcantes ocorreram nesta semana, ajudando a explicar o grande número de mensagens enviadas. Foram ouvidos Carlos Murillo, representante da farmacêutica e fabricante de vacinas para a COVID-19 Pfizer, e o ex-ministro das Relações Exteriores e aluno de Olavo de Carvalho, Ernesto Araújo. Um conflito entre Israel e a Palestina também ocorreu nesta semana, impulsionando o número de publicações. A nuvem de palavras nos ajuda a entender os temas mais tratados durante a semana.

**Nuvem de Palavras 2** - Semana com maior volume de postagens: Abril/Maio



Fonte: Perfis no *Twitter* dos integrantes da pesquisa. Gerado pelo Iramuteq.

O “não” novamente lidera as citações, mas ao compararmos as duas semanas analisadas até o momento, veremos mudanças significativas no comportamento digital de Bolsonaro e seus apoiadores. O nome do ex-presidente Lula aparece pela primeira vez em nossa pesquisa, ocupando região um pouco acima do centro da nuvem. O tema do voto impresso aparece também pela primeira vez, representado por palavras como “auditável”, “impresso” e “urna”. No âmbito da CPI, Renan Calheiros continua sendo o nome favorito de menção dos perfis selecionados para este trabalho, mas “Pfizer” também aparece com destaque, além da palavra “narrativa”, mais abaixo do gráfico. Um exemplo de como tal palavra foi usada no âmbito da CPI pode ser visto no *tweet* abaixo, de Flavio Bolsonaro.

**Imagem 5 - *Tweet* de Flavio Bolsonaro<sup>15</sup>**

<sup>15</sup> Disponível aqui: <https://twitter.com/FlavioBolsonaro/status/1392885005328830464>


**Flavio Bolsonaro** ✓  
 @FlavioBolsonaro

Presidente da Pfizer confirma que contrato só pode ser assinado após a Lei 14.125, de 10 de março de 2010. Logo, as vacinas JAMAIS poderiam ter sido entregues antes desta data. Mais uma narrativa mentirosa da oposição derrubada pela verdade. @MarcosRogerio #RenanVagabundo



1:50 PM · 13 de mai de 2021 · Twitter for iPhone

Fonte. Twitter.com/flaviobolsonaro.

A publicação destacada acima é importante também pela *hashtag* utilizada no final: #RenanVagabundo. Se na primeira semana de CPI o senador por Alagoas já aparecia como um inimigo, agora expõe-se por completo o tratamento que Renan Calheiros passara a sofrer. Vale destacar também o vocabulário de baixo-calão, marca característica de Olavo de Carvalho, como bem identificou Rocha (2021), usado sobretudo para desumanizar o adversário. *Renan Vagabundo*, simples assim, com *vagabundo* ocupando o lugar do sobrenome, como se isto fosse tudo que Renan Calheiros é.

Aqui é importante relembrarmos da estratégia da retórica do ódio, como explanada por Rocha (2021). Primeiro, busca-se desqualificar e despersonalizar o alvo

do ataque, isto é, anular características humanas do atingido, buscando torná-lo em apenas um inimigo, não uma pessoa. Depois, repete-se a mensagem à exaustão, com objetivo de eliminar qualquer possibilidade de interpretação destoante. Por fim, é realizada a eliminação do outro, de maneira simbólica ou não.

Atacar Renan Calheiros era uma forma de desqualificar todo o trabalho da CPI. É curioso notar que as defesas às ações do governo foram minoritárias. Tão minoritárias que não apareceram nas nuvens de palavra geradas a partir dos *tweets* coletados. Isso demonstra como o ataque ao outro é a principal, se não a única, estratégia de defensiva dos bolsonaristas.

É como se qualquer crítica feita ao governo Bolsonaro não fosse legítima, pois quem faz a crítica se trata, na verdade, de um esquerdista com objetivos políticos e eleitorais por trás de suas palavras. O mérito, o teor da crítica, não é analisado, apenas quem a profere. E uma vez “exposto” o caráter “esquerdista” do crítico, a própria crítica se torna nula.

Em 13 de maio, a influenciadora Taoquei1 também recorreu à *hashtag* já mencionada acima, unindo a pauta do voto impresso com a desqualificação do senador adversário. Segundo a *tuiteira*: “Se tivermos voto auditavel em 2022 tá bem claro que o povo de Alagoas vai chutar o traseiro da família do #RenanVagabundo<sup>16</sup>”. Em nossa coleta, o primeiro registro de uso da *hashtag* se deu por Leandro Ruschel, também no dia 13 de maio, mas ao que tudo indica sua criação se deu por parte de outros perfis não presentes na amostra.

É de Ruschel também uma postagem que combina, de maneira simples, o ataque à CPI, à Renan e à Lula. O influenciador afirmou no dia 14 de maio que “Lula é Renan Calheiros. Renan Calheiros é Lula”. Aqui observamos uma tentativa de ligar o ex-presidente do PT à CPI da Pandemia, deixando subentendido que os trabalhos da comissão seguem um viés político eleitoral, e por isso as ações tomadas pela comissão seriam parciais, não tratando de abordar a verdade dos fatos. É, em última instância, uma defesa do governo.

Neste primeiro momento, nos parece que a estratégia dos apoiadores de Bolsonaro é combinar o máximo de temas possíveis em uma única postagem, aumentando a efetividade da mensagem. Ora, qual a ligação de Renan Calheiros com as urnas eletrônicas e o voto impresso? As postagens que fazem essa conexão

---

<sup>16</sup> Na íntegra: [www.twitter.com/taoquei1/statuses/1392890395802144771](https://www.twitter.com/taoquei1/statuses/1392890395802144771)

absurda buscam três efeitos bem claros: 1) o relator da CPI da Pandemia é contra o voto impresso, pois se elegeu através das supostas fraudes da urna eletrônica; 2) Bolsonaro defende o voto impresso, pois este modelo seria mais seguro; e 3) se Calheiros é contra, é porque defende as fraudes, logo, o relatório final da CPI será escrito por alguém desonesto, que tem interesses próprios na manutenção de eleições fraudulentas. Ataca-se o relator com objetivo de desacreditar todo o trabalho da comissão parlamentar de inquérito, não importa qual seja o teor das provas apresentadas durante os trabalhos.

É interessante perceber como o bolsonarismo digital é capaz de se utilizar da crise de legitimidade política para atacar seus opositores, por meio da retórica do ódio. Apostando em gerar desconfiança sobre o processo eleitoral, os bolsonaristas utilizam a confiança nas instituições como motivo de estigmatização e anulação de alguém. A crise de legitimidade política alimenta a retórica do ódio, e vice versa.

Jair Bolsonaro, diferentemente da primeira semana analisada, tomou parte nessa tentativa de desqualificar a CPI através de ataques à Renan Calheiros. As duas publicações mais compartilhadas deste período observado fazem referência a tal estratégia. Nelas, Bolsonaro afirma: “Gerente Geral da Pfizer na América Latina bota ponto final na CPI do Renan”, e “Com mais de 10 inquéritos no STF, Renan tem moral para querer prender alguém?”<sup>17</sup>. Estas foram as duas únicas menções de Bolsonaro à CPI nesta semana, entre os dias 12 e 13 de maio.

Outro ponto de destaque que merece nossa atenção é a ausência do nome do ex-chanceler Ernesto Araújo na nuvem de palavras. Ao longo das 1238 postagens da semana em questão, o aluno de Olavo de Carvalho foi mencionado apenas 11 vezes, quantidade irrelevante para aparecer na nuvem de palavras. Em termos de comparação, Lula foi citado 29 vezes, o STF 26 e Renan Calheiros 65 vezes. Mesmo tendo participado de um longo interrogatório na CPI, Araújo não mereceu a mesma atenção que os adversários de Bolsonaro. É de extrema relevância tal comportamento que privilegia atacar opositores em detrimento de apoiar aliados.

Mas mesmo quando são publicadas mensagens de apoio, o ataque aos adversários aparecem juntos. Em 18 de maio, Leandro Ruschel publicou: “Com o Ernesto Araújo, o Brasil voltou a ter alguma soberania na política externa, após

---

<sup>17</sup> Os *tweets*, que também contém vídeos, podem ser vistos aqui e aqui  
<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1392883940386643974>,  
<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1392629616691527684>

décadas operando como extensão do Foro de São Paulo”. A todo tempo busca-se delimitar bem a separação “deles”, os esquerdistas opositores de Bolsonaro, e “nós”, os defensores de um Brasil melhor. Essa forma de atuação reforça um caráter reativo deste grupo político, e muito pouco, ou quase nada, ativo. É um movimento que ganha força pela negação do outro, não pelas suas próprias qualidades. Até mesmo a valorização das conquistas é feita em oposição ao adversário.

Como vimos em Castells (2018), a melhor forma de se desacreditar em uma liderança é pela destruição moral e de imagem. Tal liderança pode ser tanto o relator da CPI da Pandemia, ou uma instituição, como o STF. O ataque busca deslegitimar ao gerar desconfiança sobre o alvo. A grande emoção evocada aqui é a do medo, afinal de contas, a falta de confiança traduz-se no medo.

Em todas as sociedades, os setores sociais mais vulneráveis são os que reagem, movidos pelo medo, à mais poderosa das emoções, e se mobilizam em torno daqueles que dizem aquilo que o discurso das elites não lhes permite dizer. Daqueles que, sem rodeios, articulam um discurso xenófobo e racista. Daqueles que apelam para a força do Estado como forma de resolver as ameaças. Daqueles que simplificam os problemas mediante a oposição entre o em cima e o embaixo. E daqueles que denunciam a corrupção imperante em todo canto, embora em muitos casos eles e elas façam parte dessa mesma corrupção. (CASTELLS, 2018, p.32)

Uma vez instaurado o medo e a desconfiança da população, torna-se preciso reconstruir um senso de legitimidade. É nessa hora que entra Bolsonaro, personificando a oposição ao *status quo* e ao estado político estabelecido.

Além disso, atacar um adversário é muito mais conveniente do que defender uma posição própria. O ataque, neste sentido, caracteriza-se pela oposição a alguém ou alguma ideia, não necessitando previamente de uma construção própria de valores.

Exposto isso, podemos avançar para o gráfico de similitude, que apresenta outros resultados interessantes, em comparação à primeira semana analisada anteriormente.

**Gráfico de similitude 2** - Semana com maior volume de postagens: Abril/Maio



membro do PSOL que tenha esfaqueado um candidato (posteriormente eleito) a Presidente”.

Qual seria o interesse discursivo em associar o atentado sofrido com Bolsonaro e o campo da esquerda? O inquérito da Polícia Federal, ainda sob comando do governo Bolsonaro, concluiu que Adélio Bispo de Oliveira agiu sozinho, sem a participação de qualquer outra pessoa, entidade ou partido<sup>19</sup>. O que fica implícito neste discurso é a tentativa de atribuir ao campo progressista a pecha de violência. “São *eles* que praticam violência, não *nós*”. Mais uma vez, deslegitima-se qualquer tipo de oposição, nega-se qualquer tipo de diálogo, restando apenas a eliminação do outro. Além, é claro, de funcionar também como uma resposta aqueles que apontam a truculência do bolsonarismo, e a sua busca pela ruptura institucional.

Os ataques à imprensa são comuns entre Bolsonaro e seus apoiadores. Em postagem de 13 de maio, enquanto listava os temas de sua live semanal, Bolsonaro destacou: “. Imprensa perde bilhões de reais de recursos do contribuinte (Bom)”<sup>20</sup>. O uso do “bom”, em parênteses, ao final da frase retira qualquer possibilidade de interpretação do fato. Se a grande imprensa perdeu recursos federais, isso é bom e pronto. Carlos Bolsonaro também mencionou a imprensa em 14 de maio, combinando ataques a adversários e defesa do voto impresso como questão de “caráter”. O vereador publicou<sup>21</sup>: “Quando 99% da imprensa em ab\$tinencia, seus blogueiros, isentões, aveludados e a esquerda estão contra a conferência do voto eletrônico, escolher o lado oposto é questão de caráter!”. É notável o estilo de escrita do filho do presidente, desqualificando e despersonalizando todos que discordam da insegurança da urna eletrônica, com palavras que misturam ironia, insinuações claras (o uso do cifrão chega a ser cômico), e potencialmente ofensivas (qual outra interpretação pode-se dar ao termo “aveludados” senão a de um comentário homofônico?).

Atacar a imprensa estabelecida só é possível pela lógica operacional das redes sociais digitais, com seus algoritmos que favorecem discursos extremados.

Nessa plataforma, o jornalismo profissional não ocupa uma posição hegemônica central, pois seu alcance é comparativamente reduzido, em favor de políticos radicais e de páginas apócrifas. Ao atingir menos pessoas,

<sup>19</sup> Mais sobre o inquérito pode ser lido aqui: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/05/14/pf-conclui-em-2o-inquerito-que-adelio-agiu-sozinho-e-sem-mandantes-no-ataque-a-bolsonaro.ghtml>

<sup>20</sup> A íntegra da postagem encontra-se aqui: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1392995147596587009>

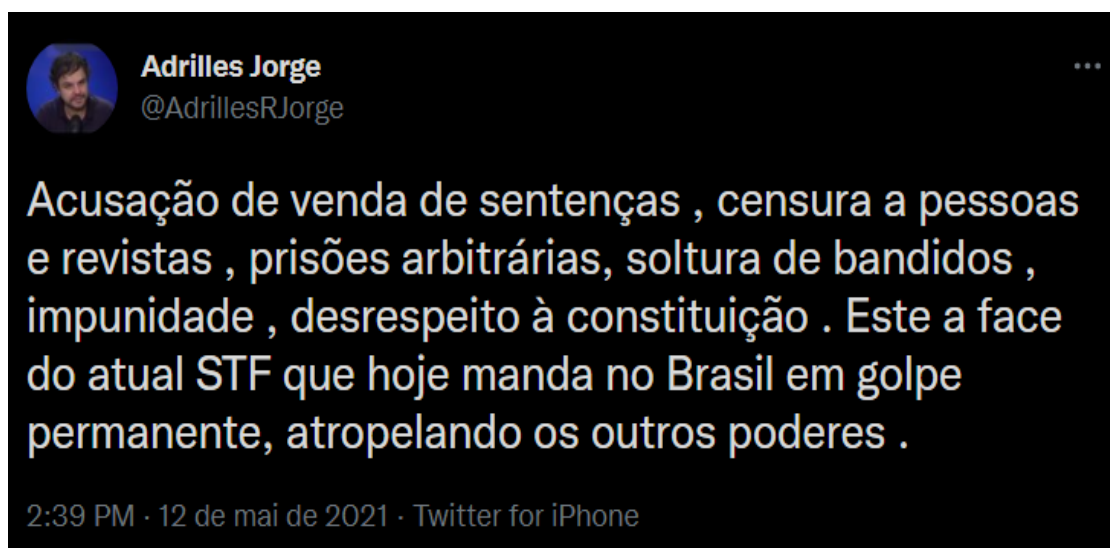
<sup>21</sup> A postagem encontra-se aqui: <https://twitter.com/CarlosBolsonaro/status/1393211643518128128>

mesmo com base superior de seguidores, apontamos o caráter de agência algorítmica que catalisa a audiência de outros atores. Ao perder o centro, o gatekeeping institucional dá espaço a modelos de seleção computacional que podem ser instrumentalizados para a disputa política. A habilidade em explorar essas ferramentas nos últimos anos foi fundamental para construir a imagem de Bolsonaro sem depender exclusivamente da imprensa de massa (SANTOS JUNIOR, 2021, p.21).

Um último ponto chama atenção no gráfico de similitude: as conexões da palavra “STF”. Na semana em questão analisada, surgiu a notícia de que um dos ministros do STF, Dias Toffoli, teria vendido decisões judiciais enquanto ocupava cargo no Tribunal Superior Eleitoral, segundo o ex-governador do Rio de Janeiro Sérgio Cabral, em delação à Polícia Federal. O canal Terça Livre repercutiu a informação, assim como o Conexão Política e o Renova Mídia. O influenciador Leandro Ruschel também compartilhou as informações, citando nominalmente veículos do que ele costumeiramente chama de “extrema imprensa”, como Folha de SP e o Estadão.

Enquanto a maioria das menções ao STF concentrou-se na acusação de Sérgio Cabral relacionada à Toffoli, Adrilles Jorge aproveitou a oportunidade para atacar a suprema corte como um todo.

#### Imagem 6 - Postagem de Adrilles Jorge



Fonte: [Twitter.com/adrillesjrjorge](https://twitter.com/adrillesjrjorge)

A acusação contra um ministro transforma-se em um ataque à toda a corte, como se todos os ministros estivessem sendo acusados. Além disso, nota-se a tentativa de imputar ao STF um “golpe permanente”, sendo esta instituição quem *realmente* manda no Brasil. O presidente Bolsonaro seria, então, um árduo

governante que vê seus poderes sendo usurpados por outros entes federativos, sem possibilidade de ação. Tal tipo de argumento é o que fortalece o discurso visto no primeiro de maio, já analisado anteriormente, de “eu autorizo”, com o “autorizar” sendo o ato de Bolsonaro retomar suas legítimas atribuições como presidente da república.

### 3.3 – JUNHO: SEMANA COM MAIS POSTAGENS.

Avançando em nossa análise, entramos no segundo mês completo de atuação da CPI da Pandemia. A semana de maior volume de publicações, 1308, em junho ocorre entre os dias 22 e 28, contando com uma série de depoimentos relevantes. Falaram na comissão o deputado bolsonarista Osmar Terra (MDB), os cientistas Jurema Werneck e Pedro Hallal, e talvez o depoimento mais marcante de todo o período da CPI, prestado pelo deputado Luis Miranda (na época do PSL, hoje no Republicanos) e seu irmão, um então servidor do ministério da saúde.

As falas dos irmãos Miranda foram particularmente repercutidas na esfera digital, como veremos mais adiante, devido às graves acusações que foram feitas. Segundo os depoentes, o presidente Jair Bolsonaro foi avisado por eles acerca de possíveis irregularidades na compra da vacina da fabricante indiana Covaxin, porém o presidente nada teria feito para averiguar as denúncias<sup>22</sup>.

#### **Nuvem de Palavras 3** - Semana com maior volume de postagens: Junho

---

<sup>22</sup> Para saber mais: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/06/entenda-como-o-depoimento-dos-irmaos-miranda-na-cpi-da-covid-complica-a-situacao-de-bolsonaro.shtml>



**Eduardo Bolsonaro 22.22**  
@BolsonaroSP

**LUIS MIRANDA E SEU CURRÍCULO (OU FICHA CORRIDA)**

Conheça um pouco sobre o Deputado que é a nova peça da farsa pra derrubar o Presidente @JairBolsonaro na CPI da Pandemia.

Detalhe: a mídia que hoje o idolatra antes o criticava. Motivo? Ele fingia ser bolsonarista pra ganhar voto.



**Luis Miranda é acusado de dar golpe milionário em investidores**  
Ao programa da Rede Globo, 25 pessoas disseram ser vítimas de promessas não cumpridas de investimentos prometidos pelo parlamentar, quando ainda morava nos Estados Unidos, até o ano passado  
09/09/2019

**Cheque falso: MP denuncia Luis Miranda e mais 2 por estelionato**  
Segundo a promotoria, deputado e outros dois acusados tentaram pagar dívidas de aluguel atrasado com cheques falso e sem fundo  
22/10/2019

**Deputado do DF compra com dinheiro público, em um dia, gasolina suficiente para dirigir de Brasília ao México**  
Nota fiscal no nome de Luis Miranda (Democratas) mostra aquisição de 818 litros de combustível no valor de R\$ 3,6 mil, custeada com verba indenizatória  
18/04/2021

**Justiça manda apreender Porsche do deputado Luis Miranda**  
Decisão do juiz Julio Roberto dos Reis, da 25ª Vara Cível de Brasília, ocorre após a vendedora do carro alegar que o parlamentar não pagou pelo veículo  
02/06/2021

**Justiça manda penhorar 30% do salário do deputado Luis Miranda para pagar dívida trabalhista**  
Débito com ex-funcionária da clínica de estética Fitcorpus existe desde 2012, segundo a Justiça. Assessoria diz que deputado do DEM-DF não foi notificado.  
12/06/2021

**CONHEÇA LUIS MIRANDA, NOVO QUERIDINHO DA MÍDIA APÓS ATACAR COM MENTIRAS O PRESIDENTE JAIR BOLSONARO NA CPI DA PANDEMIA**

DEPUTADO FEDERAL  
**EDUARDO BOLSONARO**

@bolsonarosp

4:08 PM · 26 de jun de 2021 · Twitter for iPhone

Fonte: <https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1409163732140408842>

Incapazes de apresentarem uma defesa contra as acusações, os apoiadores de Bolsonaro partem para o ataque contra quem acusa o presidente. Como vimos no primeiro mês de análise, a defesa não é o ponto forte dos apoiadores de Bolsonaro, ou melhor, a única defesa que este grupo parece conhecer é o ataque.

“Luis Miranda e seu currículo (ou ficha corrida)” diz a publicação de Eduardo Bolsonaro, acompanhada de uma série de notícias a respeito de investigações contra o então deputado que trouxe à tona as denúncias de corrupção no ministério de saúde de Bolsonaro. O discurso aqui é óbvio: associar Luis Miranda a práticas criminosas, tornando seu descredibilizando seu depoimento. Vale reparar também que Mirando é chamado também de “novo queridinho da mídia”. São dois ataques em um: primeiro, ao denunciante; e segundo, contra a imprensa, identificada pelos bolsonaristas como opositora ao governo Bolsonaro.

Aqui, a estratégia discursiva não chega a cair na retórica do ódio. Não existe ofensa explícita à Miranda, ou uma tentativa de despersonalizar o denunciante, mas ao levantar suspeitas contra sua índole, observa-se a busca pela anulação de suas palavras. Assim como foi feito no primeiro mês de análise, contra Renan Calheiros, fez-se novamente em junho, contra Luis Miranda.

O fato do discurso bolsonarista associar Miranda com a imprensa é também deveras relevante. Mais uma vez, reforça-se a ideia um inimigo a ser combatido, neste caso, a imprensa, que supostamente age contra o governo Bolsonaro ao simplesmente reverberar as acusações apresentadas na CPI da Pandemia. As implicações deste discurso vão no sentido de minar a confiança popular nos órgãos de imprensa tradicionais, pois estes são também o inimigo, assim como a esquerda, o STF, a CPI, e tantos outros adversários criados para mobilizar a base de apoio bolsonarista.

Outro ponto que vale destacar é o papel dos perfis que se pretendem jornalísticos. Dos três que integram nossa pesquisa, um, o @conexapolitica, não repercutiu de forma alguma o depoimento dos irmãos Miranda; outro noticiou com a intenção de desmentir, o @tercalivre; e outro de fato trouxe publicações contendo parte das denúncias apresentadas na CPI, foi o caso do @RenovaMidia. Curiosamente, o perfil @RenovaMidia é aquele que se transformou em uma conta de criptomoedas.

Como um perfil que se diz jornalístico pode ignorar por completo o depoimento de Luis Miranda, como no caso do @conexapolitica? Ou pior, como no caso do @tercalivre, que adotou por completo a posição do governo Bolsonaro no desacreditar das acusações de Miranda? A notícia, que deveria ser o principal interesse destes perfis não parece ser a prioridade.

Nos parece que ao negar a legitimidade da imprensa tradicional, o bolsonarismo busca a validação de suas posições através de perfis e portais que se travestem de jornalísticos, mas que, no fundo, atuam junto com a grande massa de apoiadores digitais do bolsonarismo. Afinal de contas, existe uma legitimidade no jornalismo, no ato de transmitir notícias e informações, mas a mídia tradicional é entendida como de esquerda, que não deve ser ouvida, Daí, tenta-se importar o prestígio jornalístico para aqueles que irão transmitir apenas o que interessa ao bolsonarismo. Neste ponto, é louvável que o @RenovaMidia tenha, de fato, publicado parte das denúncias dos irmãos Miranda.



Com o avanço dos trabalhos da CPI da Pandemia, os apoiadores digitais de Bolsonaro parecem encontrar dificuldades em propor e pautar o debate público. Não há espaço ou tempo, para militar em prol de Bolsonaro, já que é preciso combater os avanços da CPI. Esta semana deixa claro como a agenda política bolsonarista precisou ser deixada de lado em nome de resguardar a imagem do presidente e de seu governo.

E novamente, como vimos no primeiro mês analisado, a única defesa que estes agentes políticos conhecem é o ataque. Num primeiro momento, o alvo era o relator da CPI, já agora tornou-se o depoente. O bolsonarismo digital parece escolher grandes adversários por vez, dependendo do momento político. A mira dos ataques muda a depender das necessidades do momento.

Pela primeira vez, o bolsonarismo se viu acuado, incapaz de pautar o debate público com suas posições políticas. Acuados pela grande relevância que ia ganhando a CPI, e pelas denúncias de corrupção, restou apenas tentar conter os danos e desqualificar os acusadores. Mas isso acabou por tornar a CPI o ponto principal de discussão. Mesmo as respostas, em forma de ataque, davam mais visibilidade para a comissão parlamentar de inquérito. As investidas contra os depoentes e as tentativas de desqualificação não surtiram efeito.

A semana analisada em questão também deixou claro o impacto da CPI para este grupo político. Anteriormente, vimos pouco destaque para a atuação da comissão parlamentar. Mas com o depoimento dos irmãos Miranda, não mais foi possível tratar a CPI como algo secundário. O eixo “vacina”, na parte inferior do gráfico de similitude demonstra bem como a audiência dos irmãos Miranda pautou o debate na esfera digital dos apoiadores de Bolsonaro. A semana entre os dias 22 e 28 de junho marca o primeiro momento em nossa análise em que o bolsonarismo digital esteve na defensiva do debate público.

#### 3.4 – JUNHO: SEMANA COM MENOS POSTAGENS.

A semana com menor volume de postagens de junho, com 1090 publicações, aconteceu entre os dias 1 e 7. Nesta semana ocorreram dois depoimentos na CPI, sendo ouvida a médica Luana Araújo e a também médica Nise Yamaguchi, duas figuras opostas na avaliação da condução do combate à pandemia por parte do governo Bolsonaro. Araújo foi chamada a depor após ser demitida, sem explicações,



Como podemos ver pela nuvem de palavras, pouco repercutiu o depoimento de Luana Araújo. A semana foi bastante permeada por temas relacionados à saúde, com destaque para palavras como “medicina”, “vírus”, “vacina” e “tratamento”. A palavra “dra” também tem destaque, junto de “Nise”. Percebe-se qual depoimento mais repercutiu nestes dias.

O grande volume de menções à médica Nise Yamaguchi contrasta com o que observamos no mês anterior de nossa análise, com o depoimento do ex-ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo. Naquele momento, pouco se falou sobre o depoimento de uma das figuras mais alinhadas ideologicamente do governo Bolsonaro. Não houve grande volume de postagens em defesa do depoente, ou atacando seus interrogadores. A passagem de Ernesto Araújo na CPI foi relegada a um pequeno punhado de publicações que nem sequer apareceram nos gráficos de nuvem de palavras ou similitude. Mas com Nise Yamaguchi foi o oposto.

As postagens contendo o nome da médica acusam os senadores interrogadores de desrespeito e agressividade para com a depoente. A influenciadora @taoquei1 chegou a utilizar uma *hashtag* “#SomosTodosDraNise”, mas que não obteve mais do que 6 ocorrências em nosso banco de dados. Em um *tweet* posteriormente deletado, @LeandroRuschel afirmou: “Será que veremos militante de redação da Globo reclamando do tratamento recebido pela doutora Nise na CPI soviética?”. Perfis noticiosos também partiram em defesa da médica, repercutindo fala de Bolsonaro afirmando que Nise Yamaguchi havia sido humilhada por um “PhD em corrupção”, referindo-se a Renan Calheiros (MDB).

Yamaguchi foi defendida com afinco por Bolsonaro e seus apoiadores. Por que tal tratamento não foi dado ao ex-chanceler? Talvez a resposta esteja no fato de que a médica em questão nunca abandonou a defesa do “tratamento precoce” e do uso de medicamentos ineficazes no combate à covid, prática que Bolsonaro repete. Entendemos assim que não defender Yamaguchi seria como não defender Bolsonaro, já que as críticas às ideias da médica rebatem no próprio presidente. Além disso, Ernesto Araújo já estava fora do governo no momento de seu depoimento, enquanto Yamaguchi ainda era próxima de Bolsonaro.

O gráfico de similitude nos aponta outro dado interessante. No eixo contendo o nome de Nise Yamaguchi, encontramos a palavra “tratamento”. Olhando de perto as publicações, vemos que tal termo se refere tanto a forma como a médica Nise Yamaguchi foi tratada durante seu depoimento, como também ao “tratamento



observado grande volume de postagens defendendo a pauta política bolsonarista. Clamores pela liberdade ou por voto impresso não apareceram nos recortes de análise. O fato do *tweet* mais compartilhado desta semana ser uma mensagem de Bolsonaro em solidariedade à médica Nise Yamaguchi evidência bem tal fato.

Nas duas semanas analisadas em questão, Bolsonaro não se apresentou como centro do debate. Mesmo tendo seu nome e cargo bastante mencionados nas publicações, os gráficos de similitude demonstram que os eixos “presidente” e “Bolsonaro” limitam-se a temas em si mesmos, sem relevância para as grandes questões do momento.

Em meio a tantas denúncias de corrupção, o nome de Bolsonaro some das publicações de seus apoiadores digitais. Tal fato reforça a incapacidade deste grupo político de defender suas próprias posições. São capazes até mesmo de esconder a figura central dos ataques, talvez em uma tentativa de conter danos.

O mês de junho nos mostrou que quando acuado, o bolsonarismo mostra-se incapaz de impor sua agenda de discussão, incapaz de defender suas posições, e busca preservar a imagem do próprio Bolsonaro. A tática de ataque e da retórica do ódio continuou a ser empregada, mas sem controlar o debate, mostrou-se pouco eficaz. A “guerra de narrativas” estava sendo perdida.

### 3.5 – JULHO: SEMANA COM MAIS POSTAGENS.

A semana com maior volume de postagens do mês de julho ocorre em meio a dois depoimentos importantes para a CPI da pandemia, reforçando denúncias de corrupção no ministério da saúde e da compra de vacinas. Está semana, que se deu entre os dias 13 e 19, contou com as falas de Emanuela Medrades, diretora da empresa Precisa Medicamentos, e Cristiano Carvalho, representante no Brasil da empresa Davati.

O depoimento de Medrades foi um desdobramento das denúncias levantadas pelos irmãos Miranda, já tratadas na seção anterior de nosso texto, em relação à compra da vacina indiana Covaxin. A convocação da diretora da Precisa Medicamentos se deu para elucidar os problemas encontrados nas notas fiscais de pagamento *invoice*, que indicavam a possibilidade de desvios de dinheiro público.<sup>24</sup>

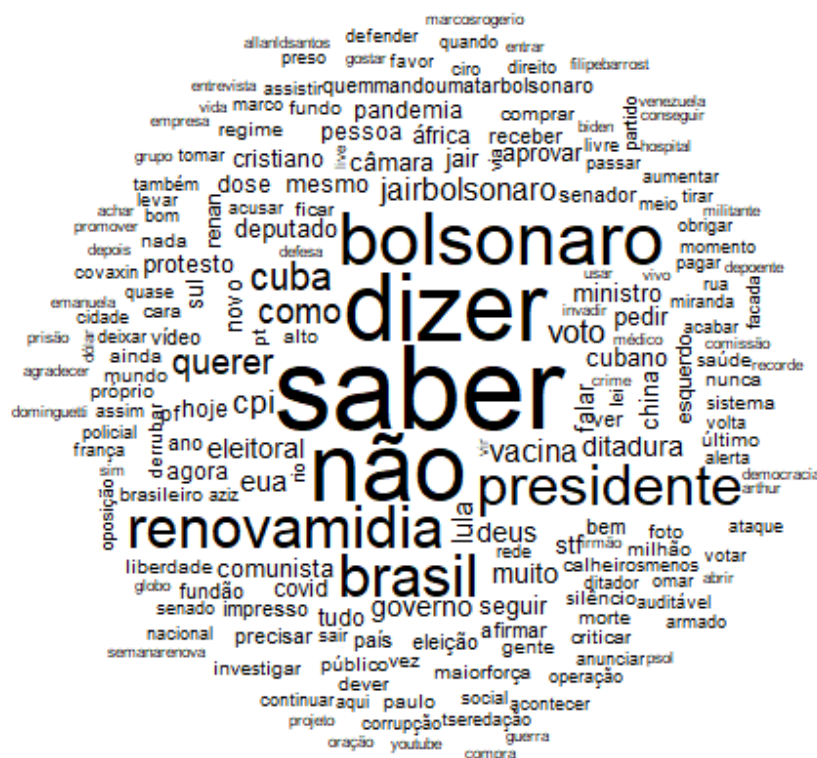
---

<sup>24</sup> Para saber mais detalhes do depoimento de Medrades, conferir: <https://exame.com/brasil/quem-e-emanuela-medrades-diretora-da-precisa-que-fala-na-cpi-da-covid/>

Já a fala de Cristiano Carvalho envolveu a denúncia de um novo esquema de corrupção, agora em relação à compra de vacinas da farmacêutica AstraZeneca. Carvalho seria representante de uma empresa, a Davati, que atuaria como revendedora de doses excedentes da vacina da AstraZeneca. Porém, segundo Carvalho, durante as negociações com representantes do ministério da Saúde do governo Bolsonaro, foi exigido um pagamento de um dólar por dose de vacina para que se pudesse concretizar a compra<sup>25</sup>.

O fato das semanas com maior volume de postagens dos meses de junho e julho serem justamente as semanas de depoimentos potencialmente prejudiciais ao governo Bolsonaro revela que existiu um grande esforço para tentar conter os danos, ao menos na esfera digital, das falas presentes na CPI da pandemia. De fato, assim como a semana com mais postagens de junho, a CPI pautou novamente os assuntos tratados por Bolsonaro e seus apoiadores. Novamente, não houve espaço para a imposição de uma agenda própria, apenas um contra-ataque defensivo. A nuvem de palavra nos mostra os termos mais frequentes nesta semana.

### Nuvem de Palavras 5 - Semana com maior volume de postagens: Julho



<sup>25</sup> Para saber mais, conferir: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/cpi-da-covid-ao-vivo-representante-oficial-da-davati-fala-aos-senadores/>

Fonte: Perfis no *Twitter* dos integrantes da pesquisa. Gerado pelo Iramuteq.

Podemos observar que termos que fazem referência a Bolsonaro possuem bastante destaque, mas não ocupam a parte central da nuvem de palavras, lugar este ocupado por “saber” e “dizer”. O gráfico de similitude elucidara melhor como tais palavras foram usadas, mas agora nos é importante ressaltar que quando está sob ataque, o Bolsonarismo digital não consegue encontrar espaço para reforçar sua agenda política, pois não existe espaço para isso quando a prioridade é conter os possíveis danos que as denúncias e acusações possam fazer. De certa forma, o bolsonarismo experimentou pela primeira vez o que fez com seus adversários políticos. Nas eleições de 2018, ao espalhar milhares de *fake news* contra os seus adversários, o bolsonarismo impôs a eles a necessidade de responder as falsas acusações, não sobrando espaço para apresentar suas respectivas ideias. Afinal de contas, desmentir uma acusação necessita de muito mais trabalho do que acusar.

Curiosamente, e talvez em uma tentativa de voltar a pautar a discussão, palavras associadas a opositores políticos foram bastante utilizadas. O nome do ex-presidente da república, Lula, aparece novamente, assim como “ditadura”, “Cuba”, “Comunista” e até “Venezuela”. Termos de reforço da pauta bolsonarista, como “liberdade”, “voto impresso” e a *hashtag* “quemmandoumatarbolsonaro”, também aparecem, mas em menor volume.

Mas talvez a informação mais importante que a nuvem de palavra nos dá é a comprovação da repercussão das denúncias de corrupção dentro da esfera bolsonarista. Em tweet deletado do dia 14 de julho postado pela influenciadora @taoquei1, vemos o tipo de repercussão que tais denúncias geraram: “Renan Calheiros diz q é importante saber qto a Precisa recebeu pela intermediação com o laboratório da Covaxin. Aproveita então esse empenho pq a gente quer saber qto o Butantã levou da China. Sim, queremos saber!”.

A resposta do bolsonarismo contra as novas denúncias de corrupção é apontar um outro suposto esquema de corrupção, inclusive muito conveniente ideologicamente para o bolsonarismo, ao incluir a China na discussão.

Vale destacar que nunca houve qualquer suspeita de irregularidade nos acordos de compra de vacina entre o Instituto Butantã e a China. Esse tipo de argumento é jogado ao vento, sem qualquer materialidade. Uma tentativa fraca de desviar o foco das denúncias contra o governo Bolsonaro.

E é interessante observar as implicações deste discurso. A China foi o grande inimigo global do bolsonarismo em seus 4 anos de governo. Falas preconceituosas e agressivas chegaram a prejudicar as relações comerciais entre Brasil e China, tanto que as negociações pela venda da vacina Coronavac, criada por um laboratório chinês, foram realizadas não com o governo federal, mas sim com o governo do Estado de São Paulo, estado este que era governado por um ex-aliado de Bolsonaro, João Dória.

Com isso, o discurso do bolsonarismo, exemplificado pela publicação de @taoquee1, busca três coisas: a) responder às denúncias de corrupção inventando outra denúncia de corrupção; b) associar a China, grande inimigo ideológico do bolsonarismo, e o governador de São Paulo neste esquema de corrupção; e c) levantar suspeitas sobre a vacina Coronavac, afinal de contas, sua compra poderia ter sido efetuada através de atos ilícitos.

Esse tipo de discurso que busca levantar desconfiança sobre tudo e sobre todos reforça e aumenta a crise de legitimidade política. Mas além disso, em um contexto de crise sanitária gravíssima, pode levar à morte de pessoas que acreditam nesta narrativa. Não foram poucas as pessoas que, mesmo com vacinas disponíveis, se recusaram a tomar Coronavac<sup>26</sup>.

Prosseguindo com a análise, vemos uma dispersão de eixos temáticos em três grandes frentes.

### **Gráfico de similitude 5 – Semana com maior volume de postagens: Julho**

---

<sup>26</sup> Mais informações podem ser vistas aqui: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/06/23/A-recusa-injustificada-da-Coronavac-nos-postos-de-vacina%C3%A7%C3%A3o>



Fonte: Perfis no *Twitter* dos integrantes da pesquisa. Gerado pelo Iramuteq.

No topo do gráfico, temos a defesa do voto impresso com o termo “não” como grande catalisador. Neste momento, as discussões sobre o tema passavam pela câmara dos deputados, daí o grande interesse bolsonarista nesta discussão. Já no meio do gráfico de similitude vemos os temas relacionados com a CPI da pandemia e menções à Cuba e à liberdade. Por fim, na parte inferior do gráfico, vemos que as palavras “Bolsonaro”, “receber” e “investigar” encontram-se na mesma linha, e por mais que tal fato sugira uma associação de Bolsonaro com os escândalos de corrupção desvendados pela CPI, na verdade, as postagens com tais palavras referem-se ao estado de saúde do presidente, que na semana analisada em questão recebeu alta após internação por conta de soluços e dores abdominais. A saúde do presidente foi então usada para ressuscitar o caso da facada.

Um dos termos que aparece em ambos os gráficos e merece destaque é a *hashtag* “quemmandoumatarbolsonaro”. Ao analisarmos as postagens coletadas, vemos 24 ocorrências de tal palavra nas postagens. Curiosamente, todas foram feitas pela influenciadora @taoquei1. E mais curioso ainda é o fato das postagens contendo tal *hashtag* não terem nenhuma relação com o texto da publicação. Como os *tweets* foram deletados, o único registro é aquele presente em nosso banco de dados.

### Imagem 7 - Postagens da influenciadora @taoquei1

@taoquei1	Thu Jul 15 15:33:55 +0000 2021	Cristiano dizendo que Domingueti tinha uma mágoa muito grande do Roberto Dias e que tava muito pressionado pela folha... #QuemMandouMatarBolsonaro	<a href="https://www.twitter.com/taoquei1/statuses/1415696134832541701">www.twitter.com/taoquei1/statuses/1415696134832541701</a>
@taoquei1	Thu Jul 15 15:30:47 +0000 2021	Cristiano dizendo que o Domingueti "aumenta" muita coisa, que eles já estão acostumados com isso. Citou por exemplo o casa da Michelle... Testemunho de uma pessoa que conhece o Domingueti. Mas a CPI acredita piamente no que ele diz. #QuemMandouMatarBolsonaro	<a href="https://www.twitter.com/taoquei1/statuses/1415695346618015747">www.twitter.com/taoquei1/statuses/1415695346618015747</a>
@taoquei1	Thu Jul 15 15:21:34 +0000 2021	Alguém vai perguntar p o Cristiano se ele tem conhecimento do passaporte diplomatico q o Domingueti disse ter? Sobre o Domingueti ter fechado 200 milhões d doses para a Arábia Saudita? Sobre ele ter dito ter efetuado a doação de 20 milhões de seringas? #QuemMandouMatarBolsonaro	<a href="https://www.twitter.com/taoquei1/statuses/1415693024676519936">www.twitter.com/taoquei1/statuses/1415693024676519936</a>

Fonte: <https://twitter.com/taoquei1>

Ao comentar o depoimento de Cristiano Carvalho ao mesmo tempo em que insere uma *hashtag* afirmando que a facada que Bolsonaro sofreu em 2018 teve um mandante, tese desmentida por investigações da polícia federal<sup>27</sup>, a influenciadora parece ter encontrado uma maneira de abordar a CPI da pandemia sem deixar de lado as pautas caras ao Bolsonarismo. Algum usuário que pesquisasse sobre a CPI dentro do *Twitter* poderia acabar encontrando tais publicações com a referida *hashtag*. Porém, o fato de apenas a influenciadora @taoquei1 ter recorrido a tal tática aponta para o fato de pouco sucesso da artimanha. Indica também uma certa autonomia na forma como é realizada a defesa de Bolsonaro no ambiente digital.

Podemos observar que, neste momento em que o bolsonarismo encontra-se acuado, o discurso adotado foi o mesmo, principalmente na estratégia de desqualificação pessoal em busca da desqualificação geral dos trabalhos da comissão de inquérito parlamentar. Mas um olhar mais detalhado, como o que propomos realizar com esta pesquisa, nos mostra que não houve um discurso unificado em relação a CPI, não houve uma maneira única de abordar a comissão.

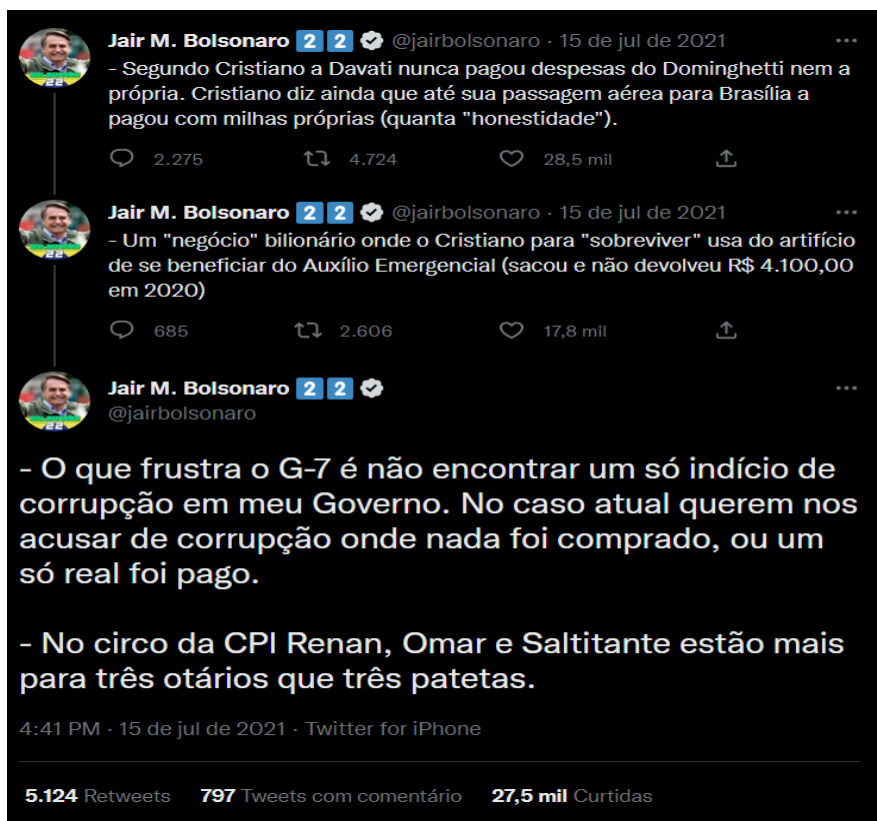
<sup>27</sup> Mais informações aqui: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/atentado-contrabolsonaro-nao-teve-mandante-conclui-segundo-inquerito-da-pf/>

Por exemplo, alguns dos perfis que integram nossa pesquisa realizaram mais postagens comentando os trabalhos da CPI do que outros. Na maior parte do tempo, as contas dos filhos de Bolsonaro ignoraram por completo o que se passava nas audiências da comissão parlamentar. Enquanto isso, influenciadores como @Taoquei1 e @LeandroRuschel postavam à exaustão nos dias de depoimento, repercutindo para seus seguidores o trabalhos dos senadores que investigavam as ações e omissões do governo federal.

Além da sugerida autonomia destes perfis citados acima, pode-se verificar uma falta de coordenação na atuação digital do bolsonarismo, especificamente no contexto de grande repercussão da CPI da Pandemia e de diversas denúncias de corrupção. É como se o bolsonarismo não soubesse como reagir de maneira efetiva contra os avanços da CPI, e ao que tudo indica, de fato não sabia.

Um último ponto de destaque nesta semana foi a manifestação de Bolsonaro acerca das denúncias de corrupção em seu governo.

### Imagem 8 - Postagens de Bolsonaro



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1415758312587546627>

Bolsonaro não se manifestou em junho, em ocasião dos depoimentos dos irmãos Miranda e de suas denúncias de corrupção. Mas em julho, frente às novas

denúncias, o presidente sentiu a necessidade de se pronunciar em seu *Twitter*. Vale notar que a estratégia discursiva de Bolsonaro é muito semelhante a de seus apoiadores. O fato do depoente ter recebido auxílio emergencial em 2020 é utilizado para desmerecer suas afirmações acerca da corrupção relatada. O mesmo tipo de argumento de desqualificação do depoente foi utilizado contra Luis Miranda e seu irmão. Bolsonaro ainda busca reforçar a suposta honestidade de seu governo, e ataca o presidente da CPI, Omar Aziz (PSD) além de seu relator, Renan Calheiros MDB, e vice-presidente, Randolfe Rodrigues (REDE), a quem Bolsonaro se refere como “saltitante”, reutilizando a técnica da retórica do ódio, como descrita por Rocha (2021).

O discurso presente nas postagens de Bolsonaro não apresenta provas contra as denúncias, apenas ataques ao denunciante e à mesa diretora da CPI da Pandemia. Além de ofensivo, soa desesperado. Desta vez, vemos o então presidente da república utilizando da mesma tática que seus apoiadores, de desqualificação dos acusadores através da retórica do ódio. O presidente, vice-presidente e relator da CPI não seriam mais do que “três otários”. O teor agressivo de suas palavras busca justamente gerar um clima de acirramento contra a CPI, e aos próprios senadores. A aposta é, mais uma vez, na crise de legitimidade política.

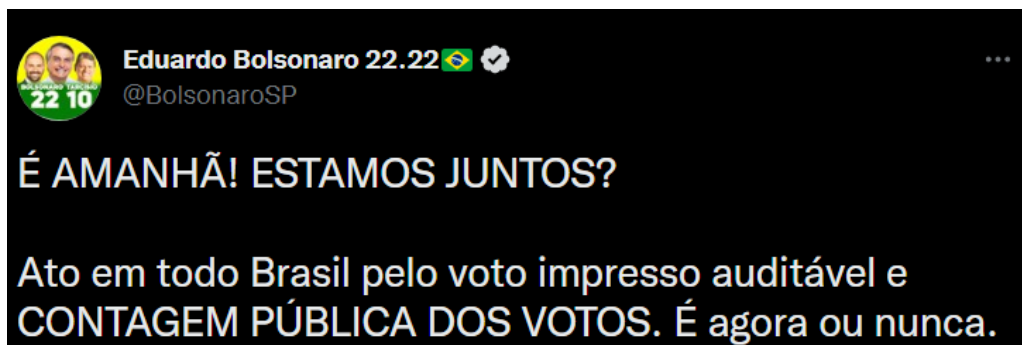
Além disso, a postagem de Bolsonaro serve não apenas como resposta para as denúncias de corrupção, mas também como um caminho a ser seguido para seus apoiadores na defesa do governo.

A cada acontecimento noticiado em âmbito nacional, seja uma ação do governo ou um dos escândalos que tem ferido sua imagem, o governo divulga um comentário oficial através de seu porta-voz, ao mesmo tempo em que divulga uma espécie de legenda extra-oficial a esses eventos, em linguagem popular simples e reduzida, que explicita como a base de apoio ao presidente deve interpretar aquele acontecimento preciso. Essa “legenda extra-oficial” aos acontecimentos nacionais é disparada de maneira descentralizada em grupos de mensagens, em vídeos de youtubers e blogueiros, que “interpretam” os eventos políticos, sempre a favor do presidente, de modo a fornecer argumentos à sua militância, minimizando o impacto dos mais desastrosos fatos ou denunciando a responsabilidade por tais acontecimento a uma espécie de “complô”, que teria interesse em destruir a pátria. (CASTELO BRANCO, 2019, p.78).

Por fim, a semana analisada teve 1343 postagens, e como vimos a grande discussão girou em torno do depoimento de Cristiano Carvalho e do novo escândalo de corrupção que veio à tona com a fala do representante da Davati. A oitiva de Emanuela Medrades passou despercebida.

### 3.6 – JULHO: SEMANA COM MENOS POSTAGENS.





Fonte: <https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1421500362704539651>

Mesmo sem denúncias ou provas de fraude, o bolsonarismo digital ataca o sistema de votação brasileiro e busca ressignificar a própria noção de “auditável”, já que as urnas eletrônicas são sim seguras e auditáveis. As contestações do sistema eleitoral brasileiro viriam a ter consequências violentas, como os bloqueios de estradas que vimos em 2022 e a invasão da praça dos Três Poderes, em janeiro de 2023, após a derrota de Bolsonaro nas urnas.

No caso do voto impresso, a estratégia discursiva foi a de afirmar que a aprovação do projeto seria importante pela “transparência das eleições”, e não por ser uma pauta defendida há anos por Bolsonaro. Muito menos foi mencionado o caráter de contestação explícito ao sistema eleitoral brasileiro. O projeto deveria ser aprovado, segundo este grupo político, pois seria benéfico para a democracia, e não pelos seus próprios interesses. Aqui, vemos como o bolsonarismo busca associar suas pautas políticas como pautas de interesse nacional.

Em geral, o que desencadeia movimentações dessa natureza, intenta, única e exclusivamente, a validação de um arcabouço ideológico próprio e de um projeto de poder que, para se impor, precisa alterar eventos que podem colocar em xeque um grupo de consensos e acordos que garantem seu efeito de legitimidade. (SILVA, 2020, p. 1178)

É de suma importância destacar a antecedência com que Bolsonaro e seus apoiadores questionaram as urnas. É fato também que tais ataques ao sistema eleitoral não começaram nesse momento registrado em nossa análise. Bolsonaro chegou ao ponto de acusar fraude na eleição em que foi vitorioso<sup>29</sup>. De fato, tais questionamentos ao sistema eleitoral já apareceram na nuvem da palavras da semana com maior volume de postagens em abril e maio, demonstrando como tal prática é central na estratégia digital bolsonarista.

<sup>29</sup> Para saber mais, ver: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/sem-apresentar-provas-bolsonaro-diz-que-houve-fraude-eleitoral-e-que-foi-eleito-no-1o-turno.shtml>



estátua do bandeirante Borba Gato, em São Paulo<sup>30</sup>. Tal acontecimento foi mais uma oportunidade para o bolsonarismo digital estigmatizar os opositores e taxá-los como terroristas.

**Imagem 10 - Tweet de Eduardo Bolsonaro**



Fonte: <https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1419763968462176270>

Além de imputar aos opositores a pecha de terrorista, a publicação de Eduardo Bolsonaro busca, também, acirrar o clima de ódio social. O grande destaque da postagem é justamente o fato do suspeito do ato ter sido solto pela justiça. Evoca-se um sentimento de indignação e de injustiça, com a esquerda sendo responsável por tais atos. Castelo Branco levanta um ponto interessante para discussão:

Líderes autoritário de extrema-direita como Bolsonaro, tem instrumentalizado esse ódio ao mesmo tempo em que tem sido capaz de desviar a atenção das multidões para o fato de que grande parte das queixas típicas da extrema-direita – a erosão dos padrões de vida e, por consequência, o enfraquecimento das estruturas familiares, o aumento da violência, a imigração em massa etc. – são, na verdade, efeitos diretos de mudanças do capitalismo monopolista atual e de suas novas formas de “flexibilização” neoliberal (que produzem instabilidade em relação aos postos de trabalho,

<sup>30</sup> Ver mais em: <https://g1.globo.com/sp/noticia/2021/07/24/estatua-de-borba-gato-e-incendiada-por-grupo-em-sao-paulo.ghtml>

nos salários, nas garantias de emprego etc.). (CASTELO BRANCO, 2019, p.88-89)

Culpar a esquerda por tudo que é ruim desvia o foco das reais causas das mazelas sociais, dando aos governos de extrema-direita liberdade para seguir implementando as políticas responsáveis pelos problemas que a própria extrema-direita usa para atacar a esquerda, acirrando a polarização política e social, além de manter sua base de apoio mobilizada.

O fato desta semana não ter tido depoimentos da CPI e também ser a semana com menor volume de postagens até agora não parece ser coincidência. Nem a defesa do voto impresso e a convocação para manifestações em prol desta causa conseguiram inflar o número de postagens. Tal fato sugere que o bolsonarismo digital é mais eficaz ao atacar adversários do que em advogar pelas suas pautas. Tal tendência vem se repetindo ao longo desta pesquisa. Momentos de maior pressão política em Bolsonaro vêm apresentando um maior volume de postagens.

### 3.7 – AGOSTO: SEMANA COM MAIS POSTAGENS.

A semana com maior número de postagens do mês de agosto, com 898 *tweets* marca um ponto de virada no comportamento do bolsonarismo digital visto até aqui. Mesmo com três depoimentos ocorrendo nesta semana, a CPI da pandemia não foi o assunto principal abordado pelos perfis que compõe nossa análise. Na verdade, é possível observar uma retomada do bolsonarismo na imposição de suas pautas.

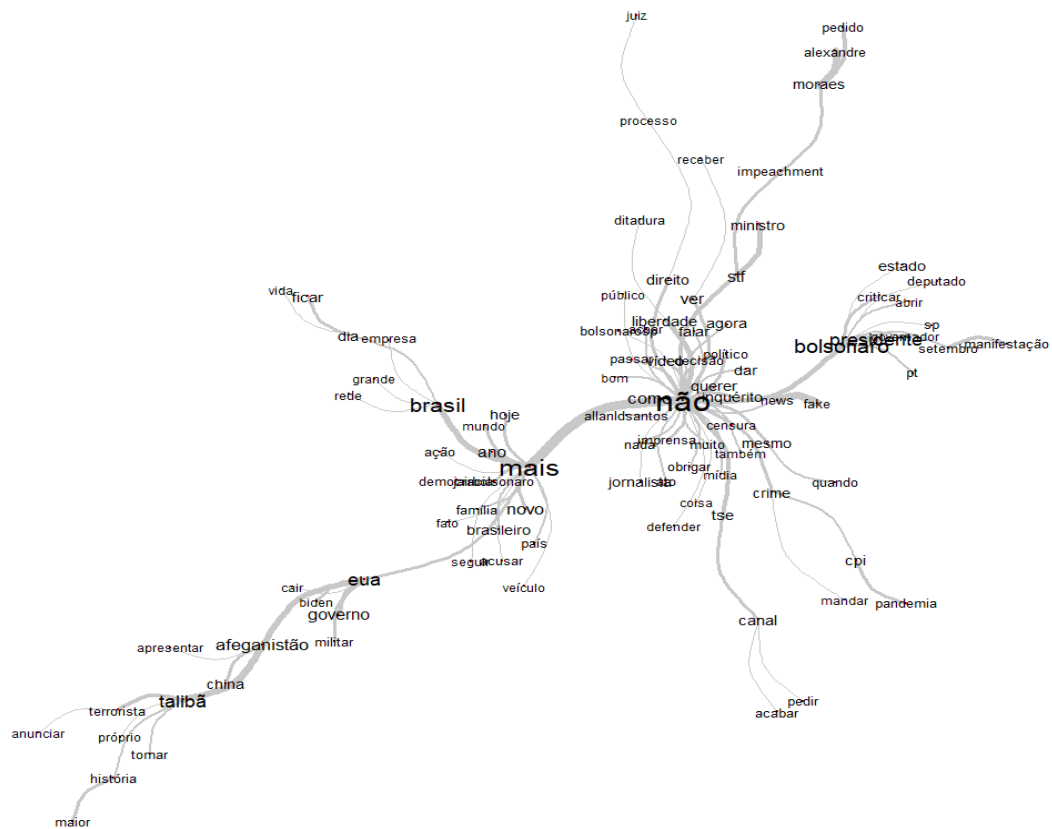
**Nuvem de Palavras 7** - Semana com maior volume de postagens: Agosto



O grande fato repercutido foi a confirmação de Bolsonaro nos atos, ele próprio que, neste momento, não divulgou as manifestações em seu perfil no *Twitter*.

Com a CPI em baixa, e há menos de duas semanas do feriado da independência, temas caros ao bolsonarismo voltaram ao lugar de centralidade na nuvem de palavras. “Liberdade”, que não aparecia com tanto destaque desde o primeiro de maio, reapareceu no gráfico, na região central e logo acima de “presidente”. Curiosamente, o debate do voto impresso, tão repercutido no mês passado de nossa análise, não aparece presente neste momento.

### Gráfico de similitude 7 – Semana com maior volume de postagens: Agosto



Fonte: Perfis no *Twitter* dos integrantes da pesquisa. Gerado pelo Iramuteq.

Como vemos no gráfico de similitude, o nome de Bolsonaro é o que mais aparece junto das palavras “manifestação” e “setembro”, indicando que mesmo que as pautas “oficiais” dos atos fossem a defesa da “liberdade”, como entendida pelo bolsonarismo, ou “pelo Brasil”, o tema que realmente une a convocação da manifestação é o do apoio ao presidente.

Trataremos da semana de 7 de setembro mais adiante, porém neste momento é fundamental notar a importância dos atos convocados para o dia do feriado da independência. As ações judiciais, já tratadas anteriormente, envolvendo Bolsonaro, seus apoiadores e Alexandre de Moraes podem ter exercido influência na enérgica convocação para os atos, mas um fato não pode ficar oculto: apenas um mês antes, em julho de 2021, Bolsonaro atingiu seu recorde, até então, de rejeição. Em maio, uma pesquisa realizada pelo instituto Datafolha apontava uma rejeição de 45% da população; em julho o número subiu para 51%.<sup>34</sup> Uma grande manifestação de apoio popular era fundamental para frear o crescimento da rejeição à Bolsonaro, daí a imensa importância dos atos.

Vale notar também que o aumento da rejeição ao presidente coincide com a atuação da CPI da Pandemia. O impacto da comissão parlamentar na base digital de apoio de Bolsonaro já podia ser sentida pela imensa repercussão que a CPI tinha entre esses apoiadores, mas o crescimento da rejeição registrado pelo Datafolha consolida o dano à Bolsonaro e seu governo. Daí surge a necessidade de contra-atacar.

E o contra-ataque vêm com o pedido de impeachment de Alexandre de Moraes. Curiosamente, as postagens repercutindo tal fato partem majoritariamente dos perfis ditos jornalísticos, como o @conexaopolitica, o @renovamidia e o @tercalivre. O campo dos influenciadores não se manifestou sobre o tema. No campo político, apenas Eduardo Bolsonaro emitiu opinião, chamando o ministro do STF de “ditador”, em postagem de 23 de agosto. O perfil do influenciador @AdrillesRJorge, seguindo o exemplo de Eduardo Bolsonaro, acusou o STF de matar o estado democrático de direito. A postagem de Adrilles não foi apagada, mas sua conta está suspensa por ordem judicial após o influenciador espalhar mentiras sobre as eleições de 2022, e por conta de tal fato não temos um *print* do *tweet* para apresentar.

A diferença no discurso de Eduardo Bolsonaro e Adrilles evidência, novamente, uma falta de coordenação na atuação digital dos perfis de apoiadores do então presidente. Em agosto de 2021, com o escalar das tensões, Bolsonaro defendia<sup>35</sup> que seu problema não era com a suprema corte em si, mas sim com alguns ministros, se

---

<sup>34</sup> Informações completas sobre a pesquisa podem ser conferidas aqui: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2021/07/1989332-recorde-reprovacao-a-bolsonaro-atinge-51.shtml>

<sup>35</sup> Declaração semelhante pode ser vista aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=2hSGRx2qRNw>

referindo indiretamente a Moraes e Barroso. Enquanto Eduardo Bolsonaro segue na mesma linha discursiva do pai, Adriles vai mais além, e ataca o STF como um todo, contrariando a indicação discursiva de Bolsonaro em centralizar os ataques não em instituições, mas em indivíduos.

Essa divergência discursiva pode ser por si só uma estratégia para blindar Bolsonaro de maiores desgastes políticos. Enquanto o chefe do executivo e seu entorno familiar “suavizam” o discurso, a base de apoiadores digitais parte para as pautas mais extremadas. O constante silêncio de Bolsonaro frente ao posicionamento antidemocrático de seus seguidores, nunca condenando os clamores por golpe militar, fechamento do STF, e outros absurdos, expõe, no mínimo, um interesse do então presidente de que esses temas fossem defendidos.

Os limites de nossa pesquisa não nos permitem responder se Bolsonaro permitia que sua base se radicaliza-se por interesse eleitoral, apostando no acirramento da crise de legitimidade política e se apresentando mais uma vez como a voz dos indignados que buscam mudanças no sistema político (mesmo com ele mesmo sendo o então presidente), ou se as intenções de Bolsonaro caminhavam na mesma direção dos gritos de seus apoiadores.

Por fim, tanto na nuvem de palavras quanto no gráfico de similitude a palavra “Afeganistão” é mostrada em destaque. Porém, ao olhar de perto as publicações contendo referência ao país asiático, vemos que as menções se deram exclusivamente no campo dos perfis noticiosos. Já em maio, o conflito entre Israel e Palestina ganhou bastante notoriedade nas postagens dos bolsonaristas digitais, com o unânime apoio a Israel nas postagens coletadas. Tal fato nos aponta duas coisas: os perfis que se pretende ser jornalísticos de fato compartilham notícias, enviesadas ou não; e que conflitos internacionais só ganham destaque com os outros grupos bolsonaristas se puderem ser utilizados na guerra de narrativas e na retórica do ódio. Como seria bastante difícil associar a delicada situação humanitária no Afeganistão com o campo da esquerda, o assunto ficou relegado aos perfis voltados para notícias.

### 3.8 – AGOSTO: SEMANA COM MENOS POSTAGENS.

Na semana com menor quantidade de postagens de agosto, que se deu entre os dias 10 e 16, vemos um comportamento diferente do visto na semana com mais postagens. No primeiro dia de análise desta semana ocorreu a votação sobre a



época da ditadura militar, algum presidente de partido chegou a ser preso por crime de opinião?”, em referência a prisão de Jefferson.

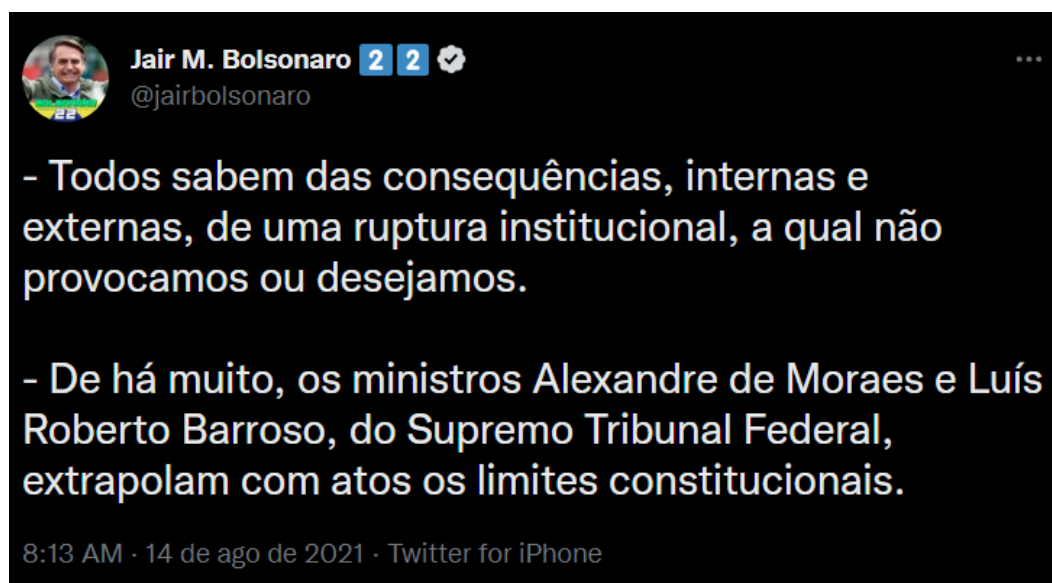
O mérito da prisão da Jefferson não é mencionado na publicação de Ruschel, e isso é fundamental para compreensão do discurso bolsonarista. A prisão ocorreu dentro do inquérito das milícias digitais, uma investigação aberta pelo STF para investigar grupos *online* que atentavam ou se organizavam para atentar contra o Estado democrático de direito<sup>37</sup>. Organizar-se para atentar contra a democracia é o que Ruschel chama de “crime de opinião”.

Seria imprudente afirmar que a omissão do contexto da prisão foi proposital, mas sendo o caso ou não, o discurso de Ruschel fortalece a ideia de que o STF havia se tornado uma ditadura ainda pior do que aquela que iniciou-se em 1964. O ataque à suprema corte é sutil, mas passa longe de ser discreto.

É quase cômico pensar que o grupo político que presidia o Brasil naquele momento buscava, a todo momento, transmitir a ideia de que eram uma minoria perseguida pelo judiciário, pela imprensa, pela esquerda e pela China comunista. São nestes momento que fica escancarada a incapacidade do bolsonarismo em ser situação, de agir de maneira propositiva, não meramente reativa.

Ainda sobre a prisão de Jefferson, Bolsonaro também abordou o tema e fez uma ameaça velada.

#### Imagem 11 - Tweet de Bolsonaro



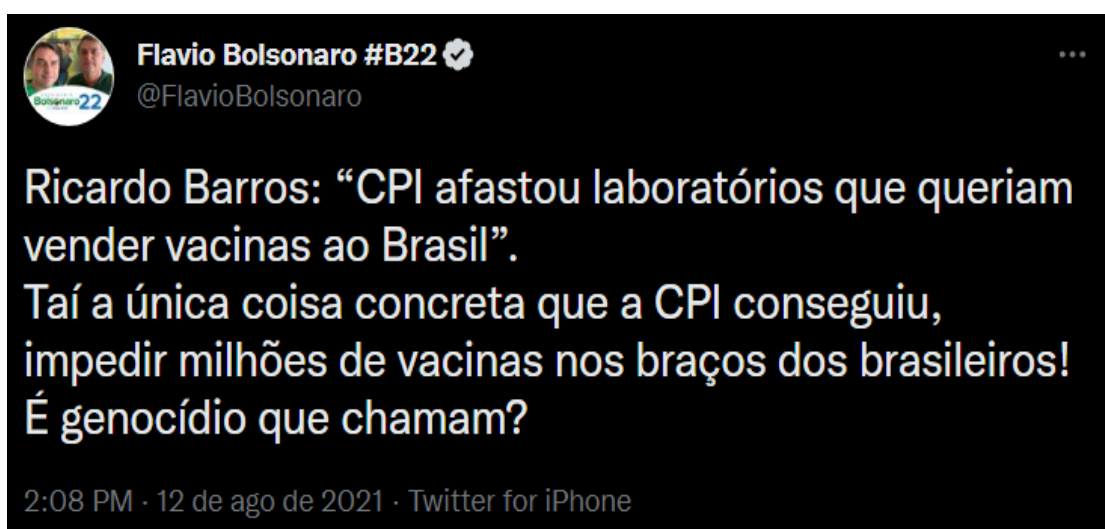
<sup>37</sup> Mais informações sobre a prisão de Jefferson e o inquérito das milícias digitais podem ser encontradas aqui: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/08/13/policia-federal-faz-operacao-para-prender-roberto-jefferson.ghtml>



presidente, Ricardo Barros, deu a oportunidade que os apoiadores do presidente precisavam para reforçar suas narrativas. O depoimento foi tão conturbado que terminou em um bate-boca e em uma nova convocação do líder do governo, desta vez em condição formal de investigado<sup>38</sup>. É relevante lembrar que Barros havia sido convocado pela CPI após ser citado nas denúncias de corrupção dos irmãos Miranda<sup>39</sup>, depoimento já tratado anteriormente.

Um exemplo de como o depoimento de Barros foi usado pelos bolsonaristas pode ser visto na publicação de Flávio Bolsonaro (hoje no PL).

### **Imagem 12 - Tweet de Flavio Bolsonaro**



Fonte: <https://twitter.com/FlavioBolsonaro/status/1425866876366753793>

Aqui, Flávio Bolsonaro tenta colar na oposição a pecha do genocídio. Apesar de ter sido retirada do relatório final, a acusação de genocídio, em razão da gestão da pandemia por parte do governo Bolsonaro, foi citada em diversos momentos ao longo da CPI, e em manifestações contra o governo. Incapaz defender o governo das acusações, o Flávio, filho mais velho de Bolsonaro, adota a postura de “acuse-os do que é acusado”.

Vale olhar também para as palavras de Barros, citadas pelo senador Bolsonaro. O argumento é de que a CPI afastou laboratórios que estariam dispostos a disponibilizar vacinas para o Brasil. Tal suposto fato teria ocorrido por conta das investigações sobre irregularidades na compra de imunizantes, como no caso

<sup>38</sup> Mais detalhes aqui: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-08-12/o-bateu-levou-de-ricardo-barros-que-desafiou-a-cpi-da-pandemia-e-acabou-convocado-para-uma-nova-sessao.html>

<sup>39</sup> Ver mais detalhes aqui: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/06/25/miranda-aponta-ricardo-barros-como-mentor-de-pessoas-no-ministerio-da-saude>

Covaxin. Que tipo de laboratório deixa de vender vacinas por receio de investigações contra fraudes? É um discurso vazio de sentido que tenta esconder o desinteresse do governo Bolsonaro em comprar vacinas de laboratórios sérios, como a gigante farmacêutica americana Pfizer, que ofereceu doses do imunizante em agosto de 2020 e não obteve sequer resposta do governo de Jair Bolsonaro<sup>40</sup>.

O discurso de Barros, ecoado por Flávio Bolsonaro, demonstra bem como o bolsonarismo não soube lidar com a atuação da CPI da Pandemia. Os argumentos são fracos e mentirosos, não sobrando nada além de jogar a culpa para o outro lado e tentar desqualificar quem acusa, não a acusação. O caso visto acima engloba estas duas táticas.

As duas semanas analisadas do mês de agosto demonstram um reposicionamento do bolsonarismo digital. Se antes vimos esse grupo político na defensiva, apenas tentando debater as denúncias de corrupção e estancar a crise, agora vimos a retomada da ofensiva. Diversos fatores ajudam a explicar isso. O recesso parlamentar que paralisou os trabalhos da CPI certamente influenciou no esfriamento do embate neste âmbito. Outro fator foi o recorde de reprovação de Bolsonaro, exigindo uma resposta enérgica por parte de seus apoiadores. Por fim, a proximidade do feriado da independência, data escolhida para ocorrerem as manifestações de apoio a Bolsonaro, também ajuda a entender a ofensiva bolsonarista.

### 3.9 – SETEMBRO: SEMANA COM MAIS POSTAGENS.

Não poderia ser diferente: a semana com maior quantidade de publicações de setembro é justamente a semana das manifestações do feriado da independência, ocorrendo entre 1 e 7 deste mês. Foram 1138 *tweets* postados, mais de 300 apenas no dia dos atos. Vale lembrar que no mês anterior a semana de maior volume não alcançou 900 mensagens.

Seguindo a tendência das semanas anteriormente analisadas, a CPI da Pandemia foi completamente ignorada pelo bolsonarismo digital. Foram dois depoimentos, mas nenhum destes repercutiu suficientemente para entrar na nuvem

---

<sup>40</sup> Mais sobre isso pode ser lido aqui:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/05/13/representante-da-pfizer-confirma-governo-nao-respondeu-ofertas-feitas-em-agosto-de-2020>



O Brasil é retratado por Bolsonaro a partir de seus problemas de corrupção, alta criminalidade, maus governantes (de Collor a Dilma Rousseff fez crítica a todos, embora em graus variados) e políticas equivocadas (das privatizações às cotas). Os elementos verdadeiramente motivadores para a reconstrução da nação não viriam de sua realidade material, que deixa a desejar, mas do desejo por um Executivo centralizador e poderoso, intransigente em relação aos valores morais, que exalta a autoridade e a exclusividade da família heterossexual, que governa ao lado das Forças Armadas, sob o alento da religião. (DALMONTE; DIBAI, 2019, p. 8)

É importante lembrar que as manifestações do sete de setembro não foram as únicas registradas em nossa pesquisa. Houve também os atos de primeiro de maio, caracterizados pela *hashtag* “#EuAutorizo”. Os alvos dessa primeira manifestação em nosso recorte temporal também eram os mesmos inimigos do sete de setembro: o STF e seus ministros.

O discurso bolsonarista em torno de ambos os atos foi o mesmo. A pauta defendida, e usada para a convocação, foi a da “defesa da liberdade”. Em nenhum momento tais atos foram caracterizados, pelos bolsonaristas, como manifestações de apoio à Bolsonaro. Ou seja, no discurso bolsonaristas as manifestações eram por um valor, a liberdade, e não por um governo ou um presidente.

A contradição entre o que é dito na internet e o que é visto nas ruas só é percebida pelos olhos de quem não encontra-se alinhado politicamente com o bolsonarismo. Por mais que as publicações e *tweets* escondam os gritos de intervenção militar, quando reivindicam “liberdade” é justamente intervenção que estão pedindo. O golpe de 1964, na cabeça dos militares e de quem os apoiou, não foi *contra* a democracia, foi *pela* democracia. É impossível saber exatamente no que acreditam os apoiadores de Bolsonaro, se seus gritos são frutos de uma legítima, mas distorcida percepção da realidade ou se sabem da inverdade de suas palavras, mas o argumento em jogo é de que a democracia está ameaçada pelo Supremo Tribunal Federal, pela esquerda, pela imprensa, enfim, por qualquer um que pense diferente de Bolsonaro, e por isso a única forma de resguardar o Estado democrático de direito seria reinstaurando Bolsonaro na presidência e eliminando qualquer oposição.

Outro fato que destaca isso é em como a noção de “povo” é ressignificada por Bolsonaro e seus apoiadores. A todo momento é ressaltado de que os atos são a vontade “do povo”. Não de apoiadores, não de militantes, mas do “povo”, em sua totalidade. A ideia de tal estratégia parece ser a de extrair legitimidade através dessa suposta vontade popular.

Nenhuma oposição ao governo é entendida como legítima, fruto de preocupações reais ou apenas diferentes formas de perceber a realidade política e social do país. Como Rocha (2021) destacou bem ao analisar a retórica do ódio: o objetivo final é a eliminação do outro, não existe espaço para coexistência. Em 7 de setembro, @AdrillesRJorge postou: “*Os atos de milhões nas ruas falam em liberdade e democracia. A mídia e o STF falam em atos golpistas . Só se for golpe na voz do povo. Os termos foram invertidos. Juízes e jornalistas querem tomar a voz do povo. 7 de setembro de 2021 marca a tomada de poder pelo povo real*”. A retomada do poder pelo **povo real**. Por “povo real” entende-se, é claro, quem apoia Bolsonaro. Os opositores sequer representam uma parcela da vontade popular. Aqui, a anulação do outro é simbólica. Em quanto tempo tal discurso pode levar a eliminação real de quem é visto como alheio ao “povo real”? Em menos de um ano depois da postagem de Adrilles, um guarda civil que comemorava seu aniversário, com a temática do Partido dos Trabalhadores, foi morto a tiros por um policial militar apoiador de Bolsonaro<sup>42</sup>.

[...] não há, na mentalidade conservadora, uma noção de processo ou de qualquer possibilidade para a mudança disso que chamo de caráter de um grupo, com o qual a pessoa é identificada. Sendo esse caráter coletivo imutável, a única coisa a fazer diante de um elemento de caráter negativo e que lhe ameaça é eliminá-lo pela força. A solução para o problema da alta criminalidade passa pelo rigor da lei e pela mão forte da polícia. Para as pessoas que se drogam em praça pública, vagabundos que dormem nas ruas, trombadinhas, estupradores, assassinos ou políticos corruptos, o tratamento severo da polícia e da justiça, condenando-os à prisão, onde terão o sofrimento que merecem e ficarão bem longe dos homens de bem. (LERNER, 2019, p.230)

Esse “povo” abstrato composto apenas de apoiadores de Bolsonaro serve também como justificativa para as pautas golpistas e antidemocráticas vistas nos atos de primeiro de maio e sete de setembro. No discurso bolsonarista, fechar a corte maior de justiça, o STF, e mobilizar as forças armadas para interromper o processo eleitoral e reconduzir Bolsonaro ao poder por tempo indeterminado, não são atos que poderiam ser considerados golpistas ou antidemocráticos, mesmo atentando contra a constituição brasileira, pois seriam a expressão da vontade do povo.

A crise de legitimidade política reforça a importância dessa tentativa bolsonarista de associar “povo” com os interesses políticos do governo Bolsonaro. A representação política, dentro de uma democracia estabelecida, é a forma encontrada

---

<sup>42</sup> Detalhes do fato podem ser vistos aqui: <https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2022/07/10/guarda-municipal-e-morto-a-tiros-na-propria-festa-de-aniversario-em-foz-do-iguacu.ghtml>

para governar, em tese, através da vontade popular, já que seria inviável uma democracia direta em sociedades complexas com milhões de cidadãos. Castells (2018) destaca que apesar das democracias se adaptarem com as mudanças das relações sociais de poder, que fundaram as próprias democracias, tais mudanças privilegiam as instituições já estabelecidas. Em outras palavras, o Estado fortalece o Estado em primeiro lugar.

Com isso, ao longo do tempo, rompe-se “o vínculo subjetivo entre o que os cidadãos pensam e querem e as ações daqueles a quem elegeram”, pois “políticos defenderiam seus interesses comuns acima dos interesses daqueles que eles dizem representar” (Berti; Carvalho, 2019, p. 134). Isto é, além de ser um apelo populista, a tentativa de Bolsonaro associar suas vontades com a vontade do povo é uma maneira de também apelar para o sentimento de desconexão entre governantes e governados.

Expandindo a questão sobre “povo” e democracia, Castelo Branco afirma:

O “povo” – e com ele, a democracia – diz respeito a uma espécie de corpo que se expande e se contrai, a partir das condições particulares do processo democrático, em nome de direitos universais que garantiriam liberdades em expansão e condições de igualdade. Uma vez mais: o processo democrático é movido por uma força que corresponde a esse esforço de ampliação – que pode igualmente se contrair – de um horizonte de libertação (individual e coletivo) e da constituição de condições de igualdade que devem ampliar o conceito político de povo. [...]

Eis aqui a primeira contradição interna à toda democracia: quanto mais o processo democrático amplia a noção de povo e aumenta os signatários que terão sua voz reconhecida politicamente, mais interesses contraditórios entre si passam a conviver no mesmo espaço democrático (CASTELO BRANCO, 2019, p.66)

E justamente dentro desse escopo de interesses contraditórios que opera a lógica bolsonarista, se alimentando do conflito e reivindicando legitimidade absoluta, ao buscar trazer para o lado de seus interesses a noção de povo, e com ela, de democracia, vontade da maioria. Assim, criam-se as condições para que se justifique a defesa da ruptura institucional. “O procedimento democrático não garante a perpetuidade da democracia, mas pode significar sua própria autoaniquilação (Castelo Branco, 2019, p. 67).”

Como vemos, a estratégia discursiva do bolsonarismo vai além da retórica do ódio e dos ataques pessoais a opositores. Um ponto fundamental dessa direita

bolsonarista é ressignificar conceitos generalistas como “liberdade”, “pátria” e “povo”, fazendo-os atender as necessidades políticas do momento. A tomada do poder pelos militares torna-se sinônimo de “liberdade”; o apoio acrítico e irrestrito é a característica mais forte do “povo”; e a “pátria” é aquele lugar onde os opositores não existem.

Apesar de reivindicarem a defesa da “liberdade” e da vontade do “povo real”, o nome do presidente foi mais citado do que as pautas oficiais. Disso, surge uma dúvida que já adianto não termos resposta: o apoio a Bolsonaro se dá por ele ser entendido como defensor da “liberdade” contra o autoritarismo do judiciário e da esquerda, e por isso seu governo deve ser defendido e sua reeleição ser conquistada, ou tal apoio apenas manipula as pautas caras para o campo da direita conservadora em busca de conseguir a reeleição de Bolsonaro? Em outras palavras, os apoiadores digitais de Bolsonaro realmente acreditam no que falam? Ou são peças de um jogo político marcado pelo cinismo? Bolsonaro tenta, a todo momento, reforçar sua imagem de mártir da liberdade.

### Imagem 13 - Tweet de Bolsonaro



Fonte: <https://twitter.com/jaiboldsonaro/status/1434907269964222465>

O episódio da facada, ocorrido na véspera do 7 de setembro de 2018, também foi lembrado por Carlos Bolsonaro. Em publicação do dia 6 de setembro de 2021, o

filho do presidente associou o autor do atentado, Adélio Bispo de Oliveira, ao PSOL, ao PT e até mesmo ao movimento de terceira via, que vinha tentando se colocar como alternativa à Lula e à Bolsonaro, sem sucesso<sup>43</sup>.

Outro assunto bastante comentado entre os bolsonaristas nesta semana de análise foi o Conservative Political Action Conference (CPAC), uma espécie de congresso conservador internacional. O evento reuniu desde Eduardo Bolsonaro até Allan dos Santos, dono do @tercalivre, que participou de forma remota diretamente dos EUA. A realização de tal evento justamente na semana do 7 de setembro não parece ter sido uma coincidência.

**Gráfico de similitude 9 – Semana com maior volume de postagens: Setembro**

---

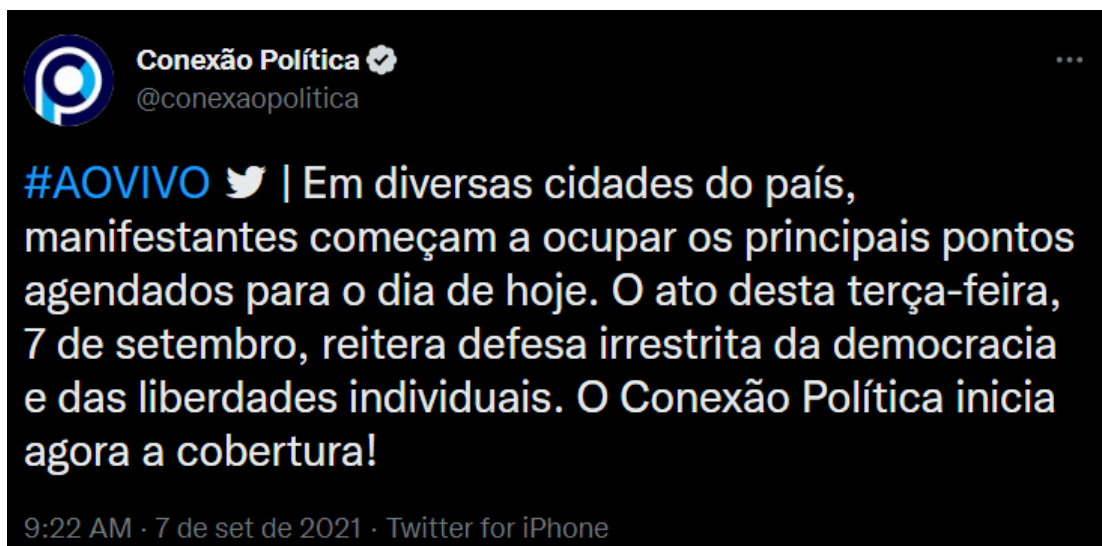
<sup>43</sup> O absurdo *tweet* de Carlos Bolsonaro pode ser visto aqui: [www.twitter.com/CarlosBolsonaro/statuses/1434926836241338372](https://www.twitter.com/CarlosBolsonaro/statuses/1434926836241338372)



magistrado<sup>44</sup>. Como veremos em sequência, as falas do presidente não passavam de bravatas, depois justificadas pelo “calor do momento”.

Um último ponto que merece ser citado nesta semana de 7 de setembro de 2021 foi o papel dos perfis de suposto caráter jornalístico. Como vimos anteriormente, tais perfis desempenharam de fato o papel que se espera de um portal de notícias. Porém, no dia das manifestações a atuação destes portais diferiu pouco em relação ao comportamento dos mais fervorosos apoiadores de Bolsonaro. A função exercida por mais contas foi a de compartilhar registros dos atos golpistas. Inúmeras publicações continham vídeos e fotos dos locais onde ocorriam as manifestações.

#### Imagem 14 - Tweet de Conexão Política



Fonte: <https://twitter.com/conexaopolitica/status/1435216911004995585>

A semana do feriado da independência marca o momento de maior força do bolsonarismo em nossa pesquisa. A mudança de comportamento é notável: não mais ocorreram tentativas de responder aos opositores, ignorou-se por completa a CPI da Pandemia, impôs-se a pauta da “liberdade” e do apoio do “povo real” à Bolsonaro e seu governo.

### 3.10 – SETEMBRO: SEMANA COM MENOS POSTAGENS.

A ressaca após o 7 de setembro foi forte entre os apoiadores de Bolsonaro. A semana do mesmo mês com o menor volume de postagens ocorre entre os dias 14 e

<sup>44</sup> A íntegra do discurso pode ser vista aqui: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/09/07/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-em-sao-paulo-no-7-de-setembro.htm>

21, com apenas 700 publicações, o menor volume registrado até agora em nossa pesquisa. Mas um fato relevantíssimo aconteceu dias antes, no 9 de setembro. Para entender essa semana é preciso mencioná-lo.

Após as declarações golpistas de Bolsonaro, afirmando não mais respeitar decisões judiciais do ministro do STF Alexandre de Moraes, a reação política foi forte. O presidente do senado, Rodrigo Pacheco (PSD), arquivou o pedido de impeachment de Moraes, protocolado por Bolsonaro, partidos da oposição voltaram a articular pelo impeachment<sup>45</sup>, e o saldo final dos atos foi o de uma grande demonstração do isolamento político do presidente da república<sup>46</sup>. Com esse cenário, Bolsonaro viu-se na necessidade de recuar.

Com isso, no dia 9 de setembro de 2021, foi divulgada uma carta intitulada “Declaração à nação” e assinada por Bolsonaro. No texto, o presidente afirma que nunca teve a intenção de agredir os outros poderes da república, defendeu que suas palavras foram ditas “no calor do momento”, e chegou inclusive a elogiar as “qualidades” de Alexandre de Moraes como “jurista e professor”. Como veio a se saber depois, a carta foi escrita com o ex-presidente Michel Temer (MDB)<sup>47</sup>.

Como vimos anteriormente, a semana do 7 de setembro foi de ofensiva bolsonarista, dentro e fora das redes sociais digitais. Apenas dois dias após as grandes manifestações registradas e do discurso inflamado do presidente, o recuo narrativo e político serviu para conter a ofensiva que vinha acontecendo desde meados de agosto. Como veremos a seguir, Bolsonaro e seus apoiadores não conseguiram manter a imposição de suas pautas vista em momentos anteriores.

---

<sup>45</sup> Mais informações podem ser vistas aqui: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,impeachment-de-bolsonaro-movimenta-partidos-veja-como-as-siglas-reagiram-ao-7-de-setembro,70003834408>

<sup>46</sup> Uma das análises pode ser lida aqui: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-58483411>

<sup>47</sup> A íntegra da carta pode ser lida aqui: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/09/09/leia-a-integrada-declaracao-a-nacao-de-bolsonaro.ghtml>



estavam mais centradas em sua efetividade, mas sim nos seus hipotéticos efeitos nocivos desconhecidos a longo prazo. O caso da adolescente morta após se vacinar foi usado como exemplo do cuidado que deveria se ter em relação às vacinas. Na mesma semana foi descoberto que o caso não teve qualquer relação com a vacinação<sup>51</sup>. O perfil @conexaopolitica foi o único a noticiar a verdadeira causa da morte da jovem.

Ainda em 2020, primeiro ano da pandemia, Calil (2020, p. 178-189) identificou as fases diferentes que passou a propagação de *fake news* sobre a covid. Segundo o autor, em um primeiro momento adotou-se a estratégia de minimizar a a gravidade e os riscos da doença. Porém, o alto número de mortos obrigou que tal abordagem fosse repensada. Foi quando começaram a surgir histórias falsas sobre supostos atestados de óbito que foram registrados erroneamente para indicar morte por covid. A história, de tão absurda, virou piada.<sup>52</sup>

Trago a fala de Calil para destacar que os mesmos métodos usados em 2020 para desacreditar a gravidade da doença foram usados, por bolsonaristas, para gerar dúvidas, medos e receios em relação a vacinação de adolescentes. Mesmo após a realidade demonstrar o quão equivocada, e potencialmente criminosa, era a posição inicial adotada por este grupo, nada mudou e os mesmos métodos continuaram a ser utilizados.

**Gráfico de similitude 10** – Semana com menor volume de postagens:  
Setembro

---

<sup>51</sup> A notícia completa pode ser acessada aqui: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/09/17/morte-de-adolescente-em-sp-apos-tomar-vacina-contracovid-decorre-de-doenca-autoimune-conclui-secretaria-de-saude-do-estado.ghtml>

<sup>52</sup> Mais informações podem ser vistas aqui: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/coronavirus-servico/noticia/2020/03/fake-news-do-borracheiro-e-usada-para-desacreditar-numeros-do-coronavirus-ck8dibh7y02tz01o91mc4j6s4.html>



Com os ânimos golpistas arrefecidos pelo recuo de Bolsonaro em sua “declaração para a nação”, sobrou pouca margem de ação para o bolsonarismo digital. O *tweet* mais repostado desta semana foi um do presidente da república, requeitando argumentos velhos sobre o financiamento de obras na Venezuela<sup>53</sup>. Nem mesmo o questionamento às vacinas teve tração, já que poucos dias depois da proibição, o ministério da saúde voltou atrás e novamente autorizou a vacinação para adolescentes. O saldo dessa semana é de um aparente desânimo após as altas expectativas geradas pelo 7 de setembro.

### 3.11 – OUTUBRO: SEMANA COM MAIS POSTAGENS.

Em outubro, o desânimo bolsonarista continuou. A semana com maior quantidade de publicações aconteceu entre os dias 2 e 8, com 531 mensagens postadas. Vale lembrar que a coleta de dados do mês de outubro encontrou dificuldades imprevistas, tendo em vista que a conta @tercalivre foi suspensa por ordem judicial, tendo suas publicações tornadas inacessíveis para coleta, e também pelo fato de Leandro Ruschel ter aumentado a frequência com que apagava suas publicações. Estas duas contas tiveram a coleta de suas postagens prejudicadas por tais fatos.

Entretanto, olhando para os assuntos que foram tratados nesta semana, fica claro que a ausência de um punhado de postagens não alteraria radicalmente os números observados. Como veremos abaixo, o termo “liberdade” aparece entre os mais citados, porém, e diferente do que aconteceu no 7 de setembro, a palavra não aparece com a ressignificação bolsonarista.

---

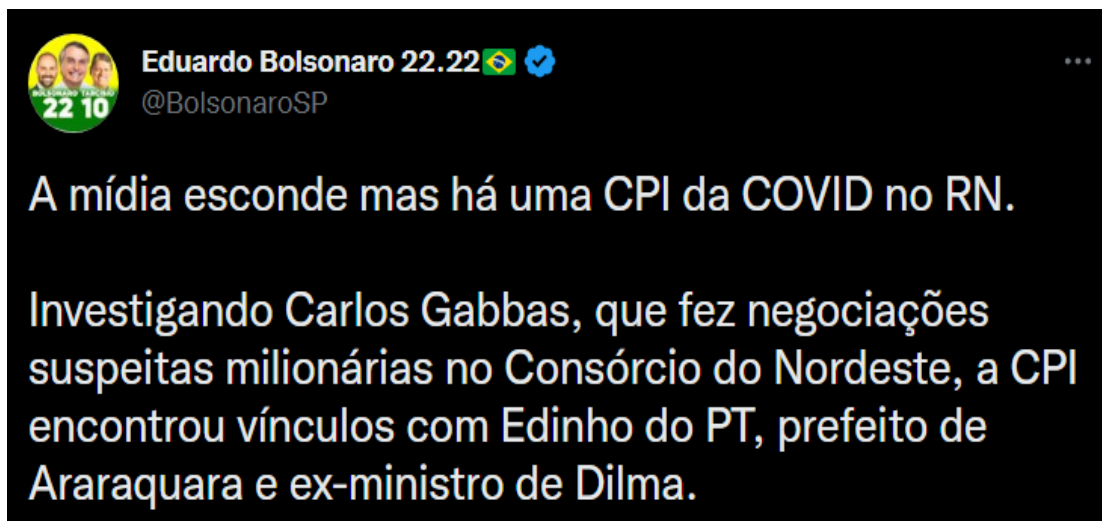
<sup>53</sup> A postagem de Bolsonaro pode ser vista aqui: [www.twitter.com/jairbolsonaro/statuses/1440057615573127171](https://www.twitter.com/jairbolsonaro/statuses/1440057615573127171)





Nordeste<sup>55</sup>. Carlos Gabbas, presidente deste consórcio, foi ouvido nesta CPI no dia 6 de outubro de 2021.

**Imagem 15** - Tweet de Eduardo Bolsonaro.



Fonte: <https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1446117869402558470>

Ignora-se uma CPI desfavorável, mas dá-se destaque a outra que possa servir de plataforma de críticas aos opositores. É importante destacar que a CPI da pandemia, na semana analisada em questão, teve depoimentos relevantes. Um deles foi o do ex-médico da empresa Prevent Senior, que afirmou, entre outras coisas, que era obrigado a receitar medicamentos sem comprovação científica para seus pacientes<sup>56</sup>, os mesmos medicamentos defendidos e propagados por Bolsonaro. O caso rendeu a abertura de uma outra CPI, na assembleia legislativa do Estado de São Paulo.

Um último aspecto desta semana que merece atenção é a pouca importância dada ao presidente da república. No gráfico de similitude, o nome de Bolsonaro aparece conectado nos eixos “instagram” e “Facebook”. Tal fato se dá, pois durante essa semana foram realizadas algumas postagens de Carlos Bolsonaro divulgando os outros endereços digitais do pai. Se em outros momentos víamos Bolsonaro associado às palavras “Brasil” ou “liberdade”, agora lhe resta apenas a divulgação de outras contas digitais.

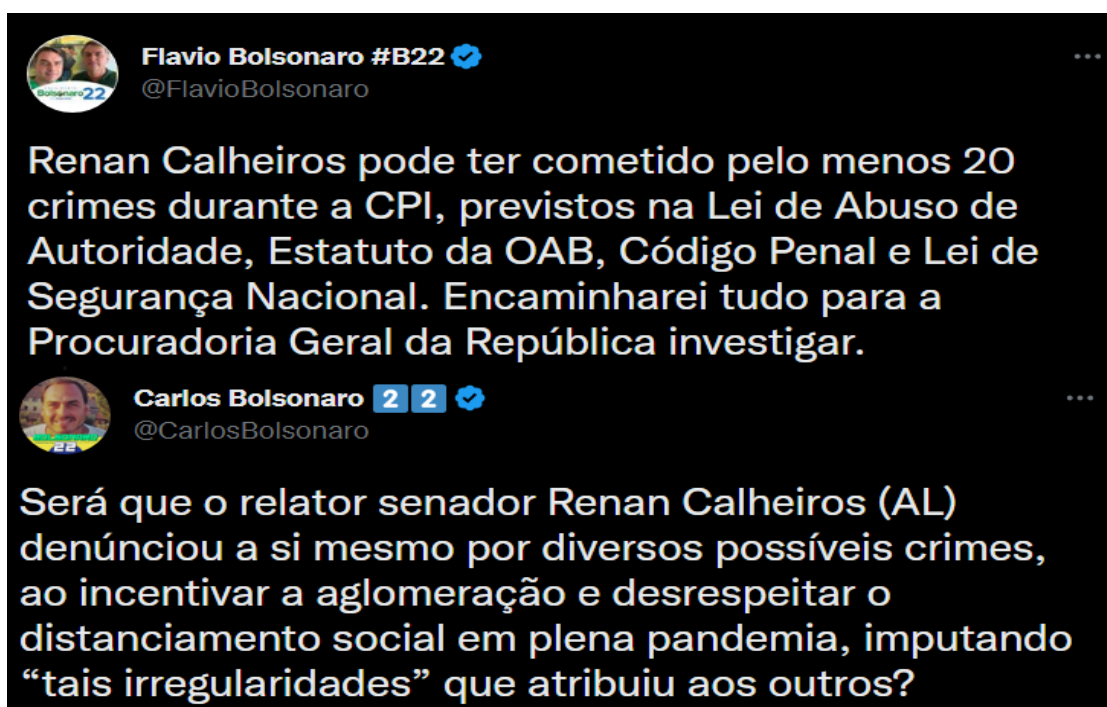
<sup>55</sup> O consórcio nordeste foi formado em 2019 pelos nove Estados do nordeste brasileiro, Mais detalhes sobre a iniciativa podem ser vistos aqui: <https://iree.org.br/consorcio-nordeste-entenda-o-que-e-a-iniciativa/>

<sup>56</sup> Os detalhes do depoimento podem ser vistos aqui: <https://www.poder360.com.br/congresso/ex-medico-da-prevent-senior-diz-a-cpi-que-era-obrigado-a-receitar-kit-covid/>



corrupção e prevaricação, entre outros crimes<sup>57</sup>. Diversos integrantes desta pesquisa foram indiciados, como Jair Bolsonaro e seus filhos Carlos, Eduardo e Flavio, além do influenciador Leandro Ruschel, de Allan dos Santos, dono da conta @tercalivre. A conta @Renovamidia foi também citada, mas sem indiciamento.

**Imagem 16** - Postagens de Flávio e Carlos Bolsonaro



Fonte: <https://twitter.com/FlavioBolsonaro/status/1450912775153328144> e  
<https://twitter.com/CarlosBolsonaro/status/1450904332602384393>

Pelas postagens de Flávio e Carlos, vemos que a resposta bolsonarista aos indiciamentos não é a defesa da inocência, mas sim o ataque à acusação. As conclusões do relatório não são abordadas, sequer são refutadas, preferindo a já conhecida estratégia de lançar suspeitas ao acusador. É como se o relatório estivesse errado não por conta das conclusões que se chega, mas sim por conta de quem o elaborou, Renan Calheiros. Já vimos o mesmo comportamento durante a primeira semana de trabalhos da CPI e ao longo desta pesquisa.

Apesar de voltar a tratar do tema da CPI, os ânimos bolsonaristas continuaram em baixa. Em 21 de outubro de 2021, Alexandre de Moraes ordenou a prisão e extradição de Allan dos Santos, dono do perfil @tercalivre<sup>58</sup>. Em outros momentos, tal

<sup>57</sup> O relatório completo pode ser acessado aqui: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/mnas?codcol=2441&tp=4>

<sup>58</sup> Mais detalhes da ordem de Moraes podem ser vistas aqui: <https://www.jota.info/stf/do-supremo/allan-dos-santos-presos-preventivamente-21102021>

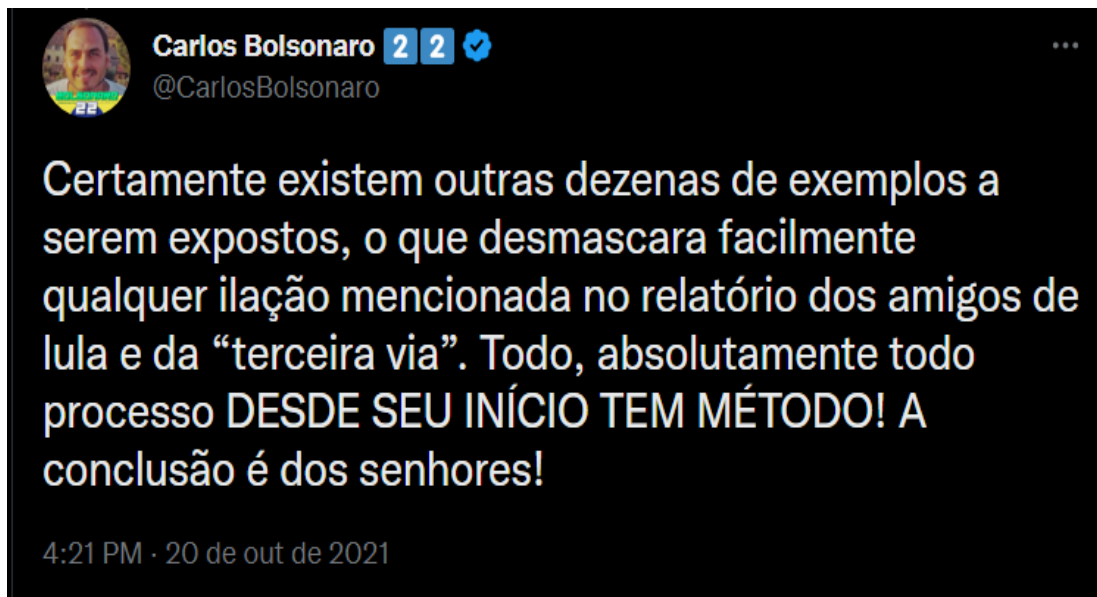


ligados ao governo, principalmente ao nome do ministro da economia, Paulo Guedes. Já as menções ao nome do principal adversário de Bolsonaro nas eleições gerais de 2022, Lula (PT), tiveram um caráter negativo, como era de se esperar.

Nesta semana, alguns perfis repercutiram uma notícia que afirmava que um ex-agente da inteligência Venezuelana havia sido preso na Espanha e confessado que o governo de Nicolas Maduro, presidente da Venezuela, financiava partidos de esquerda em toda América Latina, e que Lula havia recebido dinheiro ilegal. A referida notícia não foi repostada nem pelo @conexaopolitica, nem pelo @renovamidia. Os principais divulgadores do suposto fato foram Carlos e Eduardo Bolsonaro.<sup>59</sup>

Uma outra forma com que Lula foi citado nesta semana foi associando seu nome ao da CPI, de maneira bem direta. Carlos Bolsonaro, mais de uma vez, utilizou a expressão “CPI do Lula”, como se o trabalho da comissão parlamentar de inquérito fosse, na verdade, uma manobra política da oposição. A tentativa tem objetivo claro: desmerecer as conclusões do relatório final. Associou-se também a CPI à “terceira via”.

#### Imagem 17 - Postagem de Carlos Bolsonaro



Fonte: <https://twitter.com/CarlosBolsonaro/status/1450905038486900744>

Essa última semana de análise espelha, ironicamente, os primeiros momentos de nossa pesquisa, naquele momento em que se observava os primeiros dias de

<sup>59</sup> A notícia também foi divulgada pelo portal R7, da Rede Record. Para saber mais, ver: <https://noticias.r7.com/internacional/ex-general-diz-que-venezuela-mandou-dinheiro-para-lula-20102021>

atuação da CPI. Após quase 6 meses de trabalho, diversas denúncias de corrupção, uma tentativa frustrada de golpe de Estado, e um recuo vergonhoso, o bolsonarismo digital não encontrou formas distintas de combate aos opositores. Os argumentos se repetem nos dois momentos, o começo e o fim, quando a única estratégia argumentativa que restou foi desmerecer a comissão parlamentar como uma artimanha política da oposição. Em setembro de 2021, o governo Bolsonaro bateu recorde de reprovação: 53%, segundo o datafolha<sup>60</sup>. Tal número se manteve na mesma proporção até Dezembro<sup>61</sup> do mesmo ano. A estratégia bolsonarista de combate, no ambiente digital, à CPI da pandemia não parece ter dado resultados.

### 3.13 – UM OLHAR GERAL.

Após analisar mês a mês, semana a semana, faz-se necessário dar um passo para trás, e observar o quadro maior. Começamos analisando a atuação dos grupos de cada grupo que integrou a pesquisa, para em seguida analisar as diferentes formas discursivas com que o bolsonarismo tratou a CPI da Pandemia.

Olhemos para os perfis integrantes da pesquisa e para a separação destes nos grupos propostos, de políticos, influenciadores e perfis de notícias. Por critérios da pesquisa, o grupo dos políticos acabou por ser composto pelos três filhos de Bolsonaro que ocupam cargos públicos. O apoio incondicional deste grupo ao pai e presidente não foi nenhuma surpresa, mas mesmo com isso alguns pontos de atuação destes agentes merecem destaque.

Carlos Bolsonaro (Republicanos), vereador pela cidade do Rio de Janeiro, apontado como chefe de uma “milícia digital” conhecida como “gabinete do ódio”<sup>62</sup> não foi o filho que mais postou durante o período de análise e nem o mais radical em suas mensagens, contrariando a intuição, já que Carlos supostamente seria o coordenador do gabinete do ódio. Na verdade, o filho com comportamento mais radical durante o período da CPI da pandemia foi o deputado federal por São Paulo Eduardo Bolsonaro (PL). Eduardo foi também quem mais publicou mensagens ao

---

<sup>60</sup> Para saber mais, ver: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2021/09/1989340-recorde-reprovacao-a-bolsonaro-atinge-53.shtml>

<sup>61</sup> Mais detalhes em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2021/12/reprovacao-a-governo-bolsonaro-fica-estavel-em-53.shtml>

<sup>62</sup> A existência de tal grupo foi denunciada por ex-apoiadores de Bolsonaro. Para mais detalhes, acessar: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/ex-aliados-de-bolsonaro-detallham-modus-operandi-do-gabinete-do-odio/>

longo do período de análise, entre elas, como já foi mostrado anteriormente, um *tweet* com a *hashtag* “eu autorizo”.

Flávio (PL), filho mais velho de Bolsonaro e senador pelo Rio de Janeiro, foi quem teve a menor atuação digital no período analisado. Por ser senador, justamente a casa legislativa onde foi instaurada a CPI da pandemia, poderia se esperar uma maior assiduidade do filho senador, mas não foi o que aconteceu. Flávio foi também quem teve o comportamento menos radical no ambiente digital.

Não há dúvida de que os três filhos de Bolsonaro são radicais de direita, suas postagens e ações confirmam isso, mas a nossa análise aponta que uns são mais do que outros. Eduardo aparece para cumprir o papel de militante digital, esbravejando mais e com maior frequência do que seus irmãos. Flávio, talvez pelo seu cargo de senador, tenha um pouco mais de pudor<sup>63</sup> em suas falas. Já Carlos fica no meio entre seus dois irmãos na questão radicalismo.

Ainda falando sobre os filhos de Bolsonaro, salta aos olhos a baixa tração digital que estes possuem. Nossa pesquisa demonstrou que Jair Bolsonaro é de longe o perfil com maior engajamento, medido por *likes* e compartilhamentos. Em quantidade de seguidores, os filhos do presidente só perdem para ele. Entretanto, e mesmo com uma abundância de seguidores, o resto do clã Bolsonaro não herdou a capacidade do pai de engajar seus seguidores. Dos dez *tweets* mais compartilhados de todos os coletados em nossa pesquisa, nove são de Bolsonaro e um é da influenciadora Taoquei1. Mesmo com mais seguidores, e com toda a exposição dos cargos públicos, os filhos de Bolsonaro perdem, em engajamento, para uma influenciadora desconhecida do grande público.

No campo dos influenciadores, Taoquei1 é quem realmente se destaca, como visto acima. No momento da seleção de perfis que integrariam esta pesquisa, em Março de 2021, a influenciadora contava com 450 mil seguidores; hoje, janeiro de 2023, já são mais de 2 milhões. Em termos de comparação, Carlos Bolsonaro, o mais seguido entre os filhos do presidente em Março de 2021, tinha também 2 milhões de seguidores, e hoje conta com 3,3 milhões. A matemática não mente, Carlos ainda tem mais seguidores, mas Taoquei1 cresceu mais nesse período.

---

<sup>63</sup> O “pudor” de Flávio Bolsonaro se dá em comparação com seus irmãos. Vale lembrar da briga protagonizada por Flávio Bolsonaro e o relator da CPI da Pandemia, ainda no começo dos trabalhos: [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/10/20/interna\\_politica,1315565/flavio-bolsonaro-chama-renan-calheiros-de-vagabundo-e-promete-denuncia.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/10/20/interna_politica,1315565/flavio-bolsonaro-chama-renan-calheiros-de-vagabundo-e-promete-denuncia.shtml)

Taoquei 1 foi também a segunda conta em volume de postagens ao longo do período de coleta, com mais de 4500 publicações, perdendo apenas para o perfil do portal de notícias RenovaMídia, cujo grande parte das publicações se davam de maneira automatizada, repostando notícias anteriormente postadas. Tal fato demonstra o tamanho do empenho da influenciadora em sua atividade digital.

Em 27 de maio de 2020, o ministro do STF, Alexandre de Moraes, determinou uma operação de busca e apreensão contra diversos donos de perfis no Twitter acusados de manter uma rede de disseminação de *Fake News*<sup>64</sup>. Entre os diversos perfis citados no mandado, estavam o de Taoquei1 e o de outro influenciador que compõe nossa pesquisa: Leandro Ruschel.<sup>65</sup>

Ruschel é outro que registrou grande atividade digital durante o recorte temporal proposto pela pesquisa, com quase 3 mil *tweets*. O número de publicações coletadas de Ruschel certamente seria maior se o influenciador não apagasse periodicamente todo seu histórico de mensagens. A prática obviamente não é ilegal, mas levanta diversas dúvidas sobre a motivação para tal ato. Talvez Ruschel tente esconder das autoridades o teor radical de suas postagens, muitas delas contra o STF, e diversas outras defendendo ações antidemocráticas como as vistas no já analisado sete de setembro de 2021.

Já o terceiro e último influenciador presente em nossa pesquisa, Adrilles Jorge, quebrou o padrão desde grupo teve pouquíssimas postagens registradas, sendo o perfil com o menor número coletado. Porém, o radicalismo de suas publicações foi tamanho que hoje seu perfil está retido por ordem judicial, justamente por atentar contra o Estado democrático de direito, o único dos influenciadores a sofrer tal pena.

Os influenciadores assumiram o papel de disseminação de radicalismo, tanto em conteúdo quanto em quantidade, em comparação ao grupo dos políticos, mesmo este sendo composto pelos três filhos do presidente. Além disso, as mensagens disseminadas por estes perfis encontraram maior alcance entre os demais usuários do Twitter, refletido na forma de engajamento com as postagens.

O grupo de perfis com viés noticioso apresentou um comportamento mais ou menos esperado de um grande portal de notícias. O Renova Mídia e o Conexão

---

<sup>64</sup> O mandado completo pode ser acessado aqui: <https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStf/anexo/mandado27maio.pdf>

<sup>65</sup> Vale mencionar que Allan dos Santos, dono do perfil “TercaLivres”, integrante desta pesquisa, também estava no mandado

Política repercutiram mais notícias relacionadas à Bolsonaro e seu entorno político, mas tal atuação raramente caiu no campo propagandístico. Já o Portal TercaLivre adotou uma postura semelhante à dos perfis de influenciadores, combinando radicalismo e “informação”, por vezes distorcida ou falsa, mas informação.

O ponto de maior destaque na atuação destes perfis noticiosos se deu no sete de setembro de 2021, quando o tom mais neutro dos dois perfis citados acima eclodiu e viu-se uma ação no sentido de divulgar a grande participação popular dos atos golpistas daquele dia.

Mas, num aspecto geral, quais foram os elementos que constituíram o discurso de Bolsonaro e de seus apoiadores durante os meses de atuação da CPI da Pandemia? Com os dados obtidos, é possível caracterizar 3 estratégias discursivas para lidar com a comissão de inquérito parlamentar. Primeiro, a de enfrentamento; depois, a de ignorar a CPI; e por fim, a estratégia de chamamento para atos antidemocráticos.

Nos primeiros meses de investigações e sessões da CPI, os bolsonaristas buscaram atacar os trabalhos da comissão, mas principalmente atacar os senadores que integravam a CPI.

Porém, a estratégia de atacar a CPI não parece ter surtido efeitos. A rejeição a Bolsonaro atingiu seu nível recorde durante os meses de atuação da CPI. Com o recesso parlamentar de agosto de 2021, e a interrupção dos trabalhos da comissão, os bolsonaristas mudaram sua estratégia discursiva e passaram a ignorar, na maior parte do tempo, os desdobramentos da CPI.

Um fato da política nacional neste período ajudou a tirar o bolsonarismo das cordas: a votação sobre o projeto de voto impresso. A pressão pelo tema, vindo tanto de Bolsonaro quanto de seus apoiadores, tirou a CPI da Pandemia do centro da discussão, permitindo uma espécie de reorganização bolsonarista, que viria a ter seu ápice no mês seguinte, em setembro. Vale lembrar que o projeto de voto impresso foi derrotado tanto em sessão especial como no plenário da Câmara dos deputados.

Impulsionados pela mobilização em torno do voto impresso, os bolsonaristas começaram, ainda em agosto, como vimos anteriormente. Nesse momento, Renan Calheiros e a CPI já não eram os alvos favoritos para ataques online, mas sim o STF e alguns de seus ministros, mais notadamente Alexandre de Moraes e Roberto Barroso, que na época era também presidente do TSE.

Por fim, voltemos ao começo e relembremos as hipóteses levantadas no início desta pesquisa. A primeira hipótese era de que o *Twitter* seria uma espécie de canal oficial para elaboração e transmissão de posições do campo bolsonarista, posições elaboradas por uma “elite” de perfis e depois adotadas pela maior parte do campo da extrema-direita bolsonarista; a segunda hipótese tratava sobre a hegemonia de Bolsonaro neste campo político, possivelmente ameaçada pela adoção de medidas pragmáticas, como o embarque do Centrão no governo, por parte do presidente; e por fim, a última hipótese explorava a ideia de que, uma vez sem Bolsonaro na cadeira de presidente da república, a união de forças direitistas, que levou à eleição do ex-capitão do exército em 2018 e atuou como base de sustentação de seu governo, seria desfeita e que esse campo encontraria dificuldade em encontrar outra figura de liderança.

Das duas hipóteses apresentadas, a mais óbvia de ser constatada é a que trata sobre a hegemonia de Bolsonaro. Vamos começar por esta.

Em nenhum momento dos seis meses de análise que integram essa pesquisa, Bolsonaro teve sua liderança e hegemonia ameaçada, ou suas posturas questionadas. É possível verificar que em todos os gráficos de nuvem de palavras o nome de Bolsonaro aparece em lugar de destaque, figurando sempre entre os termos mais utilizados. Nem mesmo o grupo mais extremado presente na pesquisa, o dos influenciadores, questionou as ações do então presidente.

Tal fato exposto acima se mostra especialmente relevante quando relembremos os fatos que vieram à tona com a CPI da Pandemia. Em mais de uma ocasião, funcionários do governo foram acusados de integrarem esquemas de corrupção, como os da compra da vacina indiana Covaxin, e da cobrança de propina por dose de vacinas da AstraZeneca. Tendo sido eleito com um discurso de combate à corrupção, seria razoável imaginar que críticas seriam feitas ao governo envolvido justamente nas práticas que prometia combater. Não foi o que aconteceu.

Frente as acusações de corrupção, os apoiadores de Bolsonaro que integram essa pesquisa partiram para a ofensiva. Ao invés de defenderem o suposto caráter ilibado de seu líder, acusaram os acusadores de agirem por motivação política. Além disso, como vimos, tentou-se desqualificar os denunciadores, no caso das denúncias apresentadas pelos irmãos Miranda, como isso anula-se o mérito das afirmações. Tal tipo de estratégia faz parte do *modus operandi* Bolsonarismo, como já foi exposto

anteriormente, e usado à exaustão contra opositores políticos, desde o relator da CP até ministros do STF.

Raivosamente ideológicos, os bolsonaristas pouco deram atenção para a entrada do centrão no primeiro escalão de governo. Ciro Nogueira (PP), que em 2017 chamou Bolsonaro de “fascista”<sup>66</sup>, assumiu como ministro chefe da Casa Civil em julho de 2021, no auge da CPI da pandemia. No mesmo período, Bolsonaro declarou que “sempre foi do centão”. As nomeações para ministérios e declarações destoam radicalmente das promessas de campanha de 2018, tanto da parte de Bolsonaro quanto da de seus aliados<sup>67</sup>. A imagem construída como de um político “antissistema” perdeu o sentido lógico quando o governo Bolsonaro abriu as portas do Palácio do Planalto para o centrão.

E mesmo com tudo que foi exposto, a hegemonia de Bolsonaro permaneceu intacta. Seus apoiadores, mesmo os mais ideológicos, não se importaram com as guinadas políticas de seu líder. O apoio incondicional persistiu mesmo quando Bolsonaro maculou as características que o fizeram ser escolhido como líder do campo político da extrema-direita. Uma das possíveis explicações para tal fenômeno talvez esteja na própria estratégia discursiva do bolsonarismo: o ataque, sempre.

Onde queremos chegar? O bolsonarismo, como vimos ao longo dessa pesquisa, é pobre de valores próprios, pobre de convicção. Seus valores e suas ideias são fruto da negação de valores e ideias, sendo inexistente a construção de um pensamento próprio.

Por fim, a hipótese que falta ser abordada, sobre o *Twitter* ser usado como uma espécie de disseminador de posições oficiais do bolsonarismo para serem espalhadas pela grande massa de apoiadores. Para tratar esse ponto, é importante separar dois momentos distintos verificados na análise quanto ao discurso dos apoiadores digitais de Bolsonaro. O primeiro momento é aquele em que o Bolsonarismo se vê acuado, pautado pelos temas da CPI da Pandemia; o segundo momento é quando esse conjunto de apoiadores toma a dianteira e consegue ditar o debate público, como nos dias de manifestações antidemocráticas.

---

<sup>66</sup> Mais informações podem ser vistas aqui: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/bolsonaro-e-um-fascista-um-preconceituoso-disse-ciro-nogueira-em-2017/>

<sup>67</sup> O caminho de Bolsonaro, de *outsider* para aliado do centrão, foi muito bem traçado nesta matéria: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62299807>

Antes de mais nada, vale se perguntar: qual o papel de Bolsonaro nestas discussões? Como vimos ao longo dessa pesquisa, com os dados apresentados anteriormente, a atuação digital de Bolsonaro, enquanto presidente, é discreta. Em momentos pontuais suas postagens serviram para animar a sua base extremista, como quando das críticas à CPI, ao STF, e da convocação para as manifestações de sete de Setembro. Na família Bolsonaro, o papel de engajador de massas, ao que tudo indica, fica a cargo de Eduardo Bolsonaro.

Em sua maioria, as postagens do então presidente buscaram transmitir feitos do governo, divulgando ações de sua gestão. Porém, é fundamental destacar que as falas e declarações mais extremistas de Bolsonaro não foram reeditadas na rede social, de forma a existir um descolamento daquilo que o ex-capitão falava no mundo *off-line* e no mundo digital. Por mais de uma vez, seus discursos fora do *Twitter* servirão de munição para as postagens de seus apoiadores, destaque, novamente, os ataques ao STF e aos ministros Luis Barroso e Alexandre de Moraes.

Pode se argumentar que o pouco envolvimento dos membros da família Bolsonaro em produção de postagens sobre a CPI seja por si só uma estratégia, relegando o “trabalho sujo” para quem está longe da vida pública. Entretanto, o clã Bolsonaro se envolveu em publicações atacando a CPI, com a maior frequência ocorrendo justamente nas primeiras semanas de trabalho. Uma vez que as discussões avançaram e suspeitas de corrupção foram sendo levantadas, ficou cada vez mais raro observar postagens do entorno familiar do então presidente sobre a comissão de inquérito.

Com isso, constatamos que por mais que o teor geral do discurso tenha sido o mesmo, ocorreu um descolamento de estratégias entre o núcleo duro do bolsonarismo, ou seja, a família, e o grupo de apoiadores. Em diversos momentos ao longo desta pesquisa pudemos observar os apoiadores do presidente tomando a linha de frente da ação, guiada pelas linhas gerais do discurso de Bolsonaro, mas agindo como melhor lhes fosse conveniente.

Já o outro momento que merece ser visto com atenção é de quando o bolsonarismo pauta o debate público. Aqui, houve a unificação de discurso e estratégia discursiva. Em duas situações isto ficou escancarado: na defesa pela aprovação do projeto do voto impresso, e nas convocações e repercussões dos atos de primeiro de maio e sete de setembro.

O caso das manifestações é o mais explícito. Tanto Bolsonaro quanto seus apoiadores fizeram questão de ressaltar que tais atos seriam “pelo Brasil” e “pela liberdade”, ocultando o apoio ao governo, transformando a questão em uma luta por valores, não governos ou políticos individuais.

Ainda assim é difícil afirmar, mesmo com as evidências colidas e apresentadas, que exista uma interlocução direta entre Bolsonaro e este grupo de apoiadores, uma espécie de comunicação especial determinando como e o que tais perfis devem publicar. O que nossa pesquisa aponta é que o bolsonarismo digital se pauta tanto pelas falas de Bolsonaro, tanto pelo momento da política. Bolsonaro defendia o voto impresso muito antes de o projeto ser pautado para discussão na câmara dos deputados, porém, antes da votação e de declarações mais enfáticas do então presidente sobre o tema, não se viam menções ao projeto nas postagens dos perfis integrantes desta pesquisa.

O que foi coletado e analisado nos leva na direção de que o conteúdo do que é publicado depende, antes, de uma direção discursiva dada por Bolsonaro, de maneira indireta, através mais de seus discursos públicos do que pelas suas mensagens enviadas no *Twitter*. Bolsonaro dá um caminho, e cabe aos seus apoiadores decidir como chegar lá, como já vimos no caso do *tweet* de Bolsonaro se defendendo das acusações de corrupção e atacando os membros da CPI.

Tal fato se reforça quando observamos o desenrolar dos acontecimentos pós-sete de setembro, quando Bolsonaro foi acuado pela repercussão de seus discursos golpistas e precisou recolher-se até que os ânimos se acalmassem. Sem declarações inflamatórias, os apoiadores do então presidente não tiveram caminho para seguir, e não atoa estas semanas, seguintes aos atos golpistas, foram as que registraram menor quantidade de postagens em toda a nossa pesquisa.

Desse modo, nossa hipótese de que o *Twitter* serviria para o repasse de posições oficiais do governo Bolsonaro demonstra-se parcialmente verdadeira. As posições que Bolsonaro quer passar são realizadas de maneira majoritariamente *off-line*, com seus seguidores e apoiadores retransmitindo tais posicionamentos em suas contas digitais, para o maior número possível de usuários. Fica claro também como a base de apoio bolsonarista exerce pouca, ou nenhuma, pressão sobre seu líder. O apoio incondicional do campo da extrema-direita permite que Bolsonaro descumpra promessas de candidato e adote posturas inicialmente criticadas por ele e por seus

apoiadores. A pauta de Bolsonaro é sempre a pauta adotada por seus apoiadores, não importa o quão contraditória seja.

#### 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa pudemos ver, repetidamente, a forma e as táticas discursivas do bolsonarismo digital. O ataque aos adversários ao invés da defesa de suas posições, a exploração da crise de legitimidade política para benefício próprio, em detrimento das instituições do Estado democrático de direito, a busca pela anulação e eliminação do outro através da retórica do ódio. Surgido da crise de legitimidade política, o bolsonarismo só sobrevive na crise, buscando a consolidação da dicotomia entre “bem” e “mal”.

O que torna esta pesquisa singular é o fato de analisarmos justamente um período em que o bolsonarismo encontrou-se acuado. Os trabalhos da CPI da Pandemia escancararam a má gestão da crise sanitária, além de abalar a bandeira moralista da anticorrupção, que o bolsonarismo tanto ostentou, e que com ela se consolidou como a maior força política do país, e 2018.

Além disso, vimos que por mais que o bolsonarismo tenha um discurso unificado em questão de temas e valores, a forma como este discurso é apresentado varia, não aparentando existir uma grande coordenação na ação dos perfis presentes nesta pesquisa. E ainda assim, quando do recuo de Bolsonaro após o 7 de setembro, estes mesmos perfis seguiram a mesma posição do então presidente, poupando Alexandre de Moraes de ataques, e amenizando os ataques à suprema corte de justiça.

Não foram poucas as coisas que aconteceram desde que as primeiras linhas desta pesquisa foram escritas. Ainda estamos em uma pandemia, mas a maior parte da população brasileira já foi vacinada. Entretanto, quase setecentas mil vidas de brasileiros e brasileiras foram perdidas pela doença, e pelas ações e omissões do governo federal. O relatório final da CPI, já citado, aponta que pelo menos 120 mil mortes poderiam ter sido evitadas se o governo federal tivesse agido de maneira diferente.

Os custos políticos do desastroso enfrentamento a covid ainda estão sendo calculados. Aliados de Bolsonaro apontam a gestão da pandemia como um dos fatores que levaram à derrota (Correio Braziliense, 2022; Metropoles, 2022), pela primeira vez na história, do presidente que tentava a reeleição. Pesquisas sobre a derrota eleitoral e o enfrentamento à pandemia certamente são um caminho a ser explorado.

Além disso, as falas golpistas de Bolsonaro ganharam materialidade quando, em oito de Janeiro de 2023, seus apoiadores invadiram e destruíram as sedes dos três poderes da República. Algumas das inúmeras declarações antidemocráticas dadas por Bolsonaro podem ser encontradas em nossa pesquisa, e em diversas outras. A carreira do ex-capitão foi marcada por ataques às instituições democráticas, e à própria democracia. Elogios a ditadores, exaltações a torturadores. Os horrores observados no dia 8 de Janeiro podem ser tudo, menos surpreendentes.

Um horizonte de pesquisas se abre para verificar diversas incertezas do momento. Para onde vai o bolsonarismo? Bolsonaro manterá sua força digital? Um novo líder extremista surgirá das redes? A esquerda, agora governista, adotará estratégias digitais semelhantes às vistas pelos bolsonaristas? Qual o grau de polarização nas redes? Uma vez preso ou inelegível, Bolsonaro seguirá liderando os extremistas da direita? São perguntas que necessitam de respostas, caminhos a serem seguidos.

Esta pesquisa abordou o momento de maior crise do governo Bolsonaro, com recorde de reprovação popular. Outros governos, que contem com uma grande base de apoio online, lidariam de que forma frente a desafios semelhantes aos passados pelos bolsonaristas? Esperamos que nossa pesquisa sirva também para ajudar a responder a essa pergunta.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Gislaine Freitas; RIOS, Riverson. **Redes sociais na Internet e novas formas de sociabilidade: Um estudo do Facebook**. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE. 12., Fortaleza, jun. 2012. Anais... Fortaleza: Intercom, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/R30-1239-1.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2019.

AVRITZER, Leonardo. **Impasses da democracia no Brasil**. Editora José Olympio, 2016.

BAPTISTA, Helena Sofia Calado. **O uso do Facebook e do Twitter por Jair Bolsonaro na campanha presidencial de 2018**. Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Católica Portuguesa. Lisboa, p. 122, 2021.

BBC NEWS BRASIL (2023). **Bolsonaristas já ganharam autonomia em relação a Bolsonaro, aponta antropóloga**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-64234271>>.

BERTI, Orlando Maurício de Carvalho; CARVALHO, Sonia Maria dos Santos. Democracia e ética em tempos de fake news: o tuiteiro-presidente Jair Bolsonaro e as consequências para a socialização da informação no País. **Revista de Estudos Universitários-REU**, v. 45, n. 1, 2019.

CALIL, Gilberto. Negacionismo e guerra de informações na construção da tragédia brasileira sob a pandemia. **Marx e o Marxismo-Revista do NIEP-Marx**, v. 8, n. 14, 2020.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura: A crise da democracia liberal**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. 150 p.

CASTELO BRANCO, Felipe. **O ódio como afeto político: sobre a composição do populismo de extrema-direita no Brasil**. *Psicanálise & Barroco em Revista*, v. 17, n. 2, p. 64-95, 2019.

CESARINO, Leticia. **Populismo digital, neoliberalismo e pós-verdade: uma explicação cibernética**. VII Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia, 2019a.

CESARINO, Letícia. **Identidade e representação no bolsonarismo**: corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. *Revista de Antropologia*, v. 62 n. 3, p. 530-557, 2019b.

CESARINO, Letícia. **Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil**. *Internet & Sociedade*, v. 1, n. 1, p. 91-120, 2020. Disponível em: <[https://www.academia.edu/download/62205827/numero1\\_volume1\\_fev2020\\_cesarino20200226-14293-ugnyh.pdf](https://www.academia.edu/download/62205827/numero1_volume1_fev2020_cesarino20200226-14293-ugnyh.pdf)>. Acesso em: 26 set. 2020.

CORREIO BRAZILIENSE, 2022. **Mourão sobre derrota de Bolsonaro: 'Falava mal de vacina'**. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/11/5052163-mourao-sobre-derrota-de-bolsonaro-falava-mal-de-vacina.html>>

DALMONTE, Edson; DIBAI, Priscilla. A direita radical 'bolsonarista': da aporofobia à defesa da memória de regimes de exceção. *IdeAs. Idées d'Amériques*, n. 14, 2019.

GODOI, Christiane Kleinübing; COELHO, Ana Lúcia de Araújo Lima; SERRANO, Araceli. **Elementos epistemológicos e metodológicos da análise sociológica do discurso: abrindo possibilidades para os estudos organizacionais**. *Organizações & Sociedade*, v. 21, p. 509-535, 2014.

KRITSCH, R.; ALMEIDA, A.; SANCHES, R. O. **Plataformas e algoritmos na política digital**: a implosão das democracias tal como a conhecemos. Paper apresentado no GT 11 Crise da Democracia do 44o Encontro Anual da ANPOCS (2020).

LEMOS, André. **Dataficação da vida**. *Civitas-Revista de Ciências Sociais*, v. 21, p. 193-202, 2021.

LERNER, Celina. **A mentalidade conservadora no Brasil**: uma análise da interação política em redes sociais digitais. 2019. Tese de Doutorado. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do ABC.

MELLO, Patrícia Campos. **Por que os brasileiros deveriam ter medo do gabinete do ódio**. *New York Times*. New York, 04 ago 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/pt/2020/08/04/opinion/international-world/bolsonaro-gabinete-do-odio.html>. Acesso em: 28 set. 2020.

METRÓPOLES, 2022. **Zema diz que Bolsonaro menosprezou pandemia e “perdeu para si mesmo”**. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/zema-diz-que-bolsonaro-menosprezou-pandemia-e-perdeu-para-si-mesmo>>.

MIGUEL, Luis Felipe. **O colapso da democracia no Brasil: da constituição ao golpe de 2016**. Fundação Rosa Luxemburgo, 2019.

MOUNK, Yascha. **O povo contra a democracia: porque nossa liberdade corre perigo e como salvá-la**. Editora Companhia das Letras, 2019. E-Book. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=lang\\_pt&id=JMWHDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&dq=Mounk&ots=8ibrHBn8W6&sig=8GPkF78ZcmQPd5tDXrOnFZMgzA](https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=lang_pt&id=JMWHDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&dq=Mounk&ots=8ibrHBn8W6&sig=8GPkF78ZcmQPd5tDXrOnFZMgzA)>. Acesso em: 02 set. 2019.

PENTEADO, Claudio Luis de Camargo. **Marketing político na era digital: perspectivas e possibilidades**. Revista USP, n. 90, p. 6-23, 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/34009/36743>>. Acesso em: 17 set. 2019.

PENTEADO, Claudio Luis de Camargo. **Facebook e campanha eleitoral digital**. Em Debate: Periódico de Opinião Pública e Conjuntura Política, Belo Horizonte, ano 4, n. 4, p. 41-53, jul. 2012. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/3304>>. Acesso em: 15 out. 2019.

PERSICHETTI, Simonetta.; CIOCCARI, Deysi. A política e o espetáculo em Jair Bolsonaro, João Doria e Nelson Marchezan. Imagofagia, n. 18, p. 54-84, 2018. Disponível em: <<http://asaeca.org/imagofagia/index.php/imagofagia/article/view/1621>>. Acesso em: 6 nov. 2019.

RAMOS, Rangel Ramiro. **Batalha de hashtags: uma proposta metodológica para monitoramento de controvérsias políticas no Twitter**. Dissertação de mestrado – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense. Niterói, p. 119, 2019.

REIS, Daniel Aarão. Notas para a compreensão do Bolsonarismo. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 46, n. 1, p. e36709-e36709, 2020.

ROCHA, Camila. **'Menos Marx, mais Mises'**: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). 2019. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra Cultural e Retórica do ódio**. Caminhos, Goiania, 2021.

RUIZ, Jorge Ruiz. **Análisis sociológico del discurso**: métodos y lógicas. Forum: Qualitative Social Research , [S.l.] v. 10, n.2, 2009.

RUIZ, Cristian Camilo Jiménez. **O Papel do Twitter nos resultados dos referendos**: casos de estudo: Brexit, no Reino Unido e Referendo pela paz, na Colômbia. 2018. Tese (Mestrado em Ciência da Comunicação) – Repositório Universidade Nova. Lisboa, 2018. Disponível em: <<https://run.unl.pt/handle/10362/31394>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

SANTOS, Romer Mottinha; CIOCCARI, Deysi; DE MORAES, Thiago Perez Bernardes. O clã Bolsonaro e o Twitter: comunicação política e influência na rede social. Mediapolis–Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público, n. 10, p. 65-81, 2020.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. **A democracia impedida: o Brasil no século XXI**. Editora FGV, 2017.

SANTOS JUNIOR, Marcelo Alves dos. **Plataformização da comunicação política**: governança algorítmica da visibilidade entre 2013 e 2018. In: E-Compós. 2021.

SILVA, Danillo da Conceição Pereira. **Embates semiótico-discursivos em redes digitais bolsonaristas**: populismo, negacionismo e ditadura. Trabalhos em Linguística Aplicada, v. 59, p. 1171-1195, 2020.

VINHAS, Otávio Iost. **Os sentidos da " facada" em Jair Bolsonaro**: uma análise de redes culturais online à luz da Teoria dos Sistemas de Niklas Luhmann. 2019. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas.

VISCARDI, Janaisa Martins. **Fake news, verdade e mentira sob a ótica de Jair Bolsonaro no Twitter**. Trabalhos em Linguística Aplicada, v. 59, n. 2, p. 1134-1157, 2020. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-18132020000201134&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-18132020000201134&script=sci_arttext)>. Acesso em: 28 set. 2020.

ZUBOFF, Shoshana. **Big other: surveillance capitalism and the prospects of an information civilization**. In: BRUNO, Fernanda et al. (Ed.). Tecnopólicas da vigilância: perspectivas da margem. Boitempo Editorial, 2019.